

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL

BERNARDO LUIZ MARTINS MILAZZO

**A CONSTRUÇÃO DA FRONTEIRA ÉTNICA NO PROCESSO DE
ROMANIZAÇÃO NA BRITÂNIA ROMANA:
Os casos de resistência das revoltas de Carataco e Boudica durante o
século I d.C.**

NITERÓI
2008

BERNARDO LUIZ MARTINS MILAZZO

**A CONSTRUÇÃO DA FRONTEIRA ÉTNICA NO PROCESSO DE
ROMANIZAÇÃO NA BRITÂNIA ROMANA:
Os casos de resistência das revoltas de Carataco e Boudica durante o
século I d.C.**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, para obtenção de grau de mestre. Área de Concentração: História Social; Setor temático de História Antiga e Medieval.

Orientadora: Prof. Dra. SÔNIA REGINA REBEL DE ARAÚJO

**NITERÓI
2009**

RESUMO

A presente dissertação de mestrado visa analisar as relações de poder existentes na Britânia sob o domínio romano durante o Alto Império. Temos como um dos objetivos principais estudar a aplicação do conceito de “fronteira étnica”, tal como foi enunciado por Fredrik Barth ao caso da resistência dos bretões ao processo de romanização da Britânia romana na segunda metade do século I d.C. Para tal, nos propomos a analisar e interpretar as experiências locais da atuação de Roma em termos sociais e político-culturais, designadamente o processo de romanização da Britânia, assim como os movimentos de resistência de Carataco e Boudica, decorrentes dessa presença. A nossa escolha por abordar a problemática a partir da perspectiva da fronteira étnica fundamenta-se a partir da obra de Barth, em que este autor a define como uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social, pelo contato e confronto. Esta definição mínima é suficiente para circunscrever o campo de pesquisa designado pelo conceito de etnicidade: aquele do estudo dos processos variáveis e nunca terminados pelos quais os autores identificam-se e são identificados pelos outros na base de dicotomizações “Nós / Eles”, estabelecidas a partir de traços culturais que se supõe derivados de uma origem comum e realçados nas interações.

ABSTRACT

The present Master's dissertation will analyze the power interactions existent in Britain under Roman domain during the High Empire. One of the main objectives of this study is to observe the application of the concept of "ethnic boundary", used by Fredrik Barth, to the case of Briton resistance to the Romanization process in Roman Britain at the second half of the 1st century AC. To do so, we propose to analyze and to interpret the local experience in relation to Roman action in social and politico-cultural terms, studying the Romanization process in Britain, as well as the resistant movements from Carataco and Boudica, results of Roman presence. The choice to approach the subject from an ethnic frontier perspective is based on Barth's work, where the author defines it as a social organization form based in a categorical attribution classifying people from a supposed origin, validated on social interactions such as contact and confrontation. This simple definition is enough to circumscribe the research area designed from an ethnic concept: that from the study of variants and never-ending processes in which authors identified themselves and are identified by others on the dichotomizations "Us/Them", established from supposed cultural traces resulted from a common origin and intensified in interactions.

BERNARDO LUIZ MARTINS MILAZZO

**A CONSTRUÇÃO DA FRONTEIRA ÉTNICA NO PROCESSO DE
ROMANIZAÇÃO NA BRITÂNIA ROMANA: Os casos de resistência das revoltas de
Carataco e Boudica durante o século I d.C.**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal Fluminense,
para obtenção de grau de mestre. Área de
Concentração: História Social; Setor temático de
História Antiga e Medieval.

BANCA EXAMINADORA

**Prof.^a Dr.^a Sônia Regina Rebel de Araújo
Universidade Federal Fluminense**

**Prof.^a Dr.^a Claudia Beltrão da Rosa
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro**

**Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima
Universidade Federal Fluminense**

**NITERÓI
2009**

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal Fluminense,

À Professora Doutora Sônia Regina Rebel de Araújo,

A todos os professores que tive o privilégio de ser aluno durante o curso de Mestrado.

Aos professores da banca examinadora, Dr.^a Claudia Beltrão da Rosa e Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima, pela honra de receber a sua avaliação, especialmente à Professora Claudia, que me acompanha maternalmente desde a graduação.

A tudo e a todos que fizeram parte do meu caminho até aqui.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, p. 11

Capítulo 1: A conquista da Britânia pelos romanos, p. 16

1.1 Imperialismo e Romanização, p. 17

1.1.1 Imperialismo Romano como uma construção do século XIX, p. 19

1.2 A Britânia pré-romana, p. 26

1.2.1 Características e relações inter-tribais e com o continente, p. 27

1.3 A chegada de Roma: as invasões de César, p. 30

1.3.1 As duas invasões de César: 55 e 54 a.C., p. 32

Capítulo 2: A conquista da Britânia por Cláudio e a questão da fronteira étnica, p. 43

2.1 O conceito de fronteira étnica, p. 44

2.2 A campanha da conquista, p. 57

2.2.1 O *oppidum* de Camulodunon e a criação da Colonia Claudia Victricensis Camulodunensium, p. 76

2.3 A revolta de Carataco e a criação de uma fronteira étnica, p. 96

Capítulo 3: A revolta de Boudica: exemplo de resistência à dominação romana, p. 111

3.1 A cooptação romana das elites bretãs, p. 112

3.2 A revolta de Boudica e o estabelecimento de uma fronteira étnica, p. 115

CONCLUSÃO, p. 134

BIBLIOGRAFIA, p. 139

ANEXOS, p. 145

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo principal analisar as relações de poder e conflito existentes na Britânia conseqüentes do contato entre romanos e bretões durante o século I d.C., destacadamente os casos de resistência de Carataco e Boudica, analisados pela perspectiva da fronteira étnica, segundo a teoria de Barth.

O imperialismo é um tema atualíssimo e acreditamos que a análise do processo de romanização, tal como vem sendo estudado, pode contribuir em muito para a elucidação do tema. Estudos recentes¹ ressaltam o fato de que as populações locais não foram passivas frente à ação de Roma, levando a pesquisa histórica a se voltar para as experiências locais, de trocas culturais e políticas em toda a extensão do Império.

A pesquisa histórica volta-se para as diferentes formas de interação cultural entre a *urbs* e suas províncias, em cada época e destacando-se as especificidades e as demandas locais. Deste modo, percebemos que a hegemonia romana, longe de se tratar de uma simples imposição, foi um produto da negociação² e da apropriação³.

De maneira geral, as teorias da etnicidade acentuam o fato de que o Nós constrói-se em oposição ao Eles. A pertença a um grupo implica a existência de uma categoria de excluídos. Qualquer denominação de caráter étnico é diferencial e opositiva. No nome que um povo se atribui existe, manifesta ou não, a intenção de se

¹ SAID, E. W. *Cultura e Imperialismo*. SP: Cia. das Letras, 1995

² entendemos “negociação” por uma dinâmica bidirecional onde, segundo Gruzinsky (MENDES, BUSTAMANTE e DAVIDSON, 2005) “...os elementos opostos das culturas em contato tendem a se excluir mutuamente, eles se enfrentam e se opõem uns aos outros; mas, ao mesmo tempo, tendem a se interpenetrar,

a se conjugar e a se identificar.”(p. 25)

³ entendemos “apropriação” como forma de adquirir pra si aquilo que vem de outrem e mesclar ambos, criando uma nova dinâmica e/ou uma coisa nova.

distinguir dos povos vizinhos, de afirmar esta superioridade que é a posse de uma língua comum e inteligível. A etnicidade tem por definição dois lados que, ao mesmo tempo que afirma um EU coletivo, nega Outro coletivo. Sua característica principal é a emergência de uma consciência de separação e de formas de interação que só podem surgir num contexto social comum.

A etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrario, a intensificação das interações características do contexto que estudamos e também do mundo moderno. Logo não é a diferença cultural que está na origem da etnicidade, mas a comunicação cultural que permite estabelecer fronteiras entre os grupos por meio dos símbolos simultaneamente compreensíveis por aqueles que estão dentro e fora do grupo.

No primeiro capítulo, intitulado *A conquista da Britânia pelos romanos*, serão primeiro delimitados os conceitos de *imperialismo romano* e em seguida apresentadas as características da Britânia antes da chegada das forças romanas de César em 55 e 54 a.C., assim como as relações entre as tribos antes e depois dessa invasão. O capítulo abordará ainda as campanhas de César em suas origens e conseqüências, nas quais estabeleceu o contato direto entre Roma e a região da Britânia, além da formação de reinos clientes. Tais elementos são fundamentais para compreendermos como Roma já começara a interferir nas relações entre as tribos da ilha, tendo como ápice a ascensão da tribo dos Catuvellauni e aí a origem suposta da campanha de conquista do imperador Claudio em 43 d.C.

Posteriormente, no segundo capítulo, intitulado *A conquista da Britânia por Cláudio e a questão da fronteira étnica*, trabalharemos com o conceito de *fronteira étnica*, de acordo com a teoria de Barth, onde procuramos observar os elementos

fundamentais para definir o conceito e adiante poder trabalhar com os casos específicos propostos nesta dissertação. Apresentamos a campanha de Claudio tendo o cuidado de buscar as origens do movimento que levou a tal momento, que foi a ascensão da tribo dos Catuvellauni como potência expansionista sobre as tribos bretãs. Tal situação arriscava a integridade do comércio entre a Britânia e Roma, assim como a integridade e segurança dos reinos clientes da ilha, como os Atrebates. Utilizamos o registro de Tácito na obra *Anais* para analisar, por intermédio da técnica da leitura isotópica, o desenrolar dos eventos da campanha de Claudio, assim como identificar os elementos formadores da *fronteira étnica* presentes na obra, como o discurso de Carataco diante do Imperador Claudio. Apresentamos também, uma análise sobre a criação da *colonia* de *Camulodunum* pelos romanos e suas funções, tanto a nível administrativo quanto simbólico da submissão dos bretões, mais um elemento da formação de uma *fronteira étnica*.

Ainda no mesmo capítulo a campanha de resistência de Carataco é, com os fundamentos trabalhados nas seções anteriores, analisada intimamente pela teoria das relações étnicas e foi onde buscamos traçar os variados níveis de como os grupos envolvidos estariam compreendendo estas relações.

Mais adiante, no capítulo terceiro, intitulado *A revolta de Boudica: exemplo de resistência à dominação romana*, apresentamos e analisamos pela perspectiva da *fronteira étnica* a política de Roma da cooptação das elites bretãs e como ela se relaciona com as causas, o desenrolar e a conclusão da revolta da rainha Boudica em 60-61. Ainda demonstramos como esta revolta teve um impacto importante no projeto de romanização da ilha, principalmente no que tange ao crescimento das cidades, com o exemplo da capital provincial, a *colonia* de *Camulodunum*.

Como objetivos deste trabalho, de modo geral, procuramos analisar o processo de romanização da Britânia e a prática política romana na província, a fim de observar as estratégias utilizadas para a consolidação do domínio romano junto às populações locais, assim como as estratégias de resistência e de negociação dessas populações em relação ao poder central romano, naquilo que permite a documentação selecionada.

Especificamente, temos por objetivos: 1) Analisar o movimento de incorporação da região desde o processo de disseminação da cultura latina a partir da Gália – que mantinha contato com a península itálica antes das campanhas de conquista de César em 55-54 a.C. –, de onde sofreu influências políticas e culturais, desde relações comerciais até migrações, até a posterior campanha de conquista imperial empreendida por Claudio em 43 d.C. e a anexação como província; e 2) Analisar à luz da teoria da fronteira étnica de Barth dois movimentos de resistência decorrentes da conquista da região pelas forças romanas: revoltas de Carataco e Boudica. O primeiro estando inserido no início da campanha militar de Claudio e o segundo, já no governo de Nero, considerado o mais sério confronto em terras insulares durante a presença romana na ilha, quando três importantes cidades foram destruídas, incluindo a capital Camulodunum.

Temos por hipóteses dessa pesquisa as seguintes questões, as quais comprovaremos no final desta dissertação, na seção *Conclusões*:

1 – O processo de romanização da Britânia ocorrido durante o primeiro século d.C. foi marcadamente original, mesmo única, e não se deu de modo completo, mas superficial, pois a contínua resistência dos bretões à dominação Romana imprimiu algumas características a esse processo;

2 – A visão dos letrados romanos que escreveram sobre os bretões e a dura conquista da Britânia pelos romanos é preconceituosa e revela um rigor decorrente das tensões e conflitos surgidos no processo de conquista e de romanização da ilha;

3 – Nos embates entre bretões e romanos no decorrer do processo de dominação imperialista da Britânia construiu-se uma “fronteira étnica” entre os povos dominadores e os dominados que se percebe através do estudo das diversas formas de resistência dos bretões aos romanos que incluíam desde discursos até a revolta aberta de bretões contra romanos.

Empregamos da abordagem semiótica a técnica da leitura isotópica desenvolvido por Algirdas Greimas⁴ na análise dos discursos do *corpus* documental. Escolhemos este método, pois nos permite analisar a estrutura significativa de cada documento, e do *corpus* como um todo, no que se refere ao aspecto semântico. Buscando atingir aquilo que é chamado de “macrosemântica” – a significação do discurso como um todo – a técnica de leitura isotópica procede por três etapas sucessivas. Do exame comparativo das frases e enunciados do texto, atingimos a determinação das categorias de significação constantes no texto; a partir desta determinação, delimitamos as categorias isotópicas – i.e., recorrentes no texto, que, então, são distribuídas em três níveis semânticos: o figurativo, o temático e o axiológico. Os resultados obtidos na leitura isotópica poderiam ser organizados num quadrado semiótico, uma representação gráfica da articulação de uma categoria semântica num discurso dado, do qual é a sua estrutura profunda, seu núcleo de sentido.

Diante da escassez de fontes escritas relacionadas à província da Britânia, não nos limitaremos a estudar as fontes textuais romanas, pois acreditamos que elas refletem

⁴ GREIMAS, A.J. & COURTÈS, J. Dicionário de Semiótica. SP: Cultrix, 1989

uma fração limitada, longe de uma imparcialidade “ideal” (se isso é realmente possível). Dessa maneira, buscaremos estudar também fontes arqueológicas e/ou imagéticas, principalmente planos de cidades e material numismático. Para tal, utilizaremos a análise semiótica de imagens, conforme apresentada por Ciro F. S. Cardoso, tendo-as como modos de linguagem, e não apresentar estas imagens apenas como um material ilustrativo da pesquisa, mas fazer comportá-la todo o significado e significante de certa região e de certo tempo. Dessa forma, não ficarei apenas no campo semiológico, mas também busco atrelar estas discussões com autores de outras áreas em especial nesse caso com a arqueologia, abordando essa íntima relação, imagem, história, linguagem e semiologia, que ainda é nova nos estudos históricos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Tabela 1 – Cronologia da ascensão dos Catuvellauni, p. 58
- Figura 1: Mapa destacando as rotas do avanço das legiões romanas em 43-47 d.C., p. 61
- Figura 2: Painel com inscrição do Arco de Claudio, Roma (51-52 d.C.), p. 62
- Figura 3: Texto restaurado do Arco de Claudio (de acordo com Castagnoli e Gatti), p. 63
- Figura 4: Conquista romana da Britânia – avanço da zona militar de influência entre 47-51 d.C., p. 64
- Figura 5 – Moeda de prata, provavelmente de Prasutargus, p. 66
- Figura 6: Sudeste da Britânia nas décadas seguintes à invasão de 43 d.C., p. 67
- Figura 7 – Mapa da Britânia com demarcação aproximada dos territórios tribais, p. 70
- Figura 8 – Complexo Gosbecks-Sheepen, p. 79
- Figura 9 – Forte em Camulodunum, p. 81
- Figura 10 – Recipiente com quadrigae, p. 84
- Figura 11 – Recipiente de vidro representando corrida em circus (1), p. 85
- Figura 12 - Recipiente de vidro representando corrida em circus (2), p. 86
- Figura 13: Plano de Camulodunum mostrando a localização do circus, teatro romano e o Templo de Claudio., p. 87
- Figura 14: Visão aérea da localização do Circus, p. 88
- Figura 15: Mapa com as principais áreas de mineração da Britânia e cidades próximas, p. 90
- Figura 16: Desenhos das moedas de Alexandre e Carataco relacionadas a Hércules e Zeus Ammon, p. 102
- Figura 17: Desenhos de moedas dinásticas romanizadas, p. 102

Figura 18 - Principais eixos da malha de estradas romanas na Britânia, p. 104

Figura 19: Plano do forte próximo ao oppidum de Camulodunon e futura colônia de Camulodunum entre 44-49 d.C., p. 118

Figura 20: Plano da colônia de Camulodunum entre 49-60/1 d.C., p. 119

Figura 21: Plano da colônia de Camulodunum logo após a revolta de Boudica, entre 60/1-80 d.C., p. 120

Figura 22: Plano da colônia de Camulodunum entre os anos de 80-100/25 d.C., p. 121

Figura 23: Plano da colônia entre os anos de 100/25-400 d. C., p. 121

Rede 1: Visão dos bretões sobre os bretões e sobre os romanos, p. 128

Rede 2: Visão dos romanos sobre os bretões, p. 131

Tabela 2: Tribos da Britânia, localização e extensão geográfica(referência atual) e natureza da relação com Roma, p. 145

Figura 24: Circus Romano de Colchester, p. 150

Capitulo 1: A conquista da Britânia pelos romanos

1.1 Imperialismo e Romanização

O conceito de Imperialismo é um tema bastante atual e acreditamos que a análise do processo de romanização, tal como vem sendo estudado, pode contribuir em muito para a elucidação do tema. Na modernidade, definiu-se tradicionalmente o imperialismo como a ação de dominar terras habitadas por outros povos, além das idéias que justificam este domínio. Trata-se, portanto, da teoria e da prática de um centro dominante governando um território subordinado periférico. Os meios que estabelecem este controle são variados: desde a força bruta até a cooptação política, criando uma dinâmica específica de dependência⁵. Daí, temos a importância do estudo do Império Romano em termos do conceito de Romanização, tal qual foi usado como inspiração e modelo para o imperialismo no Ocidente moderno.

Estudos recentes ressaltam o fato de que as populações locais não foram passivas frente à ação de Roma, levando a pesquisa historiográfica a se voltar para as experiências locais, de trocas culturais e políticas em toda a extensão do Império, naquilo que Said denominou “experiências divergentes”⁶. O conceito de Romanização vem sofrendo alterações substantivas e vem sendo tratado atualmente como um conceito de mudança social complexo e variado. A pesquisa histórica volta-se para as diferentes formas de interação cultural entre a *urbs* e suas províncias, em cada época e destacando-se as especificidades e as demandas locais. Deste modo, percebemos que a hegemonia romana, longe de se tratar de uma simples imposição, foi um produto da negociação e da apropriação.

⁵ SAID, E. W. *Cultura e Imperialismo*. SP: Cia. das Letras, 1995.

⁶ *idem*

Optamos por seguir nesta dissertação a linha que vê o Imperialismo como um fenômeno histórico e o definimos como a ação de dominar terras e pessoas que são caracterizadas como inferiores de alguma maneira a justificar tal prática. É a prática, a teoria e as atitudes de um centro dominante governando um outro território periférico. Entre as mais tradicionais maneiras de se alcançar o imperialismo pode-se mencionar: a força, a colaboração política, a dependência econômica, as influências social e cultural, e o processo dinâmico em que esses fatores coexistem entre si, em menor ou maior grau. Tem suas bases em fortes ideologias, cujo principal pilar de sustentação da cultura imperialista é a de que certos territórios e povos “precisam” da dominação, assim como o uso de um vocabulário cultural imperial repleto de conceitos, tais como: inferiores, subordinados, dependentes, bárbaros, não civilizados. Este contexto de domínio também leva ao desenvolvimento das forças de coerção, formação de ideologias, formas, imagens e representações.

Diante disso, podemos afirmar que na definição da cultura imperial romana existiu a aspiração à soberania, influência e predomínio do poder romano sobre o nativo/local. Assim, a Romanização deve ser entendida como a própria cultura integrante das formas de imperialismo, cujos mecanismos divulgavam o projeto de identidade romana num contexto de “mundialização” do mundo antigo. A partir do consenso entre os especialistas, posso afirmar que o conceito de Romanização é um modelo a ser utilizado para se considerar a mudança cultural iniciada com o domínio romano, numa dinâmica relacional entre as identidades culturais provinciais (periferias) e a cultura romana (centro).⁷ Existe uma grande quantidade de evidências materiais do

⁷ MENDES, Norma Musco; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; DAVIDSON, Jorge. A experiência imperialista romana: teorias e práticas. *Tempo*, Niterói, v. 9, n. 18, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042005000100002&lng=es&nrm=iso Acessado em: 05 Nov 2006.

que pode ser definido como uma cultura oficial ou “cultura imperial”, tais como: o exército, as instituições civis (religião, administração, direito), edifícios, cerimônias, planejamento urbano, práticas sociais da vida coletiva, rede viária, sistema econômico, formas de representação imperial (estátuas, moeda, culto).⁸

Argumenta-se, no entanto, que os testemunhos arqueológicos apresentam grande diversidade de acordo com as diferenças provinciais e os diferentes momentos históricos. Assim, algo importante a se destacar, é que o conceito do que era “romano” e o que era “nativo” não pode ser homogêneo, caracterizando a cultura romana como diversa. Por outro lado, também seria equivocado postular que o uso e adoção da cultura romana foi somente uma questão de aceitação ou resistência. O que encontramos nas regiões do Império Romano é uma situação de grande complexidade, na qual os indivíduos na maioria das vezes tinham muitas opções de escolha, apesar da dinâmica particular que as identidades adquirem dentro do contexto do domínio imperial romano.

Tal discussão acerca da identidade é profundamente debatida atualmente, sendo um tema atualíssimo e de grande pertinência não só para o mundo contemporâneo, mas também para enxergar o mundo antigo.

1.1.1 Imperialismo Romano como uma construção do século XIX

A dominação que a Europa exerceu no final do século XIX sobre o mundo, e a teoria do progresso linear, positivismo e do evolucionismo foram tomados como sustentação para a reivindicação dos europeus de serem portadores de direito para liderar outros povos. Era argumentado que esses povos dominados progrediriam através da

⁸ ZANKER, Paul. *The Power of Images in the Age of Augustus*. University of Michigan, 1998

influência, por exemplo, do Império Britânico. Esse discurso redesenhou o passado romano e ajudou configurar o que se tornou conhecido como uma perspectiva “eurocêntrica” na qual Roma teria permitido que a cultura grega clássica fosse transmitida pelo Ocidente.⁹

Com base na apropriação do termo ‘imperium’, a historiografia do século XIX construiu a definição de império como a política expansionista e incorporadora, empreendida por Estados, que passavam a exercer por conquista a soberania sobre ampla extensão territorial.¹⁰

Durante o período que se estende entre o final do século XIX e início do século XX vemos a “ideologia imperial” como parte do discurso patriótico britânico, quando os ingleses estavam no auge do seu imperialismo. Nesse mesmo período, novas correntes intelectuais se desenvolveram e/ou surgiram para construir uma definição, dar sustentação e legitimar essa prática. Foram realizados, dessa forma, diversos trabalhos que buscavam projetar o passado imperial romano sobre uma “missão” britânica. Essa “missão” primordial, relativa ao Império Romano, foi retratada em alguns trabalhos de literatura, transmitindo a civilização clássica para os antigos bretões. Essa herança romana também serviu para retratar os grupos ingleses educados como sucessores da elite imperial romana.

A construção do passado nunca foi uma atividade imparcial. Graças a isso, vemos Roma numa posição especial na formação da história e do pensamento europeu, que por sua vez levou a esculpirmos noções de identidade, cultura, etnia, nação, etc.

⁹ HINGLEY, Richard. Concepções de Roma: uma perspectiva inglesa. Trad.: Renata Senna Garraffoni. In: Funari, Pedro Paulo (org.), *Repensando o Mundo Antigo*. Campinas IFCH-UNICAMP, Coleção Textos Didáticos n.47, março de 2002. Disponível em <http://www.unicamp.br/nee/arqueologia/index.html> - Acessado em: 24/01/2007

¹⁰ MENDES, Norma Musco; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; DAVIDSON, Jorge. A experiência imperialista romana: teorias e práticas. *Tempo*, Niterói, v. 9, n. 18, 2005.

Roma foi uma fonte importantíssima de material para projeções de um passado de glórias e dar o sentido de que determinados grupos estariam destinados a segui-los, por serem herdeiros de um legado do “protetorado de Roma sobre o mundo”. Isso proporcionou elementos que ajudaram a construção da história de muitos povos da Europa, principalmente do Ocidente.

Os romanos seriam os detentores de uma cultura da civilização e a teriam introduzido por meio de suas estradas, prédios públicos, cidades, banhos e pela língua latina, elementos que a Europa Ocidental sentia ter herdado. O cristianismo foi outro fator nesse sentimento de herança, só que da tradição religiosa da Roma Baixo-imperial. Assim, o latim era ensinado e falado por uma elite ilustrada dos séculos XIX e XX, que separava a sociedade entre aqueles que podiam ou não entendê-lo. Isso criou mais um elemento para a idéia de associação com os romanos clássicos, como uma herança de uma tradição, religião e civilização em comum.

As elites usaram essa imagem clássica para determinarem como desenvolver diversos âmbitos, como a educação, arte, arquitetura, literatura e política. O contraste entre identidades (bretões, germanos, celtas, saxões, etc) levou à união de diferentes grupos numa mesma nação, por intermédio de uma elite ilustrada que estudava os autores clássicos que escreviam sobre a expansão romana e a partir dessas informações enxergarem um legado, uma conexão, com um grupo étnico significativo em comum ou uma localização geográfica onde esses grupos teriam vivido. Hingley nos leva a entender claramente essa postura ideológica a seguir:

Os romanos e as imagens da origem dos nativos, no entanto, não foram sempre desenvolvidas em oposição de uma a outra, como foram argumentadas em certas ocasiões, poderiam ser combinadas

para desenvolver uma concepção nacionalista da grandeza contemporânea.¹¹

Dessa forma, cientistas naturais, geógrafos e antropólogos visavam com as necessidades de legitimação do Império Britânico, justificar a expansão do ensino e pesquisa em seus campos de investigação neste período. Assim, determinadas estruturas para carreira acadêmica começaram a existir. A Arqueologia Romana, sob influência de Francis Haverfield, foi um dos objetos de estudos que conseguiram, neste momento, credibilidade acadêmica.

A arqueologia teve uma participação fundamental no processo descrito, pois foi possível localizar esses povos na paisagem européia. No século XIX e início do XX, os achados auxiliaram no desenvolvimento de uma identidade nacional própria. Num caso específico, por ela foram encontrados e estudados diversos vestígios da presença romana na Britânia, como sua invasão no século I a.C; além disso, foram estudadas as fontes clássicas que descreviam esses acontecimentos. A partir desses principais elementos foi possível criar uma definição do propósito imperial da Inglaterra e uma conexão com um passado imaginado. É importante ressaltar que essa sensação de pertencimento é imprescindível para a definição de identidade nacional, tornando poderosa a Arqueologia como instrumento, pois ligava determinadas identidades étnicas a certas evidências: fontes arqueológicas e textos clássicos.

Pelas construções dos historiadores romanos da época foram produzidos relatos de um poder “civilizador”, representado por Roma, e dos “bárbaros”, que mesmo resistindo foram incorporados ao império. Nesse contexto, Roma era vista como executando um papel especial: a transferência da “civilização” para diversos povos da

¹¹ HINGLEY, Richard. Concepções de Roma: uma perspectiva inglesa. Trad.: Renata Senna Garraffoni. In: Funari, Pedro Paulo (org.), *Repensando o Mundo Antigo*. Campinas IFCH-UNICAMP, Coleção Textos Didáticos n.47, março de 2002. Disponível em <http://www.unicamp.br/nee/arqueologia/index.html> Acessado em: 24/01/2007

Europa ocidental. Assim, os europeus passaram a ter essa missão, de civilizar o mundo dos “bárbaros”, os quais pelas descrições dos textos clássicos, de alguma maneira, mais se assemelhavam aos povos do Novo Mundo do que com as populações da Europa Ocidental da época.

As tendências da historiografia do final do século XIX e início XX trataram de todo um empenho de construção do passado romano, devido às suas conjunturas bem específicas: os imperialismos da Europa do século XIX e os nacionalismos do século XX. Essas correntes foram importantes para os estudos clássicos, pois graças a elas muitos foram os achados arqueológicos, pesquisas, teorias e análises sobre esse período. Com esses elementos as nações poderosas valorizavam os seus poderes centrais, sua capacidade militar, política e o valor civilizatório que alguns deveriam levar a outros que não o possuíam, como uma missão. Todos esses elementos foram sendo resgatados a partir de um passado essencialmente romano, para legitimar suas ações.

Para tal, um passado romano foi construído, influenciado por essas visões e interesses. Uma Roma imperialista foi conhecida. Foi então necessária a criação desse conceito: *imperialismo*, a prática imperialista. Ainda assim é importante alertar que essa visão dos séculos XIX e XX não se trata de uma forma inferior, mas sim de uma tendência historiográfica superada atualmente no meio acadêmico, apesar de ter suas exceções.

A reação veio com a chamada *Descolonização*, quando a tendência passou a ser justamente a valorização das minorias, dos vencidos. Com ela começaram a se destacar outros grupos na antiguidade que antes eram apenas coadjuvantes ou meros personagens que ali estavam a espera da civilização que seria trazida pelos romanos. Nessa virada ideológica do século XX, vemos o surgimento de fatias da História que antes estavam

fadadas ao esquecimento ou a um papel inferior, como por exemplo as histórias de gênero, negros, homossexuais, etc. e da micro-história.¹²

Diante desse processo de superação, estamos até hoje debatendo sobre diversos desses elementos, distantes ainda de uma resolução, se é que isso é algo possível de se alcançar. Apesar de podermos traçar aqui alguns deles pela relevância que têm para nosso estudo, preferimos por razões pragmáticas e objetivas diante da nossa proposta discutir, neste momento, apenas um deles: Romanização.

O conceito em aplicação pressupõe um processo de mudança multifacetada em termos de seus meios e fins, implicando diferentes formas de interação cultural. Nesta perspectiva fica expresso um contínuo desenvolvimento da cultura nativa, aberta a processos interativos diferentes em épocas distintas e em resposta às escolhas e demandas locais.

Entendemos *identidade* como um processo de identificação no contexto das relações entre o “eu” e o “outro”, do qual se constrói um sistema complexo de interpelações e reconhecimentos, através dos quais os agentes sociais se inscreveriam de boa vontade ou com conflitos. Assim, o conceito é um processo de identificação desse “eu” a partir da relação com o “outro”.¹³

Na construção da identidade romana foi primordial a crença numa missão predestinada para civilizar o mundo, alicerçada por um conjunto de atitudes, auto-imagens e representações, as quais se referiam à identificação daquilo que seria o “ser” romano. Esta ideologia de uma prática civilizatória, criava limites e modelava de várias formas a vida pública e privada, através de um conjunto de dispositivos para veicular e

¹² BUSTAMANTE, Regina. “Roma Aeterna” in COSTA, D.; SILVA, F. C. T. da. *Mundo Latino e Mundialização*. Rio de Janeiro: Mauad, (p. 35), 2004

¹³ MENDES, N. M. *Sistema Político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

impor a adoção do ideal de ser romano, tais como: produção intelectual, religião, educação, alteração da natureza, instituições e a construção de cidades. Logo, se confundem com a própria prática imperialista.¹⁴ Parece-nos, então, clara a relação entre o Imperialismo e a Romanização. A segunda, entendida como um processo de mudança físico-arquitetônica, étnico-cultural e político-religiosa, implicando múltiplas trocas, intensa circulação e apropriações culturais.

Deve ser levado em consideração que, diferentemente de outras posturas historiográficas, esta perspectiva identifica e defende um contínuo desenvolvimento da cultura, aberta a processos interativos, em épocas distintas e em resposta às escolhas e necessidades.

Pensando a Romanização desta forma, identificamos o relacionamento dos romanos com os “outros” fundamentados em estratégias políticas de “fusão”, visando a criação de lugares de ambigüidade, possibilitando a negociação cultural para uma maior aceitação e menor resistência. Assim, observamos múltiplas trocas do patrimônio simbólico e intensa circulação, expropriações e apropriações culturais. A cultura simbólica passa a fazer sentido, ter um significado inteligível a todos, sendo imprescindível destacar que o exército e a cidade se constituíram nos principais mecanismos de Romanização.

Atualmente temos, inclusive, contestações até sobre o termo romanização, pois ele dá uma idéia de um processo único, mesmo que múltiplo. Um processo de assimilação e trocas culturais no Egito, por exemplo, seria chamado de romanização da

¹⁴ MENDES, N. M. *Sistema Político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

mesma maneira que o processo ocorrido na Britânia? Dessa forma, sigo a tendência a considerar diferentes tipos de “romanizações” e não somente uma.¹⁵

1.2 A Britânia pré-romana

Na Britânia, assim em territórios continentais, explicações da expansão do poder romano tradicionalmente focalizaram unicamente nas qualidades de Roma, devido a uma idealização de um passado romano relacionada às ideologias nacionalista ou imperialista. É importante destacar que, diante dos vários nomes de pessoas citadas em textos clássicos, populações “indígenas” eram tratadas essencialmente como um grupo único, como se fossem as mesmas, como o termo “antigos bretões” ou “celtas”, sendo as distinções tribais tratadas com superficialidade. Dessa forma, trataremos nessa seção das principais características desse conjunto, naquilo que a documentação e as fontes selecionadas nos permitiram.

Para facilitar o acompanhamento da leitura, dispomos de um mapa com a localização das tribos bretãs, assim como uma tabela relacionando o nome da tribo, sua localização geográfica e extensão (baseada nos nomes atuais das regiões) e a natureza de sua relação com Roma. O mapa refere-se à figura 7 e a tabela pode ser encontrada entre os anexos ANEXOS.

¹⁵ HINGLEY, Richard. Concepções de Roma: uma perspectiva inglesa. Trad.: Renata Senna Garraffoni. In: Funari, Pedro Paulo (org.), *Repensando o Mundo Antigo*. Campinas IFCH-UNICAMP, Coleção Textos Didáticos n.47, março de 2002. Disponível em <http://www.unicamp.br/nee/arqueologia/index.html> - Acessado em: 24/01/2007

1.2.1 Características e relações inter-tribais e com o continente

Geograficamente, a Britânia poderia ser uma unidade para os romanos, porém não constituía uma entidade cultural ou étnica. Era lar de uma multiplicidade de formações sociais, altamente diversas em estilos de vida, economia, cultura material e organização social. Infelizmente, é difícil traçar o quanto essa diferença se manifestava na variação lingüística, devido à profunda escassez de fontes escritas pelos bretões, predominando as fontes escritas romanas.

Foram encontradas evidências do final da Era do Ferro (pré-romana) de uma limitada coesão regional entre grupos, mas não o suficiente para criar uma noção de união bretã, pois essas sociedades seguiram trajetórias às vezes divergentes em seu desenvolvimento, ainda mais considerando que muito da vida cotidiana era baseada numa experiência local, em pequena escala geográfica.¹⁶

Principalmente nas partes sul e leste da ilha, os especialistas vêem mudanças importantes em processo, como a grande expansão de assentamentos rurais e inovações variando do cultivo de novos grãos a regimes mais intensivos de cultivo e cunhagem regional de moedas. Isso inicia um processo de diferenciação social mais expressivo, quando vemos novas relações com o corpo e a identidade, como exemplos a elaboração de broches e o aparecimento de instrumentos de higiene pessoal mais elaborados, assim como novos locais de sepultamento. Isso está intimamente relacionado com o crescimento populacional, especialização e, como já mencionada, diferenciação social. Podemos relacionar esse processo com os contatos entre bretões do sul com gauleses do norte da Gália, esses tendo alcançado tal desenvolvimento anteriormente. Em grande

¹⁶ JAMES, S. 'Romanization and the peoples of Britain'. In: Keay, Simon; Terrenato, Nicola (Eds.) *Italy and the West. Comparative Issues in Romanization*. Inglaterra: Oxbow Books, 2001

parte das terras baixas da Britânia, um maior nível de convergência cultural e política entre sociedades precedeu e facilitou a anexação romana.

O problema está em ver esse processo como algo de uma única direção (continente-ilha). Da mesma forma que o termo “romanização” é contestado, igualmente o é o termo “galicização”, pois leva a situação de que as terras do sul da Britânia eram essencialmente periféricas e dependentes de um desenvolvimento continental para o seu próprio.¹⁷ Enquanto a ilha realmente recebeu inovações continentais, devemos enxergar os processos através do Canal (*Oceanus Britannicus*) desenvolvendo-se numa verdadeira troca bidirecional, apesar da relação cultural ter se mantido assimétrica. Os relatos de César já mencionam a presença sutil de exportações políticas e culturais bretãs, como o druidismo e as forças mercenárias, tornando o Canal uma verdadeira zona de interação.¹⁸

Textos de autores clássicos – como Tácito, Dion Cassio e Julio César – sobre o sul da Britânia e a Gália, descrevem interações mais próximas entre as elites, incluindo casos de migrações de famílias aristocráticas e exemplos de nobres cujos interesses pessoais desconsideraram fronteiras. Essas redes de poder através do Canal possibilitaram ao príncipe dos Atrebates da Gália, Commius, a estabelecer-se como rei na Britânia no período de César. Um século depois, a habilidade do príncipe dos

¹⁷ HINGLEY, R. *Recreating coherence without reinventing Romanization* In: ‘Romanization’? – Proceedings of a post-graduate colloquium, held at The Institute of Classical Studies, University of London, 15 November 2002 – Digressus Supplement 1 (2003). Disponível em: <http://www.digressus.org/articles/romanizationpp111-119-hingley.pdf> Acessado em: 25/01/2007

¹⁸ DAVIDSON, Jorge. A construção de um espaço para o império romano: arquitetura, monumentos e ordenamento espacial – Estudo de casos: cidade de Roma e Bretanha Romana – séculos I e II. Tese de Doutorado. UFF, Niterói, 2004

Catuvellauni, Carataco, em estabelecer autoridade na região atual de Gales sugere a existência de redes também através da Britânia.¹⁹

No entanto, nobres bretões podem ter visto com bastante interesse essa aproximação dos romanos pelas influências culturais anteriores. Isso se deu pelas relações entre tribos insulares com povos da Gália, além de migrações de tribos entre o continente e a ilha.

Essa postura de alguns grupos nobres da Britânia pela incorporação sugere interesses mais locais, pois não vemos evidências claras da presença de bretões na carreira política imperial. Tal atração pode ser relacionada a famílias que buscavam uma maior estabilidade política. Com o poder romano garantindo seus poderes a nível local, provavelmente em um primeiro momento, isso deve ter levado a manutenção de diversos aspectos da ordem social existente. O que mostra a grande relação do sul da ilha com o norte da Gália, onde os poderes nobres ou reais estavam relacionados a ambições pessoais ou dinásticas, ao invés de uma valorização das redes de união locais, enquanto um senso de unidade e identidade era muito fraco em seu desenvolvimento. Afinal, a idéia de se submeterem a um poder distante, imperial e culturalmente diferente não seria algo a criar valores de reconhecimento de uma identidade comum.

Pode ser dito, então, que uma das razões do sucesso da província que se formou no sul da ilha se deveu a articulação da sua nobreza nas redes de relações com o norte da Gália, que levou a uma espécie de estrutura para a chegada de Roma. Claro que alguns especialistas supervalorizam essa linha, mas preferimos dar um valor a ela mais como parte de um conjunto, que em sua totalidade explicaria de maneira mais aproximada o que foi o processo de romanização da Britânia.

¹⁹ JAMES, S. 'Romanization and the peoples of Britain'. In: Keay, Simon; Terrenato, Nicola (Eds.) Italy and the West. Comparative Issues in Romanization. Inglaterra: Oxbow Books, 2001

1.3 A chegada de Roma: as invasões de César

[...] O deificado Julius, o primeiro romano a entrar na Britânia com um exército, que por um bem-sucedido enfrentamento, levou terror aos habitantes e ganhou posses na costa, deve ser considerado como tendo indicado ao invés de transmitido a aquisição às futuras gerações. [...]²⁰

Nos *Commentarii de Bello Gallico*, Júlio César relata as campanhas que lhe tornaram senhor da Gália. César escreveu os sete primeiros livros dos *Commentarii* no outono de 52 AC, logo após sua vitória sobre Vercingetórix, quando podia considerar que a vitória sobre a Gália estava completa. Era, então, um momento propício para relatar os episódios da guerra ao público romano, que só conhecia as campanhas por meio de relatos esporádicos, geralmente tendenciosos, de *amici* demasiadamente zelosos da imagem de César, ou de inimigos maledicentes.

Neste momento, César via chegar a hora em que seria chamado a Roma, e lhe era conveniente preparar a opinião pública romana – à época muito influente na vida política da *urbs* – para viabilizar sua candidatura a um segundo consulado e evitar processos judiciais por parte de seus adversários. A oposição política a César em Roma se tornava cada vez maior.

A opinião pública oscilava entre os alarmistas de plantão e os relatos fantasiosos de cesarianos entusiastas. É verossímil, pois, que César tivesse a intenção de apresentar o *seu* relato, a *sua* versão dos acontecimentos. Deste modo, ele não tinha como público-alvo os historiadores futuros, mas sim um público mais imediato e mais amplo, escrevendo seu relato, aparentemente neutro e objetivo pelo estilo e pela forma, mas que podia atingir os seus contemporâneos e os leitores da posteridade com uma versão

²⁰ TACITO, *Agricola* 13 (Tradução do autor, da versão em inglês)

cesariana dos acontecimentos. Deste modo, os *Commentarii* não são o texto de um historiador, nem o de um homem de letras, tampouco o de um “analista” romano; é a obra de um político e general vitorioso que, certamente, pretendia se defender de seus poderosos inimigos políticos e consolidar as bases de seu poder. Há, portanto, imprecisões, especialmente de ordem topográfica e etnográfica, e negligências, algumas provavelmente intencionais.

Como, então, devemos lidar com estes livros, em termos de documentação textual para pesquisas e análises históricas dos eventos, das circunstâncias e dos grupos humanos envolvidos na Guerra da Gália, posto que se trata, antes de tudo, de uma obra com nítidas intenções políticas? Sua utilização para a pesquisa historiográfica deve ser feita, contudo, cuidadosamente. Para o historiador, contudo, os *Commentarii* são inescapáveis, mas suas informações devem ser criticadas e controladas por outros documentos textuais e imagéticos.

A descrição de César de sua invasão à Britânia, no segundo livro do *Commentarii de Bello Gallico*, marcou a primeira menção de invasão à Britânia em textos da antiguidade. Nesse momento os romanos tinham conquistado a Gália. Para preservá-la como província de Roma, César determinou que ela devia ser separada tanto de seus inimigos quanto aliados estrangeiros.

Após derrotar as tribos germânicas, inimigas da Gália, César decide invadir a Britânia, aliada da Gália. Os insulares bretões auxiliaram os gauleses através do Canal a lutarem contra César. A Britânia, não conquistada e ao seu alcance, podia se mostrar um exemplo perigoso de independência à Gália, e por isso devia ser silenciada e conhecer o poder dos exércitos de Roma. Para cessar a influência da Britânia na Gália e para

impressionar a população de Roma, César liderou suas tropas através do Canal, para a Britânia.

1.3.1 As duas invasões de César: 55 e 54 a.C.

Durante a Guerra das Gálias, Julio César invadiu a Britânia por duas vezes, em 55 e 54 a.C.²¹. A primeira invasão era tanto uma invasão como uma expedição de reconhecimento. A segunda estabeleceu um rei cliente, Mandubracius, e forçou a submissão de seu rival, Cassivellaunus, porém nenhum território foi conquistado.

A Britânia foi conhecida no mundo antigo como fonte de estanho, e foi explorada pelo geógrafo grego Pytheas no século 4 a.C., e provavelmente pelo navegador cartaginês Himilco no século 5 a.C. Mas sua posição na borda do mundo conhecido a fez uma terra de grande mistério. Alguns escritores ainda insistiam que ela não existia²² e a viagem de Pytheas foi descartada como uma farsa.²³

Durante a conquista da Gália, César escreve que os bretões deram suporte a campanhas de gauleses contra ele: a fugitivos entre os Belgae²⁴ que se deslocaram para assentamentos belgas na Britânia²⁵, aos Veneti da Armorica, que controlavam rotas e comercializam ativamente com a Britânia, que ao pedirem ajuda a seus aliados receberam suporte da tribo bretã dos Durotrigues para lutarem contra César em 56 a.C.²⁶

Em finais do verão de 55 a.C., apesar de tardio no período de campanhas dada a aproximação do inverno, quando tradicionalmente eram cessadas as atividades militares, César decidiu fazer uma expedição à Britânia. Ele convocou comerciantes que

²¹ Caesar, *Commentarii de Bello Gallico* 4.20-35, 5.1, 8-23; Dio Cassius, *Roman History* 39.50-53, 40.1-3; Florus, *Epitome of Roman History* 1.45

²² Plutarch, *Life of Caesar* 23.2

²³ Strabo, *Geography* 2.4.1; Polybius, *Histories* 34.5

²⁴ Caesar, *Commentarii de Bello Gallico* 2.14

²⁵ *idem* 2.4, 5.12

²⁶ *ibidem* 3.8-9

negociavam com a ilha, porém eles foram incapazes ou não colaboraram em dar-lhe informações sobre os habitantes e suas táticas militares, ou ainda sobre portos que ele poderia usar, provavelmente por não quererem perder o comércio através do Canal. César enviou um tribuno, Gaius Volusenus, para observar a costa numa única embarcação de guerra. Ele foi, no entanto, incapaz de desembarcar nos portos que encontrou, ou em qualquer outro ponto da costa, pois ele “não ousou deixar sua embarcação e confiar si mesmo aos bárbaros”²⁷, e após cinco dias retornou para se reportar a César.

Em alguns dias, embaixadores de alguns reinos bretões, avisados por comerciantes da iminente invasão, chegaram prometendo sua submissão, e César os enviou de volta, juntamente com Commius, rei da tribo gaulesa dos atrebates, para usar de sua influência a fim de atrair outros reinos clientes, o quanto fosse possível.

César reuniu uma frota em Portus Itius (Boulogne) consistindo de oitenta embarcações de transporte, o suficiente para levar duas legiões (Legio VII e Legio X), e um número desconhecido de embarcações de guerra sob um *quaestor*. Outras dezoito embarcações de transporte desembarcariam de outro porto levando a cavalaria.²⁸ Claramente apressado, César deixou uma guarnição no porto e partiu com as legiões, deixando ordens para a cavalaria de marcharem às suas embarcações, embarcarem, e unirem-se a ele o mais cedo possível. Sob a luz dos eventos posteriores, esse foi um erro

²⁷ *id. ibidem* 4.22 (tradução do autor da versão em inglês)

²⁸ Essas embarcações devem ter sido trirremes ou birremes, ou ainda podem ter sido adaptações dos modelos da tribo dos Veneti que César viu previamente, ou também podem ter sido requisitados dos Veneti e de outras tribos costeiras.

estratégico ou (juntamente com o fato das legiões estarem sem equipamento pesado de sítio)²⁹ confirma que a invasão não tinha por objetivo uma conquista.

César inicialmente tentou aportar em Cantium (Kent), porém quando tinha o litoral sob seu raio de visão, as maciças forças bretãs estavam reunidas nas colinas o dissuadiram em aportar ali, pois as colinas eram “*tão próximas da costa que dardos poderiam ser arremessados*” a qualquer um que tentasse ali aportar. Após esperar ancorados naquele local “*até a nona hora*” e reunir um conselho de guerra, ele ordenou que seus subordinados agissem por iniciativa própria e, então, partiram com a frota até uma praia aberta.

O fato de César não ter utilizado os portos naturais mais acima seguindo a costa, que Claudio usou em sua invasão um século depois, sugere que Volusenus não os havia identificado. Volusenus pode não ter explorado essa região mais distante, ou poderia não existir de uma maneira apropriada naquele período. Seja qual for o caso, entendemos que os registros das explorações de Volusenus à costa leste permaneceram nos registros em Roma e ainda estavam disponíveis na época de Claudio e foram usados por ele (paralelamente com registros das informações de comerciantes anteriores a 55 a.C. e entre 54 a.C. e 43 d.C.) no planejamento dos seus desembarques. Outra possibilidade é que a costa da Britânia, assim como parte de seu interior, já fossem conhecidas o suficiente na época de Claudio.

Sendo acompanhado por todo o percurso da costa pela cavalaria e carroças bretãs, o desembarque teve oposição. Contudo, as embarcações romanas eram muito grandes para se aproximarem da costa e as tropas tiveram que desembarcar em águas profundas, sendo atacadas pelas forças bretãs que estavam na parte rasa. As tropas

²⁹ Caesar, *Commentarii de Bello Gallico* 4.30

estavam relutantes, mas, de acordo com os registros de César, foram lideradas pelo *aquilifer* (portador do estandarte da águia romana) da Legio X, que pulou primeiro como exemplo, gritando: "*Pulem, companheiros, a não ser que vocês desejem trair sua águia ao inimigo. Eu, de minha parte, irei exercer meu dever à República e ao meu General.*"³⁰

Os bretões foram rechaçados com *ballistae* e estilingues atirados a partir das embarcações nos flancos expostos e os romanos conseguiram chegar à margem e fazê-los recuar. A cavalaria, atrasada por causa de ventos desfavoráveis, ainda não havia chegado, assim a vantagem não podia ser posta adiante nem o inimigo ser perseguido. César usou isso como argumento por não ter desfrutado daquilo que, dado o estilo propagandístico do texto, chamou de "sucesso costumeiro"³¹

O relato de César prossegue, dizendo que os romanos estabeleceram um acampamento, receberam embaixadores e tiveram Commius, que tinha sido capturado assim que chegou à Britânia, entregue de volta. César diz que estava negociando numa posição forte e que os líderes bretões, covardemente culpando as pessoas comuns pelos ataques a ele, em apenas quatro dias estavam temerosos e enviaram reféns (alguns prontamente, outros assim que puderam trazer do interior da ilha) e debandaram seus exércitos. No entanto, a cavalaria romana foi vista da costa, mas depois foi repelida e retornou a Gália por causa das tempestades, pelas reservas de suprimentos reduzidas e com sua viagem de retorno ameaçada pelos danos causados às suas embarcações pelas tempestades na maré alta. Percebendo isso, e esperando manter César na Britânia durante o inverno para, então, fazê-lo enfrentar a fome desastrosa, os bretões o atacaram

³⁰ Caesar, *Commentarii de Bello Gallico* 4.25 (tradução do autor da versão em inglês)

³¹ Caesar, *Commentarii de Bello Gallico* 4.26

novamente, emboscando uma das legiões que estava próxima do acampamento, usando uma forma de ataque de cavalaria que era nova para os romanos:

O modo deles de lutar com suas carroças é esse: primeiro, eles se dirigem a todas as direções e arremessam suas armas e às vezes quebram a formação do inimigo com o temor de seus cavalos e o som de suas rodas; e quando eles já trabalharam entre as tropas com os cavalos, saltam de suas carroças e combatem a pé. Os condutores nesse meio tempo recuam a alguma pouca distância da batalha, e se colocam com as carroças que, se seus senhores são sobrepujados pelos números do inimigo, eles têm uma fuga preparada para suas próprias tropas. Assim eles mostram em batalha a velocidade dos cavalos, [juntamente] à firmeza da infantaria; e pela prática diária e exercício alcançam tal perícia que eles estão direcionados, mesmo em local baixo e inclinado, a checar seus cavalos em velocidade total, e manejar e virá-las em um instante [...].³²

As forças romanas, segundo César, resistiram e conseguiram repelir as forças bretãs novamente, mas elas se reagruparam após vários dias de tempestades e atacaram o acampamento romano com uma força maior. Esse segundo ataque foi repellido totalmente, numa fuga sangrenta, com uma cavalaria improvisada que Commius reuniu de bretões pró-romanos.

Após o ataque, os bretões mais uma vez enviaram embaixadores e César, que apesar de ter dobrado o número de reféns, percebeu que não poderia se manter por mais tempo sem arriscar uma travessia no inverno tempestuoso (ele empreendeu a invasão tarde na temporada de campanhas e o equinócio de inverno estava se aproximando), e então permitiu que os reféns fossem entregues a ele na Gália, para a qual ele retornou com o máximo de embarcações que foram possíveis reparar com os destroços das outras embarcações destruídas. Ainda assim, apenas duas tribos se sentiram suficientemente ameaçadas por César para realmente enviar reféns, e dois de seus transportes se separaram do corpo principal e desembarcaram em outro local.

³² *op. cit.* 4.33

Se a primeira invasão foi planejada com intenção de uma campanha em grande escala, invasão ou ocupação, ela falhou, e mesmo sendo vista como uma missão de reconhecimento, teve poucos frutos. O pretexto de César para a invasão era que “*em quase todas as guerras com os gauleses ajudas foram fornecidas ao nosso inimigo daquele país*”³³. Isso é plausível, porém pode ter sido um acobertamento para investigar os recursos minerais e potenciais econômicos da Britânia. Posteriormente, Cícero refere-se à descoberta de que não havia ouro nem prata na ilha como desapontadora³⁴; e Suetônio escreve que César havia ido a Britânia em busca de pérolas.³⁵

Uma segunda invasão foi planejada no inverno de 55-54 para ser executada no verão de 54 a.C. Cícero escreveu cartas a seu amigo Gaius Trebatius Testa e seu irmão Quintus, ambos servindo no exército de César, expressando seu entusiasmo diante das perspectivas. Ele incitou Trebatius a capturar para ele uma das carroças de guerra, e pediu a Quintus que escrevesse para ele uma descrição da ilha. Trebatius acabou não indo para a Britânia, mas Quintus sim, e escreveu diversas cartas de lá – assim como o próprio César também escreveu a Cícero.³⁶

Determinado a não cometer os mesmos erros, César reuniu uma força maior do que na sua expedição anterior (cinco legiões ao contrário de duas, mais cavalaria), levou em embarcações que ele desenhou (com experiência da tecnologia construção de barcos dos Veneti) para estarem mais bem preparadas para um desembarque na costa do que aquelas que utilizou em 55 a.C.

³³ Caesar, *Commentarii de Bello Gallico* 4.20

³⁴ Cícero, *Cartas aos amigos* 7.7; *Cartas a Atticus* 4.17

³⁵ Suetônio, *Lives of the Twelve Caesars: Julius* 47

³⁶ Cícero, *Cartas aos amigos* 7.6, 7.7, 7.8, 7.10, 7.17; *Cartas a seu irmão Quintus* 2.13, 2.15, 3.1; *Cartas a Atticus* 4.15, 4.17, 4.18

Os bretões não ofereceram resistência ao desembarque e César aponta isso como sinal de que eles teriam ficado intimidados com o tamanho da frota, mas, é possível pensar que isso pode ter sido uma atitude estratégica para dar-lhes tempo de reunir suas forças.

Com o desembarque, César fez uma imediata marcha noturna para o interior, fazendo os bretões recuarem e capturando um de seus *oppida*. Apesar disso ele foi forçado a recuar e reagrupar, quando suas embarcações foram novamente danificadas por tempestades. Os romanos, habituados ao Mar Mediterrâneo, mais calmo, não estavam muito habituados com as marés e tempestades do Atlântico e do Canal, mas, da mesma forma isso pode ter sido uma falha de planejamento, considerando que suas embarcações também tinham sido danificadas no ano anterior. No entanto, César deve ter exagerado no número de embarcações destruídas para dar mais valor em ter conseguido contornar a situação.³⁷

Os bretões apontaram Cassivellaunus, que recentemente havia derrotado o rei dos trinovantes e forçado seu filho, Mandubracius, ao exílio, para liderar suas forças. Cassivellaunus provavelmente percebera que não poderia derrotar César em batalha de campo aberto e, debandando a maioria de sua força e contando na mobilidade de suas 4000 carroças e conhecimento superior do terreno, usou táticas de guerrilha para atrasar o avanço romano. Uma parada total ao avanço romano não deve ter sido o que visava, e se o era, falhou, pois César foi capaz de cruzar o Tâmis e começou a sitiá-lo, cuja localização foi dada a ele por Mandubracius e outros embaixadores Trinovantes.

Cassivellaunus enviou mensagens a seus aliados (provavelmente os Cantiaci) para que atacassem os romanos na costa para que César se retirasse do sítio, mas quando

³⁷ Caesar, *Commentarii de Bello Gallico* 5.23

seu ataque falhou, ele decidiu negociar a paz com César (ou, como César escreve, “rendeu-se”), mediado por Commius. Tributo e reféns fizeram parte do acordo, Mandubracius foi colocado como rei dos Trinovantes e Cassivellaunus comprometeu-se em não fazer guerra contra ele.

César escreve para Cícero em 26 de Setembro, confirmando o resultado da campanha, com prisioneiros, mas sem pilhagem, e que seu exército estava prestes a retornar à Gália.³⁸ Ele, então, partiu, alegando que a invasão poderia apenas durar uma estação, devido às inquietações crescentes na Gália e por suas manobras dentro do primeiro triunvirato

Em 52 d.C., Commius dos Atrebates, confidente gaulês de César, tenta ajudar Vercingetorix durante o sítio de Alesia. Ele é repellido pelas legiões romanas sitiadas e foge para o sul da Britânia para escapar da retribuição de César. Sextus Julius Frontinus, em sua obra *Strategemata*, descreve como Commius e seus seguidores, com as forças de César os perseguindo, embarcaram em seus navios. Apesar de a maré estar baixa e os navios ainda na praia, Commius ordenou o erguer de velas. César, ainda a certa distância, presumiu que as embarcações já tinham partido e cessou a perseguição.³⁹

Além de notar características da guerra dos bretões (particularmente o uso de carroças) que eram exóticas e não-familiares aos romanos, César também obteve informações acerca da geografia, clima e as organizações tribais da Britânia. Ele provavelmente os obteve mais por informações e rumores do que por experiência direta, já que ele não penetrou tanto no interior do território.

Os bretões são definidos pelos romanos como bárbaros, com traços sociais exóticos, como a suposta poligamia, similares em várias formas aos gauleses, assim

³⁸ Cícero. *Cartas a Atticus* 4.18

³⁹ Frontinus, *Stratagemata* 2:13.11

como bravos adversários, o que glorifica as vitórias romanas sobre eles. Da mesma forma César caracteriza a Britânia como uma rica fonte tanto de tributos, quanto de comércio:

O interior da Bretanha é povoado por habitantes que se apresentam, segundo uma tradição oral, como indígenas; a parte marítima, por hordas vindas da Bélgica para pilhar e fazer a guerra. A ilha é imensamente povoada, nela as casas são abundantes, quase semelhantes às dos Gauleses, o gado é ali muito numeroso. Como moeda, servem-se do cobre, de moedas de ouro ou de lingotes de ferro de um determinado peso. As regiões do centro produzem estanho, as regiões costeiras, ferro, mas em pequena quantidade; o cobre que empregam vem-lhes de fora. Existem árvores de toda a espécie, como na Gália, com exceção da faia e do pinheiro. Consideram a lebre, a galinha e o pato como alimento proibido; no entanto, criam-nos por gosto e como forma de divertimento.⁴⁰

De todos os Bretões, os mais civilizados são, de longe, os que habitam Kent, região inteiramente marítima e em que os costumes não diferem muito dos Gauleses. A maior parte dos que ocupam o interior não semeiam trigo; vivem de leite e de carne e vestem-se com peles. Todos os Bretões se pintam com pastel, o que lhes dá uma cor azulada e aumenta, nos combates, o horror do seu aspecto. Usam o cabelo comprido e barbeiam todas as zonas do corpo, com exceção da cabeça e do lábio superior. Juntam-se aos dez ou aos doze para terem mulheres em comum, particularmente os irmãos com os irmãos e os pais com os filhos. Mas os filhos nascidos destas, se os houver, são tidos como filhos daqueles a quem foi cada virgem entregue primeiro.⁴¹

Sobre a geografia, podemos dizer que apesar das medidas não serem muito precisas, e isso pode dever-se em parte a Pytheas, as conclusões gerais de César são questionáveis, como vemos a seguir:

O clima é mais temperado que o da Gália e os frios são ali menos rigorosos.⁴²

A ilha tem a forma de um triângulo, em que um lado fica de frente para a Gália. Dos dois ângulos deste lado, um, na direção de Kent, onde abordam quase todos os barcos vindos da Gália, volta-se

⁴⁰ Caesar, *Commentarii de Bello Gallico* 5.12 (Tradução do autor, da versão em inglês)

⁴¹ *idem* 5.14 (Tradução do autor, da versão em inglês)

⁴² *idem* 5.12 (Tradução do autor, da versão em inglês)

para oriente; o outro, mais baixo, está ao sul. Este lado tem uma extensão de cerca de quinhentas milhas. O segundo lado está voltado para Espanha e o poente; nestas paragens encontra-se a Hibernia, que passa por ser metade da Britânia; ela está à mesma distância da Britânia que da Gália. A meio caminho fica a ilha que se chama Mona; acredita-se que há ainda na vizinhança várias outras ilhas menores, a propósito das quais certos autores escrevem que a noite dura ali trinta dias seguidos, na época do solstício de Inverno. As nossas investigações nada nos ensinaram sobre este ponto, a não ser aquilo que víamos; pelas nossas clepsidras, que as noites eram ali mais curtas que no continente. O comprimento deste lado, se dermos crédito aos autores, é de setecentas milhas. O terceiro fica de frente para o norte e não está voltado para terra alguma, a não ser, na sua extremidade, para a Germânia. O comprimento desta costa é avaliado em oitocentas milhas. Assim a ilha, no seu conjunto, tem cerca de duas mil milhas de perímetro.⁴³

César não realizou conquistas territoriais propriamente ditas na Britânia, mas, por ter colocado Mandubracius no poder, marcou o início de um sistema de reinos clientes⁴⁴, trazendo a ilha para dentro da esfera de influência política de Roma. Conexões diplomáticas e comerciais se desenvolveram durante o século seguinte, abrindo a possibilidade de conquista, a qual foi realizada por Cláudio em 43 d.C.

Entre 55 a.C. e os anos da década de 40 d.C., a realidade de tributos, prisioneiros, e reinos clientes sem direta ocupação militar começou com as invasões de César à Britânia, e em grande parte se perpetuou. Após as invasões de César, outros projetos de invasão à Britânia foram feitos, porém não foram realizados. Em 34 a.C., Otávio reuniu tropas para uma expedição, mas elas nem chegaram a partir, desviadas por levantes na Dalmácia.⁴⁵ Cerca de quatro anos depois, com os Catuvellauni, tornando-se cada vez mais ativos na Britânia, Otávio novamente reúne uma força

⁴³ Caesar, *Commentarii de Bello Gallico* 5.13 (Tradução do autor, da versão em inglês)

⁴⁴ Os reinos clientes de Roma na Britânia eram tribos nativas que escolheram se aliar com o poder romano, pois elas viram isso como uma opção para a auto-preservação e/ou ainda para proteção contra outras tribos rivais. Da mesma forma, os romanos criaram alguns reinos clientes quando sentiram que seria melhor a influência sem o controle direto.

⁴⁵ Cassius Dio, *Roman History*, Livro XLIX. 38 Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cassius_Dio/49*.html#38 Último acesso em: 15/10/2008

expedicionária, mas é prevenido pela ameaça de um levante na Gália acompanhada de uma declaração diplomática bretã de boas intenções.⁴⁶ Em 26 a.C., Augusto prepara outra campanha bretã, mas novamente ela é colocada de lado.⁴⁷ Após essa terceira falha ele resolve não mais invadir a ilha. Segundo com a obra *Res Gestae*, de Augusto, dois reis bretões, Dumnovellaunus e Tincomarus, enviaram súplicas a Roma durante seu reinado⁴⁸, e a *Geografia* de Estrabão, escrita durante esse período, diz que a Britânia pagou em impostos mais do que poderia ser arrecadado por tributos se a ilha fosse conquistada.⁴⁹

Nos anos da década de 40 d.C., no entanto, a situação política na Britânia estava aparentemente instigada. Os Catuvellauni superaram os Trinovantes como o reino mais poderoso da região sudeste da ilha, tomando a capital trinovante de Camulodunon (Colchester), e estavam pressionando seus vizinhos, os Atrebates, governados pelos descendentes do antigo aliado de César que o havia traído, Commius. Calígula ainda conduziu uma campanha sem nunca realmente deixar o litoral da Gália em 40 d.C., como resposta ao fato do príncipe Adminius, filho de Cunobelinus dos Catuvellauni, ter sido expulso da ilha por suas tendências pró-romanas.

Após quase um século desde as campanhas de César, e três anos depois da última mobilização (mesmo que infrutífera) para invadir a ilha, Claudio põe em prática o projeto imperial de conquistar a Britânia. No capítulo a seguir, analisamos como se desenvolveu essa conquista.

⁴⁶ *idem*. Livro LIII. 22

⁴⁷ *idem*. Livro LIII cap. 25

⁴⁸ Augustus, *Res Gestae Divi Augusti*, VI, 32

⁴⁹ Strabo, *Geography* 4.5

Capítulo 2: A conquista da Britânia por Cláudio e a questão da fronteira étnica

2.1 O conceito de fronteira étnica

Recentemente, a idéia de “fronteiras” veio a ter um papel central nas ciências sociais. Ela tem sido associada com pesquisas em cognição, identidade social e coletiva, categorias de censo, capital cultural, pertencimento cultural, posicionamento de grupos étnicos, direitos de grupo, imigração, para mencionar apenas alguns entre os mais visíveis exemplos. Além disso, esse conceito tem sido objeto de diversos trabalhos em periódicos, livros e conferências.⁵⁰

Esse interesse renovado está baseado numa bem-estabelecida tradição onde as fronteiras são parte das ferramentas de conceitualização dos clássicos cientistas sociais. Em “*The Elementary Forms of Religious Life*”, Durkheim⁵¹ definiu o espaço do sagrado em contraste daquele do profano. Marx apresentou o proletariado como a negação do capitalismo de classe, sendo O Dezoito de Brumário⁵² ainda lido por seu tratado sobre as dinâmicas entre as fronteiras de classe. A análise de Weber sobre grupos étnicos e de status continua a se destacar como uma das seções mais influentes em *Economia e Sociedade* (1978).⁵³

As fronteiras oferecem à maioria dos indivíduos com uma concreta, local, e poderosa experiência do Estado, pois esse é o lugar em que a cidadania é mais

⁵⁰ Para uma lista de trabalhos em antropologia, ver Alvarez 1995; em sociologia, ver as atividades da *Symbolic Boundaries Network of the American Sociological Association* em <http://www.people.virginia.edu/~bb3v/symbound>

⁵¹ DURKHEIM, E.. *The Elementary Forms of Religious Life*. New York: Free Press, 1965 *apud* LAMONT, Michele e MOLNAR, Virag, *Annual Review of Sociology*. 2002. p. 167

⁵² MARX, K.. *The Eighteenth Brumaire of Louis Napoleon*. New York: Int. Publ., 1963 *apud* LAMONT, Michele e MOLNAR, Virag, *Annual Review of Sociology*. 2002. p. 167

⁵³ Weber M.. *Economy and Society*, Vol. 1. Berkeley: Univ. Calif. Press, 1978 *apud* LAMONT, Michele e MOLNAR, Virag, *Annual Review of Sociology*. 2002. p. 167

acentuada (através da verificação de passaportes, por exemplo). A experiência social das fronteiras associa laços formais e informais entre comunidades locais e constitui um local privilegiado para analisar as dimensões micro e macro da identidade nacional, como exemplificado por Sahlins⁵⁴.

O conceito de fronteira tem sido central ao estudo das desigualdades étnicas como alternativa às teorias culturais ou ainda biológicas sobre as diferenças étnicas e raciais. Um dos principais autores dentro dessa perspectiva é o antropólogo Fredrick Barth⁵⁵ que defende uma abordagem mais relacional enfatizando que sentimentos de comunidade são definidos em oposição à identidade percebida de outros grupos étnicos.

Essa perspectiva relacional repercute com trabalhos mais recentes sobre a construção da identidade étnica que considera essas identidades como o resultado de um processo de autodefinição e da construção de fronteiras simbólicas e à atribuição de identidades coletivas por outros.⁵⁶

A construção relacional de similaridades e diferenças é particularmente evidente em regiões de fronteira. Para Borneman, fronteiras carregam um senso de dualidade inerente e promove um “processo de visualização espelhada”⁵⁷, onde a construção do outro constantemente toma lugar em ambos os lados da fronteira.

⁵⁴ Sahlins 1989, Lightfoot & Martinez 1995, Wilson & Donnan 1998 *apud* LAMONT, Michele e MOLNAR, Virag, *Annual Review of Sociology*. 2002. p. 167

⁵⁵ BARTH, F. *Grupos étnicos e suas fronteiras* In POUTIGNAT, P. *Teorias da etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth* / Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart; tradução de Elcio Fernandes. - São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, pp.187-227

⁵⁶ Cornell S, Hartmann D.. *Ethnicity and Race. Making Identity in a Changing World*. Thousand Oaks, CA: Pine Fore, 1997 *apud* LAMONT, Michele e MOLNAR, Virag, *Annual Review of Sociology*. 2002. p. 167

⁵⁷ Borneman J. 1992a. *Belonging in the. Two Berlins: Kin, State, Nation*. New York: Cambridge Univ. Press, p. 17 *apud* LAMONT, Michele e MOLNAR, Virag, *Annual Review of Sociology*. 2002. p. 167

Desde sua criação no início do século XIX, a noção de etnia se encontra mesclada a outras noções conexas, as de povo, de raça ou de nação, com as quais mantém relações ambíguas cujo rastro encontramos nos debates contemporâneos.

O termo “etnicidade” foi introduzido no meio acadêmico da França a partir de 1981 pela Associação Francesa dos Antropólogos. Contudo, o termo existe nas ciências sociais anglo-saxônicas desde a década de 1970 (que remontam à década de 1940), sendo esse intervalo temporal relacionado com a falta de interesse das ciências sociais francesas à questão das minorias e das suas relações, sendo uma “zona de sombra da antropologia francesa”.⁵⁸

Na forma inglesa, o termo é utilizado desde a década de 1940, estando no mesmo nível de outras variáveis como raça ou religião, quando designava a “pertença a um grupo ou outro que não anglo-americano”⁵⁹, já que defendiam a idéia de que esse seria o grupo branco a não ter uma origem nacional suposta (mestiços). Tal perspectiva é etnocêntrica, já que enquanto alguns grupos pertenceriam à categoria, outro(s) não, e o poder de nomear aqueles de étnicos estaria exclusivamente em poder destes.

Contudo, de acordo com Ciro Cardoso,

Ninguém conseguiu chegar a uma definição coerente e convincente do que seriam as ‘raças humanas’. Para dizê-lo de outro modo trata-se de um conceito cientificamente falido. Por esta razão, certos autores preferiram usar conceitos diferentes, cujo recorte se fazia de outras maneiras e cujas intenções eram bem menos ambiciosas: falou-se de ‘estoques’ ou ‘modificações persistentes’, de grupos étnicos” (sempre mesclados), cunharam-se termos como ‘grupo genético’ e ‘estoque genérico’, etc.⁶⁰

⁵⁸ POUTIGNAT, P. *Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth / Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart*; tradução de Elcio Fernandes. - São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 22

⁵⁹ POUTIGNAT, P. *op. cit.*, pp. 22-23

⁶⁰ CARDOSO, C. Etnia, nação e mundo pré-moderno: um debate In: CARDOSO, C. Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 177

Do mesmo modo, continuando a seguir a pesquisa do autor, não aceitamos a articulação entre povo/língua/cultura para a definição dos grupos, tendo em vista que povos diferentes podem não falar as mesmas línguas, mas compartilhar a mesma cultura. Ainda, existem casos em que em dada unidade cultural apresentam-se diversos povos e línguas ou quando há o caso de uma língua tornar-se tão difundida e, portanto, falada por pessoas de diversos povos e culturas.

Assim, uma alternativa para evitarmos a articulação entre povo/língua/cultura foi a conceitualização de etnia:

(...) um agregado estável de pessoas, historicamente estabelecido num dado território, possuindo em comum particularidades relativamente estáveis de língua e cultura, reconhecendo também sua unidade e sua diferença em relação a outras formações similares (autoconsciência) e expressando tudo isto em um nome auto-aplicado (etnônimo).⁶¹

Wallerstein utiliza o termo “etnicidade” para designar os sentimentos associados à pertença étnica, o que entra em choque com as definições que reservam um espaço para pessoas que não teriam conhecimento de sua etnicidade. Haverá desde então a oposição entre concepções objetivistas e subjeivistas nos debates sobre a questão da identidade étnica.⁶²

O termo ficou fortalecido nesse contexto, quando se relacionavam “fenômenos de competição e de conflito nos quais os grupos [estavam em oposição] em nome de sua

⁶¹ DRAGADZE, T. The place of “ethnos” theory in Soviet anthropology. In: GELL-NET, E. (Org.). *Soviet and Western anthropology*. London: Duckworth, 1980. p.162 *apud* CARDOSO, C. Etnia, nação e mundo pré-moderno: um debate In: CARDOSO, C. Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 177

⁶² POUTIGNAT, P. *op cit*, p. 24

pertença étnica”⁶³. Etnicidade acabou sendo, portanto, ao mesmo tempo fruto e conceito definidor desse tipo de fenômenos (de conflito). A partir de então a “pertença étnica” será uma realidade do mundo contemporâneo, sendo uma categoria para a ação do homem na sociedade, gradualmente derivando dela lealdades e direitos coletivos, da mesma forma que preconceitos e perseguições.

Para Geertz,

o grupo étnico (a unidade que engloba os indivíduos definidos através de uma herança cultural comum) chegou a concorrer com a classe (a unidade que engloba os indivíduos definidos por sua posição comum dentro do circuito da produção) como categoria fundamental da diferenciação social⁶⁴

E, segundo Brass,

A comunidade étnica é uma forma alternativa da organização social de classe, e a etnicidade é uma forma de identificação alternativa da consciência de classe.⁶⁵ [grifos nossos]

Entre os fatores que fundamentam essa crença em formar uma comunidade, destacamos o código lingüístico como um dos mais importantes, já que a comunicação é um dos fatores mais importantes para a transmissão da cultura, fator essencial da etnicidade.

Acrescentamos, também, que existe uma conexão entre a comunicação e a difusão de sentimentos de pertença étnica, já que é a partir do contato entre grupos que os mesmos podem se perceber como tais. O aumento dos contatos surge como um fator facilitador para o surgimento de identidades particularistas. A facilidade e a rapidez das comunicações possibilitam a difusão de projetos de organização, conceitos, idéias,

⁶³ POUTIGNAT, P. *op. cit.*, p. 25

⁶⁴ GEERTZ, 1963 apud POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 26

⁶⁵ BRASS, 1991, p. 19 apud POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 26

peessoas e das reivindicações de grupos, o deslocamento da resistência. Como um dos efeitos da mundialização temos, por exemplo, a maior facilidade de expansão das reivindicações das periferias, ocorrendo muitas vezes a apropriação do quadro conceitual daqueles movimentos de dominação que sofrem.

Connor aponta que

o aumento considerável dos contatos intergrupais foi percebido por um significativo número de indivíduos como uma ameaça contra a sobrevivência de suas tradições culturais específicas, favorecendo uma ideologia de resistência à uniformização ou à dominação cultural e lingüística.⁶⁶

Já Berger, nos apresenta outra perspectiva, em que a

... a identidade bretã (...) reforçou-se a partir da Primeira Guerra Mundial, quando os jovens bretões começaram a descobrir a França e numerosos bretões, cuja consciência de pertença regional não ultrapassava os limites da sociedade local (...), descobriram (...) que pertenciam a uma entidade designada como Bretanha.⁶⁷

Enquanto isso, Anthony D. Smith define etnia como:

(...) o 'núcleo' da etnicidade, como transmitido no registro histórico e como dá forma à experiência individual, reside [no] quarteto dos 'mitos, memórias, valores e símbolos'; e nas formas características ou estilos e gêneros de determinadas configurações históricas de populações.⁶⁸

Amselle⁶⁹, por sua vez, declara que a ação do colonizador é exercida na identificação fictícia de sociedades locais supostamente isoladas e voltadas para si mesmas, enquanto na verdade elas eram ligadas em uma rede de relações. Para

⁶⁶ BERGER (1972) apud POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 28

⁶⁷ POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 26

⁶⁸ SMITH, Anthony D. *The ethnic origins of nations*. Oxford: Blackwell, 1986. P. 15 apud CARDOSO, C. Etnia, nação e mundo pré-moderno: um debate In: CARDOSO, C. Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 178

⁶⁹ AMSELLE 1990 apud POUTIGNAT, P. *op. cit.*, p. 31

Skinner⁷⁰, os grupos étnicos formavam-se a partir dos movimentos de migração, comércio e dominação, sendo as identidades do grupo relativas e mutáveis. E Schwartz indica que desde períodos primitivos os grupos não eram isolados culturalmente, mas apresentavam similaridades e diferenças, o que se trata de algo tão problemático naquela época quanto na sociedade moderna.⁷¹

Devido às visões estereotipadas e pejorativas dos termos “tribo” e “tribalismo”, diversos antropólogos propõem que eles sejam rejeitados e que os termos “etnia” e “etnicidade” sejam aplicados. Assim,

o conceito de etnicidade exprime a unidade de um fenômeno social universal e onipresente ‘simultaneamente nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, no passado e no presente’⁷²

O vocábulo “etnia” foi criado essencialmente para ser feita a distinção ao termo “raça”. Enquanto o segundo é associado a características morfológicas (de certo modo objetivo), o primeiro é associado a qualidades psicológicas, laços intelectuais, como a cultura e a língua (de certo modo subjetivo, pois elas não definem os limites de uma unidade política). Vacher de Lapouge⁷³, já em 1896, irá apontar que esses termos são de certo modo opostos, pois existem grupos que resultam da reunião de elementos de raças distintas e que se encontram compartilhando os mesmos acontecimentos históricos (memória histórica), costumes e idéias. Contudo, não podemos confundir isso com a Nação, já que essa atração (ou conflito) sobrevive além da fragmentação que a produziu. Se retirarmos a construção da Nação, teríamos ainda fatores que determinariam uma atração ou antipatia entre certos grupos.

⁷⁰ SKINNER, 1968 apud POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 31

⁷¹ SCHWARTZ, 1975 apud POUTIGNAT, P. *op. cit.*, p. 31

⁷² COHEN, A. 1974b, IX apud POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 31

⁷³ POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 34

Para Connor, a etnicidade está relacionada aos grupos que são nações em potencial e que se encontram em um estágio prévio de consciência como pertencentes a um grupo mais abrangente. Neste estágio, a solidariedade étnica manifesta-se no embate ao estrangeiro, originando alguma espécie de xenofobia, contudo sem dotar-se de uma identidade própria tangível, definida e consciente, entre seus integrantes. “Um grupo étnico é então, ‘simplesmente’ uma categoria descritiva e objetiva, discernível pelo observador externo.”⁷⁴

Nas pesquisas de A. D. Smith (1986, 1992), determinadas etnias mantêm um senso de sua própria continuidade apesar de suas mudanças e dos acontecimentos traumáticos que as afetam, como a conquista e a escravidão. Etnia e nação são, para Smith, duas noções distintas, contudo, elas possuem a capacidade de sustentar o senso de uma história e de uma cultura comuns.

De acordo com Renan⁷⁵, a nação é construída não tendo como uma base racial ou étnica, mas ela é possível, sim, quando os grupos fragmentados são descaracterizados e perdem sua identidade.

Para Weber os grupos étnicos são:

esses grupos que alimentam uma crença subjetiva em uma comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes, ou dos dois, ou nas lembranças da colonização ou da migração, de modo que esta crença torna-se importante para a propagação da comunalização, pouco importando que uma comunidade de sangue exista ou não objetivamente.⁷⁶

⁷⁴ CONNOR, (1978, 1993) *apud* POUTIGNAT, P. *op. cit.*, p. 45

⁷⁵ RENAN, (1887, p. 307) *apud* POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 35

⁷⁶ WEBER, [1921] 1971, p. 416 *apud* POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 37

Para ele, raça está não no mesmo nível que o grupo étnico, mas no mesmo nível que o costume, já que é um dos fatores possíveis da “formação dos sentimentos das comunidades étnicas”.

Desse modo, os grupos étnicos não pressupõem uma comunidade de origem de fato, mas existem apenas de modo subjetivo, com seus membros compartilhando a crença de formarem uma comunidade. Essa crença se alimenta também de características distintivas, de oposições, que trazem a sensação de estranheza (ou parentesco na situação oposta) da origem.

Ainda de acordo com Weber,

o fator decisivo continua sendo a comunidade política. Ela corresponde ao que ele designa como a forma ‘mais artificial’ de origem da crença no parentesco étnico, aquela pela qual uma associação racional (tal como uma atividade comum de defesa do território ou de conquista, ou mesmo uma simples subdivisão administrativa) transforma-se em comunalização étnica, atraindo um simbolismo da comunidade de sangue e favorecendo a emergência de uma consciência tribal ou a eclosão de um sentimento de dever moral ligado à defesa da pátria.⁷⁷

Diante da volatilização do conceito de comunidade étnica, existem dois aspectos essenciais que Weber contribuiu para os estudos sobre a etnicidade. O primeiro é que o grupo étnico é definido a partir da crença subjetiva em uma origem comum; a fonte da etnicidade está na atividade de produção, manutenção e aprofundamento de diferenças atribuídas no decorrer das relações sociais; em segundo lugar, a identidade étnica é construída a partir da diferenciação. Atração (supostos semelhantes) e repulsa (supostos estrangeiros) são elementos fundamentais. Portanto, não é no isolamento que o

⁷⁷ POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 39

sentimento de pertencimento se cria, mas na interação e na comunicação das diferenças, onde são criadas as fronteiras étnicas.⁷⁸

Sendo a etnicidade um processo de dicotomização entre membros e não-membros (estrangeiros), é por excelência um resultado da interação social. Do mesmo modo, a noção de identidade social tem a ver com a interação de grupos inteiros (além do seu nível individual), que transcendem a esfera individual, nas relações que mantêm com outros grupos; fundamenta-se na distinção entre “nós” e “eles”.⁷⁹ Na teoria de Barth, a fronteira étnica é o fruto do contato e mutabilidade culturais durante o processo interacional. A questão da fronteira étnica reside numa dimensão processual, sendo nela atribuídas as categorias de “nós” e de “eles”, assim como na noção de identidade social coletiva. Os processos não derivam da psicologia dos indivíduos, mas da constituição de espaços de atuação e das operações externas que os atores realizam uns com os outros, reivindicando publicamente um “certo tipo de povo” que necessita ser validado também publicamente.⁸⁰

Seriam dois os espaços principais existentes na sociedade bretã durante a dominação romana: agrupamentos bretões (*oppida*, aldeias etc.) e cidades romanizadas. Eles fornecem um exemplo de situação na qual a diversidade étnica e o caráter das relações à vida urbana se apresentam. Nos *oppida*, os indivíduos interagem em razão do conhecimento que possuem de suas identidades mútuas, correspondendo aos valores sociais bretões (hierarquia, rituais, linguagem, etc.).

Nas cidades, particularmente no espaço público do *Forum*, o bretão urbanizado deve, com base em fatores sutis, distribuir uma ampla variedade de estrangeiros em

⁷⁸ *idem.* p. 39-40

⁷⁹ CARDOSO, C. Etnia, nação e mundo pré-moderno: um debate In: CARDOSO, C. Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 180-181

⁸⁰ POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 112

categorias estereotipadas e reconhecer quais elementos do indivíduo (étnico, profissional, ritual) são pertinentes para tais tipos de interação.⁸¹

A análise situacional da etnicidade liga-se ao estudo da produção e da utilização dos símbolos, por meio dos quais os membros das sociedades pluriétnicas identificam-se e diferenciam-se, ou ainda, são identificadas e diferenciadas por agentes externos que se consideram supostamente acima das redes de influência e interação cultural locais. Um “Eu apresentado” e um “Eu real” existem como formas de posturas diferentes segundo a interação que se estabelece na esfera pública ou nos bastidores da vida social representada pelo grupo étnico em particular. Contudo, não nos comprometemos em analisar e identificar o que seria o “Eu real” dos grupos, mas sim, nos centraremos no “Eu apresentado” existente em cada relação que identificarmos.⁸²

As categorias que compõem um conjunto étnico se situam em contraste umas com as outras, e o surgimento de uma nova categoria faz com que surjam igualmente as categorias associadas.

Ferreira Neto, em seu texto “História e etnia”, diz que:

Para um historiador dedicado ao estudo das relações entre os grupos étnicos, ou ao estudo das particularidades culturais das sociedades, a consideração desse caminho de mão dupla que é o contato cultural apresenta algumas especificidades metodológicas interessantes. Como se trata de um estudo que busca discutir as interpenetrações culturais dos mais diversos tipos, simbólico/espirituais ou materiais, entre os povos e agentes sociais, termina-se por exigir um novo olhar problematizador sobre as fontes. É necessário que as fontes dêem conta, na medida que dizem respeito a fenômenos culturais-étnicos específicos, das diferentes interferências culturais que atuaram nos fenômenos e fundamentaram as atitudes dos agentes sociais diante de

⁸¹ Nos baseamos nas pesquisas de Berreman (1975) em que analisa as relações do espaço das aldeias indígenas e dos espaços públicos dos bazares das cidades. (BERREMAN, (1975, pp. 71-105) apud POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 115)

⁸² SALAMONE & SWANSON, (1979) apud POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 118

outros, assegurando uma dada continuidade ou natureza dos processos de aculturação internos ou externos.”⁸³

O centro da nossa análise estará em: analisar as atribuições categoriais e os pontos de interação identificáveis nas fontes; saber de que modo as dicotomizações entre os membros e não-membros foram produzidas e mantidas e discernir seus efeitos; e identificar as condições generativas das distinções étnicas e a articulação entre elas.

(...) Na esfera pública, situam-se as interações com os membros da sociedade local no espaço urbano (...). Nesta esfera os acontecimentos interacionais localizam-se no quadro dos estatutos e das instituições da sociedade majoritária, mas tais estatutos são pressupostos não marcados de modo categorial. Se as identidades raciais ou étnicas não estabelecem nenhum papel aceitável no quadro das interações da esfera pública, sua colocação em relevo, o que não é menos possível, introduz o minoritário na problemática do estigma e da gestão das impressões. Na esfera fechada de interação se desenvolvem as atividades da rede que sustentam a identidade *in-group*. Nela circulam bens e valores, como a alimentação, a música, a dança, que só são consumidos e negociados dentro dessa esfera e representam simultaneamente potentes recursos de identificação *como* [X], e meios de se comunicar diferenças significativas *entre* [X].”⁸⁴

Podemos assim concluir que a etno-história aponta para uma ruptura crescente com as formas autocentradas de entendimento das relações entre os homens. Ela é fruto do desenvolvimento das experiências de contatos culturais aceleradas a partir do século XVI e de necessidades de compreender o fenômeno humano em suas diversas manifestações. (...) Colocando as etnias em referência, aprofundou o significado da liberdade de ser, ao mesmo tempo que contribuiu decisivamente para a gênese de novas formas de relação com a alteridade e com a singularidade, acima de tudo dialéticas.”⁸⁵

Optamos, portanto, em privilegiar o contexto relacional dos processos de identidade étnica, onde esta é resultado de uma construção em: dados objetivos, mas sem estarmos presos apenas à materialidade; questões subjetivas, pois as escolhas

⁸³ FERREIRA NETO, Edgard Leite. “Historia e etnia”. In: Cardoso C.; Vainfas R. (org.) *Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia*, Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, pp. 325-326

⁸⁴ POUTIGNAT, STREIFF-FENART, VOLLENWEIDER, (1993) apud POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 119

⁸⁵ FERREIRA NETO. *op. cit.* p. 328

individuais e coletivas produzem efeitos reais na sociedade em que vivem; e, principalmente, envolvendo relações de contato e conflito, quando à partir da identificação e da diferenciação podemos identificar uma identidade.

Na prática imperialista, quando um grupo domina terras habitadas por outro, impondo uma posição de subordinação, temos o contato entre culturas. Uma relação de trocas está intimamente relacionada, se estabelecendo uma situação de negociação, mesmo que hierarquizada e desequilibrada, de mão-dupla. Cada uma dessas vias de trocas depende da definição das diferenças entre o elemento “nós” e o “eles”, de quando começa um e termina o outro. Contudo, tais definições (“nós” e “eles”) dependem justamente daquele contato e, portanto, daquela troca. Desse modo, nas novas relações proporcionadas pela prática imperialista, teremos como uma de suas conseqüências a formação de identidades étnicas e suas fronteiras, criando *limes* em que se baseiam as trocas culturais em duplo sentido, sejam elas materiais ou imateriais.

Aqui tratamos do caso imperialista romano, no qual está intrínseca a política de aculturação⁸⁶ dos povos conquistados, assim como da assimilação e hibridização de características dos povos conquistados pelos romanos. De fato, a expansão de Roma se deu por intermédio de seus exércitos que, por si só, já apresentavam uma multiplicidade de culturas e costumes, pois recrutavam soldados das diversas regiões que Roma já havia conquistado nesse primeiro século da nossa era. No interior desse processo existe, portanto, o fenômeno da aculturação, no nosso caso, definido por romanização.

⁸⁶ Termo introduzido ao final do século XIX por antropólogos anglo-saxões para designar os fenômenos de contato direto e prolongado entre duas culturas diferentes que levam a transformações em qualquer delas ou em ambas. Na atualidade, o termo é usado, por vezes, para indicar a resultante de uma pluralidade de formas de intercâmbio entre os diversos modos culturais - cultura erudita, popular, cultura empresarial, etc. - que geram processos de adaptação, assimilação, empréstimo, sincretismo, interpretação, resistência (reação contra-aculturativa), ou rejeição de componentes de um sistema identitário por um outro sistema identitário. (COELHO, Teixeira. “Dicionário Crítico de Política Cultural – cultura e imaginário”. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997, pp. 35-36)

A proposta da nossa análise é utilizar a noção da fronteira étnica para complementar a análise do imperialismo romano e da romanização – discutidos no primeiro capítulo –, nos permitindo uma abordagem mais acurada dos casos apresentados.

2.2 Campanha da conquista

[...] Claudius foi o primeiro a renovar a tentativa [de conquistar a Britânia], e conduziu à ilha algumas legiões e auxiliaries, escolhendo Vespasiano para partilhar com ele a campanha, cuja elevada aproximação teve esse início. Diversas tribos foram subjugadas e reis feitos prisioneiros, e o destino aprendeu a conhecer seu favorito.⁸⁷

Até o momento da invasão que deu início à conquista, a Britânia já tinha sido alvo de invasões somente colocadas em prática por forças da República (César) e do Império (Claudio). Assim como outras regiões nos limites do Império, a Britânia por um bom tempo esteve integrada às rotas comerciais com os romanos e a influência econômica e cultural foi parte significativa do período pré-romano da era do ferro, especialmente na região sul.

No período compreendido entre 31 a.C. e 42 d.C., uma tribo bretã desempenhou um papel importante nas causas da invasão romana de 43 d.C: os Catuvellauni. Durante esse período, o poder dos Catuvellauni crescia e gradualmente foi representando uma ameaça às tribos vizinhas e também aos romanos, pois ameaçavam reinos clientes, a estabilidade comercial e os tributos. A seguir, apresentamos uma tabela cronológica apresentando os momentos mais significativos da ascensão da tribo Catuvellauni.

⁸⁷ TACITO, *Agricola* 13

Tabela 1 – Cronologia da ascensão dos Catuvellauni

ANO	DESCRIÇÃO
31 a.C.	Marco Antônio é derrotado na batalha de Actium pelas forças de Otavio, que assume a plena liderança do Estado Romano. Por volta desse momento em Verulamium (Saint Albans), na Britânia, Tasciovanus dos Catuvellauni estabelece sua capital como um poderoso centro comercial.
c. 30 a.C.	Os Catuvellauni tornam-se cada vez mais ativos na Britânia. Otavio novamente reúne uma força expedicionária bretã, mas é prevenido pela ameaça de um levante na Gália acompanhada da declaração bretã de boas intenções, por diplomacia.
5 a.C.	Tincommius, sucessor do gaulês Commius, se torna amigo de Roma e recebe um montante considerável de prata na barganha. O metal foi cunhado novamente e usado para fundar uma base pro-romana no sul da Britânia, para conter as crescentes tendências anti-romanas dos Catuvellauni no vale do Tâmsa e Essex.
6 d.C.	O rei bretão Dubnovellaunus dos Trinovantes aparece como suplicante diante de Augusto em Roma, queixando-se da opressão da sua tribo pelo rei Cunobelino dos Catuvellauni, o sucessor de Tasciovanus.
9	O governador da Germania, Publius Quinctilius Varus e suas três legiões são massacradas na floresta de Teutoburgo por Arminius, líder-guerreiro das tribos germânicas. Na Britânia, Cunobelinus aproveita da vantagem da turbulência que esse evento causou em Roma, e captura a capital Trinovante de Camulodunon (Colchester); Augusto estava impotente para intervir, pois nesse momento nenhuma legião estava entre as tribos germânicas e Roma.
40	Príncipe Adminius, um dos filhos de Cunobelinus dos Catuvellauni é expulso da Britânia pelos irmãos Togodumnus e Carataco devido as suas tendências pró-romanas e defende seu caso diante de Calígula. O imperador conduziu uma campanha sem nunca realmente deixar o litoral da Gália.
42	Seguida da morte de Cunobelinus na Britânia e da ascensão de seus filhos anti-romanos Togodumnus e Carataco, Verica, descendente de Commius e rei dos Atrebates no sul da Britânia é expulso de Calleva pelos príncipes Catuvellauni e foge para Roma, pedindo ajuda de Claudio.

A instabilidade criada pela mudança da liderança da tribo de Carataco após tantos anos de governo unificado levou a divisões internas na tribo, somada a um sentimento de intranqüilidade nas áreas circundantes.

Por volta de 42 d.C., Verica chegou a Roma a fim de pedir ajuda do Imperador Claudio, o que pode sugerir que a tribo dos Atrebates estava começando a ver Roma como protetora em tempos de tensão. O rei deve ter fornecido ao imperador e a seus conselheiros informações sobre a situação política da Britânia. Além disso, a fuga de Verica pode ter sido usada como motivação (mesmo que de natureza propagandística) para retaliação, interpretada pelos romanos como a expulsão de um amigo e aliado, sendo a intervenção militar na Britânia o único curso honrado a ser tomado. Logo, a invasão começou no final de abril de 43 d.C, liderada pelo primeiro governador da Britânia, Aulus Plautius.

Em 43 d.C., provavelmente com a reunião das tropas de Caligula, Claudio montou uma força de invasão para reinstalar o rei exilado dos Atrebates.⁸⁸ A Aulus Plautius, um distinto senador, foi dado o encargo de quatro legiões, totalizando cerca de 20.000 homens, acrescidos por aproximadamente o mesmo número de forças auxiliares. As legiões eram: Legio II Augusta, IX Hispana, XIV Gemina, XX Valeria Victrix.

A Legio II Augusta é conhecida por ter sido comandada pelo futuro imperador Vespasiano. Três outros homens com o mesmo encargo de comandar legiões são conhecidos a partir das fontes, tendo participado da invasão. Gnaeus Hosidius Geta e o irmão de Vespasiano, Titus Flavius Sabinus, são mencionados por Dio Cassius. Gnaeus Sentius Saturninus é mencionado por Eutropius, e provavelmente acompanhou Claudio posteriormente.⁸⁹

O objetivo dos romanos no primeiro momento da invasão era alcançar o rio Tâmsa, região onde se localizava o *oppidum* de Camulodunon, considerada pelos romanos como a capital dos Catuvallauni, a tribo de Carataco.

⁸⁸ Dio Cassius, *Roman History* 60.19-22

⁸⁹ Eutropius, *Abridgement of Roman History* 7:13

A resistência bretã foi liderada por Togodumnus e Carataco, filhos do rei dos Catuvellauni, Cunobelinus. Após diversas escaramuças mal-sucedidas no sudeste da ilha, o exército de resistência bretã recuou além do rio e lá fixou toda a sua força contra os romanos. Por dois dias a linha do rio foi mantida. Hosidius Geta quase foi capturado, porém recuperou-se e virou a batalha de maneira tão decisiva, que foi premiado com a *ornamenta triumphalia*.

Após a batalha a oposição bretã se dispersou. Togodumnus foi morto. Carataco fugiu para as montanhas de Gales, entre a tribo dos Silures, onde ele ergueu uma resistência vigorosa aos romanos por mais oito anos, configurando um exemplo de como carismáticos líderes guerreiros podiam assumir a liderança de tribos além das suas próprias.⁹⁰ Dessa maneira, o colapso dramático da oposição centrada no sudeste foi rapidamente seguida pelo avanço romano através do Tâmis e à capital nativa em Camulodunon, então liderado pelo imperador Claudio em pessoa.

⁹⁰ CUNLIFFE, Barry. The Ancient Celts. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press, 1997, p.254.

Figura 1: Mapa destacando as rotas do avanço das legiões romanas em 43-47 d.C.⁹¹



Cassius Dio apresenta o pedido de Plautius pela presença do imperador como necessitando da assistência de Claudio para derrotar os bretões que resistiam, que estavam determinados a vingar a morte de Togodumnus. No entanto, Claudio não era um homem de perfil militar, e é mais provável que os Catuvallauni já estivessem derrotados, permitindo ao imperador aparecer como o conquistador na marcha sobre Camulodunon. O arco de Claudio diz que ele recebera a rendição de onze reis sem ter qualquer perda⁹², e Suetônio diz que Claudio recebeu a rendição dos bretões sem batalhas ou derramamento de sangue (obviamente, um exagero).⁹³ Cassius Dio relata que ele levou elefantes de guerra e armamentos pesados, que superaram qualquer resistência nativa. Onze tribos do sudeste da ilha renderam-se a Claudio, e os romanos

⁹¹ SHOTTER, David. *Roman Britain*. Routledge, Nova York, 2004. p. X

⁹² Inscrição do Arco de Claudio, disponível em: http://en.wikisource.org/wiki/Arch_of_Claudius

⁹³ Suetônio, *Claudius* 17

se prepararam para deslocarem-se a oeste e ao norte. Os romanos estabeleceram sua nova capital em Camulodunum, e Claudio retornou a Roma para celebrar sua vitória. Carataco escapou e continuou a resistência a oeste.

Figura 2: Painel com inscrição do Arco de Claudio, Roma (51-52 d.C.)⁹⁴



⁹⁴ KEPPIE, L. Understanding Roman Inscriptions. Routledge, London, 2001, p. 46

Figura 3: Texto restaurado do Arco de Claudio (de acordo com Castagnoli e Gatti)⁹⁵

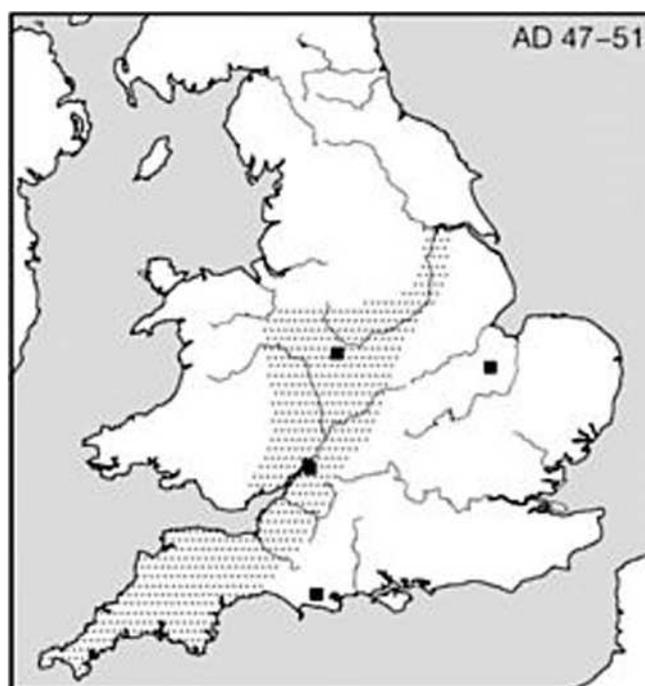


Os estágios iniciais do avanço romano dependeram grandemente de um estável “flanco esquerdo”, o qual foi um reflexo do efeito tampão do território dos Atrebates. Se não fosse pela presença dessa tribo amigável, os elementos hostis do sudoeste poderiam ter criado uma séria ameaça às extensas linhas de abastecimento romanas que vinham das regiões costeiras. Era, portanto, de grande interesse dos romanos assegurarem a estabilidade política da área. A postura de Roma de estabelecer a devida segurança para os seus planos de conquista foi suficientemente clara, pois pouco tempo depois surgiu na região um rei cliente, Tiberius Claudius Togidubnus, que posteriormente começou a ser referido (e a se auto-referir) como “grande rei da Britânia”.⁹⁶

⁹⁵ Idem. p. 47

⁹⁶ BOGAERS, J.E. “King Cogidubnus: another reading of RIB 91”. *Britannia* 10, 1979, pp. 243-54.

Figura 4: Conquista romana da Britânia – avanço da zona militar de influência entre 47-51 d.C.⁹⁷



A área pontilhada marca a zona militar e os quadrados representam fortes das legiões

É possível que: 1) Togidubnus tenha sido deixado por Verica para assumir o controle do governo durante a sua ausência – e por isso já estava no poder quando os romanos desembarcaram. Por outro lado, pode ser argumentado que: 2) ele foi nomeado pelos romanos no momento da invasão entre os membros da casa governante. E é ainda mais provável que: 3) ele já fosse membro da aristocracia dos Atrebates vivendo em exílio, quando teria sido levado pelo exército. Tal hipótese poderia responder à rápida e dramática romanização do reino nos trinta anos seguidos da invasão. Além disso, se o desembarque principal romano foi ou não em Kent, há um bom motivo para sugerir que tenha ocorrido um desembarque de um destacamento militar na região de Chichester para estabilizar a área e manter a atenção em elementos dissidentes. Tal força poderia

⁹⁷ CUNLIFFE, Barry. *Iron Age Communities in Britain: An Account of England, Scotland and Wales from the Seventh Century BC until the Roman Conquest*. New York: Routledge, 2004, p. 227

estar levando o rei, estabelecendo o seu lugar no governo pela ameaça de sua presença. Um forte reino cliente pró-romano pode ter sido usado como uma ferramenta diplomática para persuadir os governantes vizinhos, incertos de suas lealdades, para dar suporte à causa romana.

Togidubnus foi considerado pelos romanos um sucesso como rei cliente, pois Tácito registra o leal apoio do rei entre as décadas de 70 e 80 d.C. Inclusive, duas inscrições ajudam a enfatizar a extensão da Romanização. Uma registra a construção de uma estátua, provavelmente eqüestre, de Nero em 58 d.C., enquanto a segunda – uma placa de um templo dedicada a Netuno e a Minerva erguido em honra à Divina Casa do Imperador, provavelmente na década de 80 d.C. –, dá a Togidubnus o título de grande rei. Ainda foi sugerido que o grande palácio construído em Fishbourne, Sussex, tenha sido a residência do rei em anos posteriores.⁹⁸

Em geral, há evidências que comprovam uma romanização relativamente rápida da tribo dos Atrebates, mas podemos dizer que Togidubnus encarou muitas dificuldades diante dos membros de sua tribo, pois há crescentes evidências de vestígios militares em Chichester, podendo ser relacionadas a uma requisição do rei por uma guarnição romana para dar-lhe suporte com o objetivo de estabelecer e manter seu controle pelo menos nos primeiros anos de seu reinado. Do ponto de vista romano, contudo, o arranjo foi um grande sucesso, como Tácito escreve em *Agricola*: “um exemplo do costume romano há muito constituído de empregar reis para fazer outros de escravos”.⁹⁹

Segundo as fontes citadas, os vizinhos ao norte dos Trinovantes, os Icenos, se submeteram a Roma imediatamente após o estágio inicial da invasão, estando seu líder

⁹⁸ CUNLIFFE, B.: “Excavations at Fishbourne. Vol. 1: The Site”. London: Soc. Antiq. Res. Rep. 26, 1971 *apud* CUNLIFFE, Barry. *Iron Age Communities in Britain: An Account of England, Scotland and Wales from the Seventh Century BC until the Roman Conquest*. New York: Routledge, 2004, p. 221

⁹⁹ TACITO, *Agricola* XIV

entre os onze reis que ofereceram apoio a Claudio. A identidade do rei é desconhecida, no entanto, há a possibilidade de que tenha sido Prasutargus, que permaneceu como rei cliente de Roma até a sua morte. Como rei cliente, ele continuou a cunhar moedas de prata portando um busto de estilo romano e a legenda SUBRI PRASTO no anverso e, um cavalo com as palavras ESICO FECIT no reverso (sob a autoridade do rei Prasto, Esico me fez).¹⁰⁰ Contudo, achados revelaram uma controvérsia: uma nova moeda¹⁰¹ encontrada mostra que a legenda completa desse modelo de moeda é SVB ESVPRASTO e ESICO FECIT, o que coloca em dúvida a associação de “PRASTO/ESVPRASTO” a Prasutargus. O reino cliente dos Icenii chegou a um dramático fim com a morte do rei em 60 d.C., seguida da revolta liderada por sua esposa, a rainha Boudica, assunto que trataremos no próximo capítulo.

Figura 5 – Moeda de prata, provavelmente de Prasutargus



Moeda encontrada entre os achados de uma urna em 1997-98 no sudoeste de Norfolk. A partir desse material foi reconsiderada a associação feita a partir de outra moeda ao rei Prasutargus.

Fonte: Catálogo do DCMS (Department for Culture, Media and Sport) *Treasure Annual Report 1997-1998 – Coin Finds*, Publicado em Março de 2000.

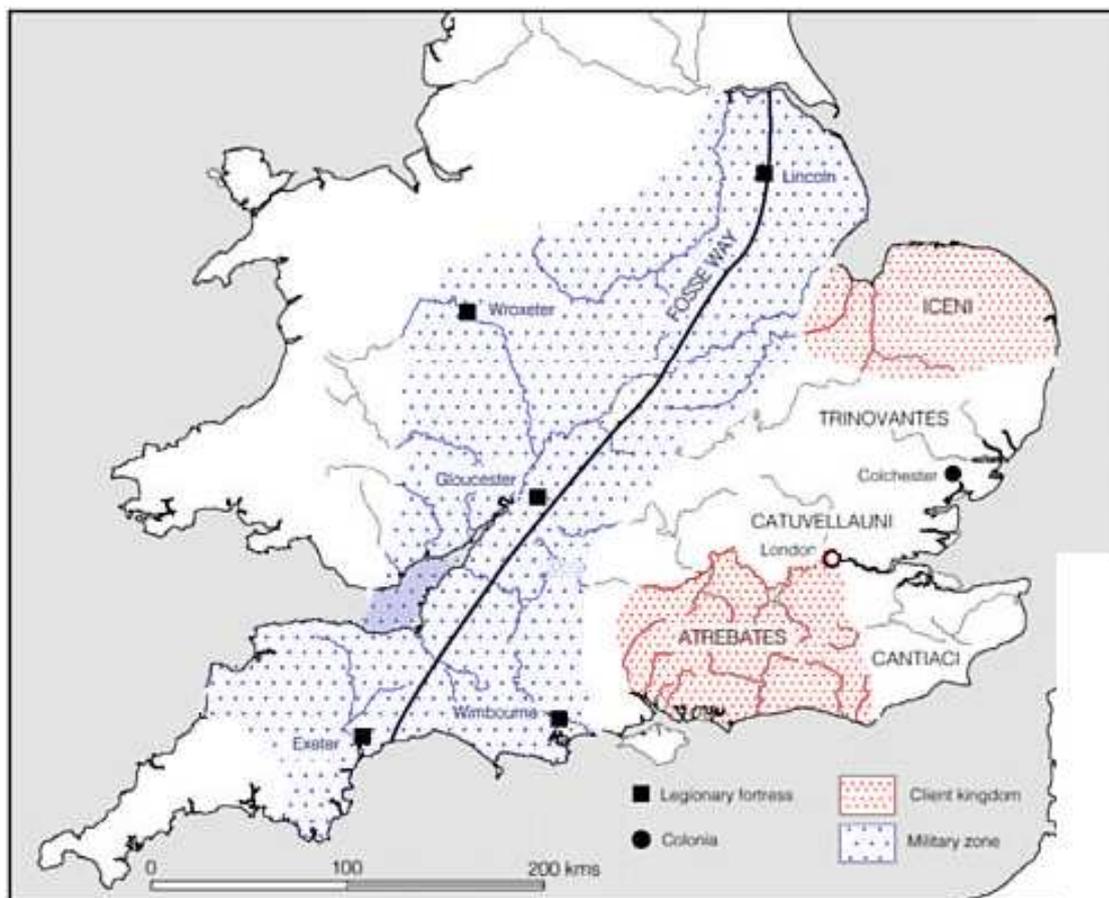
Disponível em: http://www.culture.gov.uk/images/publications/Treasure_AR97_98_part4.pdf

¹⁰⁰ CUNLIFFE, Barry. *op. cit.*, p. 197.

¹⁰¹ Catálogo do DCMS (Department for Culture, Media and Sport) *Treasure Annual Report 1997-1998 – Coin Finds*, Publicado em Março de 2000 Disponível em: http://www.culture.gov.uk/pdf/treas_p23-p33.pdf Acessado em: 05/02/2009

Em 47 d.C., portanto, a parte da Britânia mais próxima do continente foi subjugada pelo exército romano e, excetuando os reinos dos Iceni e Atrebates, a região estava agora sob o controle militar direto.

Figura 6: Sudeste da Britânia nas décadas seguintes à invasão de 43 d.C.¹⁰²



Em vermelho estão as tribos dos Iceni e dos Atrebates, reinos clientes de Roma. Em azul, zona de ocupação militar das regiões tribais que serviam como zona de amortecimento a ataques de tribos hostis do norte, noroeste e sudoeste. Cortando esses territórios está o caminho da “Fosse Way”. Os quadrados representam fortes legionários e o círculo, a colônia.

A linha de fronteira estabelecida foi a estrada atualmente conhecida como Fosse Way. Ela era destinada a defender toda a região até os atuais rios Trent e Severn, sendo planejada para também proteger os Dobuni e Coritani contra saqueadores de regiões além daqueles rios. O percurso que essa linha de fronteira dispõe nos mostra que seus

¹⁰² CUNLIFFE, B. *Iron Age Communities in Britain: An Account of England, Scotland and Wales from the Seventh Century BC until the Roman Conquest*. New York: Routledge, 2004, p. 224

idealizadores consideravam os Dobuni e Coritani como tribos amigas, não como inimigas; pois, ela passava diretamente pelo centro de seus territórios e tinha, de acordo com a prática comum daquele momento, unidades auxiliares em certos pontos, cujo dever era patrulhar as vizinhanças de seus vários fortes. Assim agiam como guarnições defensivas para a região a que estavam estabelecidas, da qual dependiam para receberem suprimentos.¹⁰³

O posicionamento da primeira zona de fronteira através da atual Fosse Way é interessante. Ao adotarem essa linha, os estrategistas romanos estavam escolhendo um eixo natural de comunicação tendo à frente uma linha fluvial praticamente contínua – o eixo Severn-Trent – mas eles estavam usando também as três tribos periféricas, os Durotriges, os Dobunni e os Corieltauvi como sua zona militar de amortecimento. Em outras palavras, os romanos estavam deixando as tribos centrais do sudeste e os aliados Icenii se desenvolverem dentro da província, enquanto excluía as tribos do oeste e do norte. É notório que o uso da zona de periferia como uma fronteira mostra uma aguçada compreensão da geografia política da região por parte dos romanos.

Com essa atitude, percebemos a mensagem simbólica transmitida, da separação de dois universos, em que uma era região interna da fronteira (pela perspectiva romana) guardava as conquistas romanas e também aqueles que eram pró-romanos, e uma externa, pertencendo àqueles que não tinham se submetido à nova ordem romana. Desse modo, as fronteiras físicas e as “fronteiras étnicas” se confundem, e a relação do “eu” (romano) com o “outro” (bretão) continua se estabelecendo e reafirmando a partir do enfrentamento bélico, ainda mais tendo em vista que esta região externa ainda abrigava

¹⁰³ COLLINGWOOD, R. G., MYRES, J. N. L.. *Roman Britain and the English Settlements*. New York: Biblio and Tannen, 1990, p. 91

três territórios-tampão, portanto sendo um grande núcleo de hostilidade e resistência aos romanos que estava sendo isolado, excluído, marginalizado.

Nas direções oeste e norte da fronteira, havia regiões menos atraentes aos interesses romanos daquele momento, na medida em que eram difíceis de conquistar e de capacidade produtiva incerta. Isso, evidentemente, estava para além dos interesses territoriais dos romanos. Entretanto, as tribos adjacentes à fronteira foram dominadas e colocadas provavelmente sob alguma forma pacífica de relacionamento com o novo governo. Finalmente, através do norte da Britânia, de costa a costa, localizava-se um complexo de tribos denominado por Brigantes, onde a lealdade a Roma era clara na maioria das vezes, embora a mesma não fosse estável. Os Dobunni e os Cornovii, portanto, foram empregados como territórios-tampão contra Gales, enquanto os Brigantes serviram para absorver as pressões das tribos do norte.¹⁰⁴

¹⁰⁴CUNLIFFE, Barry. *op. cit.* p. 225

Figura 7 – Mapa da Britânia com demarcação aproximada dos territórios tribais



Fonte: www.roman-britain.org

A resistência nativa foi virtualmente desmantelada no sudeste, mas com o poderoso líder guerreiro Carataco, o foco do movimento anti-romano se dirigiu para o sul de Gales, ao território dos Silures, por onde, no inverno de 47- 48 d.C., ele lançou um ataque violento contra uma tribo aliada à Roma – provavelmente os Dobunni no

vale do Severn. Aqui podemos identificar a formação de fronteiras étnicas internas dentro da nova relação existente na Britânia, estando os Dobunni representando o lado romano por ser seu aliado, mas ainda assim continuam sendo bretões e, portanto, estão assumindo uma identidade mista, seja por quais razões fossem. Assim aqueles que adotavam uma postura de resistência e hostilidade aos romanos (Carataco) viam nessa tribo uma representação do inimigo maior e estrangeiro (apesar de se tratar de uma tribo local) e, assim, ela deveria ser combatida como inimiga. Tal evento e tal crescente força da resistência bretã, levou o novo governador romano Ostorius Scapula a adotar uma política militar mais agressiva, que acarretava ocupar o oeste das terras centrais e, portanto, isolar as tribos de Gales da tribo dos Brigantes.

Os preparativos não passaram despercebidos por duas tribos bretãs: o avanço ao interior do território dos Deceangli na região norte de Gales foi recebido por uma pequena insurreição entre os Brigantes ou de uma de suas pequenas tribos dependentes, algumas das quais devem ter considerado sua independência ameaçada pela movimentação das tropas romanas a uma distância tão próxima; enquanto o desarmamento das tribos do sudeste – uma precaução julgada necessária pelos romanos para proteger sua retaguarda – foi recebido com uma revolta no território dos Icenos que teve de ser combatida por um destacamento de auxiliares.

Nesse momento, então, encontramos dois focos de insurreição entre duas tribos aliadas dos romanos. Primeiro, entre os Brigantes, principalmente pelo fato de que esse território abrigava diversas outras tribos menores, mas que pelos eventos aparentemente tinham uma identidade própria, tendo em vista que algumas tomaram a decisão de se erguer contra os romanos diante da suspeita de que seriam atacadas. Assim vemos que esta prática de criar um constructo tribal a partir da reunião de diversos núcleos

menores, é uma demonstração de que para os romanos, esses povos detinham as mesmas características, de modo homogêneo, reduzindo-os a uma determinada identificação de grupo “de fora para dentro” e que não respeitava as particularidades étnicas de cada grupo. Podemos ver, contudo, que não havia exatamente esta homogeneidade quando justamente alguns dos núcleos se ergueram contra os romanos por acreditarem no risco que sofriam pela proximidade das tropas romanas.

O segundo caso é o da tribo dos Icenos, aliados de Roma, que se erguem contra a decisão do governador de confiscar as armas da tribo, a qual foi colocada em prática. Podemos ver, portanto, que apesar da aliança com os romanos, os Icenos não estavam assumindo o papel de clientes da maneira esperada pelos dominadores, pois no primeiro momento em que sentiram que a troca estabelecida na relação entre ambos estava sendo quebrada, protestaram e igualmente quebraram com a ordem romana pré-estabelecida. Nesse momento, então, seguindo a idéia da formação de uma fronteira étnica entre pró-romanos e anti-romanos, os icenos, que estavam anteriormente no primeiro lado, passaram prontamente para o outro, o da resistência. Assim, acabaram recebendo não mais a proteção e segurança que os romanos ofereciam em troca da subserviência, mas a repressão, tratamento que era dado àqueles que ofereciam a resistência.

Enquanto as tribos de Gales na fronteira oeste da província estavam sendo submetidas, problemas surgiram no norte, entre os Brigantes. O primeiro sinal de agitações (*discordiae*) ocorreu em 47-48 d. C. como resultado do ataque romano em Flintshire. A situação foi séria o suficiente para compelir o general romano a retornar, “os Brigantes, porém, tendo sido mortos os que se opuseram em armas e perdoados os demais, apaziguaram-se”¹⁰⁵. O uso da palavra “discórdia”¹⁰⁶ para descrever o levante

¹⁰⁵ Tácito, Anais. Livro XII Cap. 32. Trad. Leopoldo Pereira. Coleção Clássicos de Bolso. Ediouro. s/d, p. 175

tende a sugerir problemas internos, divisões de acordo com as tendências pró ou anti romanas, as quais provavelmente foram resolvidas pela casa governante sem a necessidade de auxílio romano. Provavelmente foi um incidente menor, mas, bastante relevante, pois indicou e alertou para a divisão entre as facções pró-romanas e anti-romanas que eventualmente viria a destruir a confederação de tribos que formavam a Brigantia.¹⁰⁷

Após os preparativos e o conseqüente desconforto com algumas tribos tendo sido lidado, as tropas foram deslocadas contra Carataco, primeiro em território dos Silures e depois nas terras Ordovices no norte de Gales, para onde Carataco havia se movido, presumivelmente para estar mais próximo de sua rota de fuga mais ao norte. Após algum tempo Carataco abandonou sua tática de guerrilha e escolheu por resistir em um topo de colina altamente fortificado. A batalha resultou na derrota de Carataco, e ele foi forçado a fugir, buscando refúgio entre os Brigantes, quando então a rainha Cartimandua o entregou às autoridades romanas em 51 d.C.

Carataco devia estar contando com a força do sentimento anti-romano, quando em 51 d.C., ele fugiu para Brigantia em busca da proteção da rainha Cartimandua, porém, este líder bretão foi imediatamente entregue às autoridades romanas. Um ato como este pode ser traduzido, por um lado, como uma tentativa da rainha em demonstrar sua lealdade a Roma e, por outro, como uma reafirmação da sua própria

¹⁰⁶ “*Ceterum clade Icenorum compositi qui bellum inter et pacem dubitabant, et ductus in Decangos exercitus. vastati agri, praedae passim actae, non ausis aciem hostibus, vel si ex occulto carpere agmen temptarent, punito dolo. iamque ventum haud procul mari, quod Hiberniam insulam aspectat, cum ortae apud Brigantia discordiae* [destaque nosso] *retraxere ducem, destinationis certum, ne nova moliretur nisi prioribus firmatis. et Brigantes quidem, paucis qui arma coeptabant interfectis, in reliquos data venia, resedere: Silurum gens non atrocitate, non clementia mutabatur, quin bellum exerceret castrisque legionum premenda foret. id quo promptius veniret, colonia Camulodunum valida veteranorum manu deducitur in agros captivos, subsidium adversus rebellis et imbuendis sociis ad officia legum.*” (Tácito, Anais. Livro XII Cap. 32) Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?doc=Perseus:text:1999.02.0077:book=12:chapter=32> Último Acesso em: 14/09/2008

¹⁰⁷ CUNLIFFE, Barry. *op. cit.*, p. 226

posição de poder aos olhos do exército de ocupação na ilha. Ela havia acabado de testemunhar o grande sucesso das forças romanas em Gales; também havia encarado a turbulência dentro de seu próprio território, causada pela insurreição de pequenos grupos de tendências anti-romanas, algo que, se não tivesse sido controlado, poderia ter criado uma situação de conflito aberto pelas forças romanas; logo, alguma prova de lealdade pode ter sido julgada necessária para prevenir a intervenção daquele tipo em seu reino.¹⁰⁸

Pela perspectiva da fronteira étnica, podemos identificar pela atitude da rainha Cartimandua mais uma divisão interna, entre tribos bretãs. É importante primeiro considerar alguns fatores que explicam essa questão.

1. A tensão prévia criada pela postura expansionista da tribo de Carataco antes da invasão de Roma, o que certamente causava incômodo para as demais tribos. Antes da invasão de Roma, os Catuvellauni estavam conquistando e expandindo seus domínios na ilha. Isso estava ameaçando o frágil equilíbrio que existia nas relações intertribais, pois formava um poder hegemônico, praticamente sem rivais. Os sentimentos associados à expansão de uma tribo rival, seja pela ameaça de ser conquistado ou por ter sido conquistado leva a ações como esta da rainha brigante, assim como da aliança de outras tribos aos romanos, como os Icenos;
2. Com a chegada de Roma temos, portanto, a disputa de duas potências expansionistas em território bretão. Assim fica nos primeiros anos da

¹⁰⁸ CUNLIFFE, Barry. *Iron Age Communities in Britain: An Account of England, Scotland and Wales from the Seventh Century BC until the Roman Conquest*. New York: Routledge, 2004, p. 226

invasão romana, fica estabelecida não a dualidade “bretões x romanos”, mas a de “Catuvellauni X Roma”.¹⁰⁹

Com o conflito e o choque se estabelecendo, as fronteiras étnicas são formadas de modo a cada um dos lados procurarem definir ao outro e se auto-definir, buscar alianças e estabelecer os meios para tentar obter o sucesso. Pelas fontes romanas podemos notar que a definição utilizada pelos mesmos é a de reduzir as tribos a uma uniformização fictícia, assim estabelecendo o modelo “romanos x bretões”, mas que torna-se “real” somente a partir do momento em que é construída. Portanto, para os romanos a relação se estabelece pelo modelo citado, contudo vale lembrar que uma das motivações (mais como um pretexto político) foi a defesa dos interesses de Verica, cuja tribo estava sendo ameaçada pelos Catuvellauni. Assim, apesar do modelo generalizante estabelecido pelos romanos, uma das motivações para a invasão vinha diretamente das ações da tribo Catuvellauni, a qual os romanos estariam indo enfrentar para proteger a “liberdade” de um dos reinos clientes.

Com a atitude de Cartimandua, ela declara abertamente seu alinhamento com o poder de Roma, entregando o líder que representou a maior frente de resistência nesses primeiros anos de invasão, cuja fama alcançou até a cidade de Roma¹¹⁰ e ainda, segundo Thomas Grünewald, Carataco pertencia a um círculo de inimigos respeitados de Roma junto com outros como Arminius e Julius Civilis.¹¹¹ Assim, Cartimandua também possibilitou ao imperador Claudio exibir o líder derrotado em seu triunfo. A rainha

¹⁰⁹ Apesar de diversas vezes utilizarmos “bretões” para nos referirmos aos povos da Britânia, aparentemente desconsiderando suas particularidades, reduzindo-os a um termo comum, deixamos claro que o fazemos por razões de objetividade. Defendemos a idéia de que a realidade da ilha era a plena heterogeneidade e que não havia uma coesão política, econômica ou social para caracterizar de forma tão abrangente esses povos.

¹¹⁰ Tácito, Anais. Livro XII Cap. 36. Trad. Leopoldo Pereira. Coleção Clássicos de Bolso. Ediouro. s/d, pp. 176-177

¹¹¹ GRÜNEWALD, Thomas. Bandits in the Roman Empire: Myth and Reality. DRINKWATER, John. (trad.). Routledge, London, 2004, p. 37-41

assim se coloca do lado romano da relação da fronteira étnica existente nesse momento, como reino cliente, território tampão protegendo a província das tribos do norte e provavelmente recebendo a cidadania romana. Mais adiante analisaremos o papel desempenhado pela tribo dos Brigantes e a rainha Cartimandua anos depois da captura de Carataco.

A futura captura do líder guerreiro não significou, no entanto, o fim da resistência das tribos de Gales, que ainda se prolongaria por aproximadamente mais trinta anos. Em 51 ou 52 d.C. os Silures derrotaram uma legião, infringindo baixas consideráveis, no entanto, durante os anos finais da década de 50 d.C. essa tribo foi gradualmente esgotada pelas contínuas campanhas de Didius Gallus e mantida sob certo controle pelo estabelecimento de fortes. Mas já nesse momento a intenção romana não era mais conquistar: era destruir a resistência e assim remover a ameaça à fronteira.

2.2.1 O *oppidum* de Camulodunon e a criação da colonia Claudia Victricensis Camulodunensium

Era costume dar porções de terra a legionários que terminavam seus serviços. Augusto acrescentou a prática de gratificações monetárias. Quando um grande número de soldados era liberado na mesma área e simultaneamente, cidades chamadas *coloniae* eram fundadas, assim como de tempos em tempos como atos da política imperial. Eram concedidas uma porção do terreno da cidade e outra no *territorium* – o campo ao redor da cidade –, sendo correspondentes à posição que do soldado na hierarquia militar. As principais intenções com isso, provavelmente, eram as de que os legionários formassem famílias e que proovessem futuros recrutas para as legiões, além de representarem uma força de reserva veterana em caso de necessidade – como se mostrou no caso da revolta

de Boudica – e também como elemento de disseminação da cultura romana na região. A população de uma *colonia* era essencialmente de cidadãos romanos, porém o elemento não-romano, chamado *incolae*, estava às vezes presente também. Em 49 d.C., a primeira *colonia* na Britânia foi estabelecida em *Camulodunum* (Colchester) para veteranos de uma (ou talvez mais) das legiões que serviam na província.¹¹²

Decerto, somente o estabelecimento do centro do culto imperial em *Camulodunum* sob Claudio não é suficiente para indicar que o *oppidum* havia sido idealizado para ser o centro administrativo para a província. O *oppidum* de *Camulodunon* tornou-se capital de Cunobelinus por volta de 9 d.C. e por fim, pelas posteriores conquistas dos Catuvellauni, um dos centros mais importantes do sul da Britânia. Diante disso, portanto, ela era a escolha mais óbvia para o centro da ocupação romana, pois lá este exerceria um maior impacto aos nativos bretões.

Camulodunum é a forma romanizada do nome bretão *Camulodunon*, significando “fortaleza de Camulos”, o deus celta da guerra. No tempo anterior à conquista romana de 43 d.C. ela era o principal centro da tribo dos Trinovantes, que ocupava aproximadamente a área correspondente a Essex e parte sul de Sufflok. A tribo aparece em registro escrito em 54 a.C. quando Mandubracius, um jovem príncipe trinovante, foge e pede ajuda de Julio César após seu pai ser morto por Cassivellaunus, rei dos Catuvellauni. Após a derrota de Cassivellaunus por César, Mandubracius retornou para sua tribo, provavelmente para se tornar rei. O nome do assentamento é mencionado por Ptolomeu em seu tratado *Geografia* (II,2) como capital dos trinovantes. Tácito também o faz, informando sobre seu *status* de *colonia*¹¹³ Além disso,

¹¹² DAVIDSON, *op. cit.* 2004

¹¹³ TACITO, *Annales* XII, 32 e XIV, 32

O nome completo da cidade pôde ser recuperado a partir de uma inscrição não datada que designa Gnaeus Munatius Aurelius Bassus como censor da Colonia Victricensis Camulodunum, localizada na Bretanha (I.L.S. 2740), bem como através de uma outra inscrição não datada encontrada em Londres, no túmulo de G. Pomponius Valens, Também originário de Camulodunum. (J.R.S lii, 191, no. 1).¹¹⁴

A maior parte de Camulodunum está disposta num pedaço de terra cercada na parte norte pelo rio Colne e no sul pelo rio Romano. Era protegida por uma série de obstáculos de terra medindo 24 km de comprimento. Esse sistema é provavelmente um dos maiores do seu tipo e época conhecidos na Britânia e comprovam a grande importância de Camulodunon na era do ferro. O assentamento foi transformado em um forte a partir de uma cuidadosa combinação de obstáculos, assim como pelos atributos naturais da região, como vales, rios e floresta densa. O sistema de obstáculos de terra não parece ter sido parte de um plano a longo prazo, mas cada um deles parece ter sido adicionado para dar algum aprimoramento específico ao sistema já existente.

A complexidade e escala do sistema sugerem que não se tratava apenas de uma extravagante forma de demonstração de status, mas um aparato defensivo que repetidamente foi necessário e frequentemente aprimorado. Esse sistema parece ter sido bem eficiente contra carroças de guerra. A maior parte desses obstáculos estava na parte oeste para oferecer proteção de ataques daquela direção.¹¹⁵

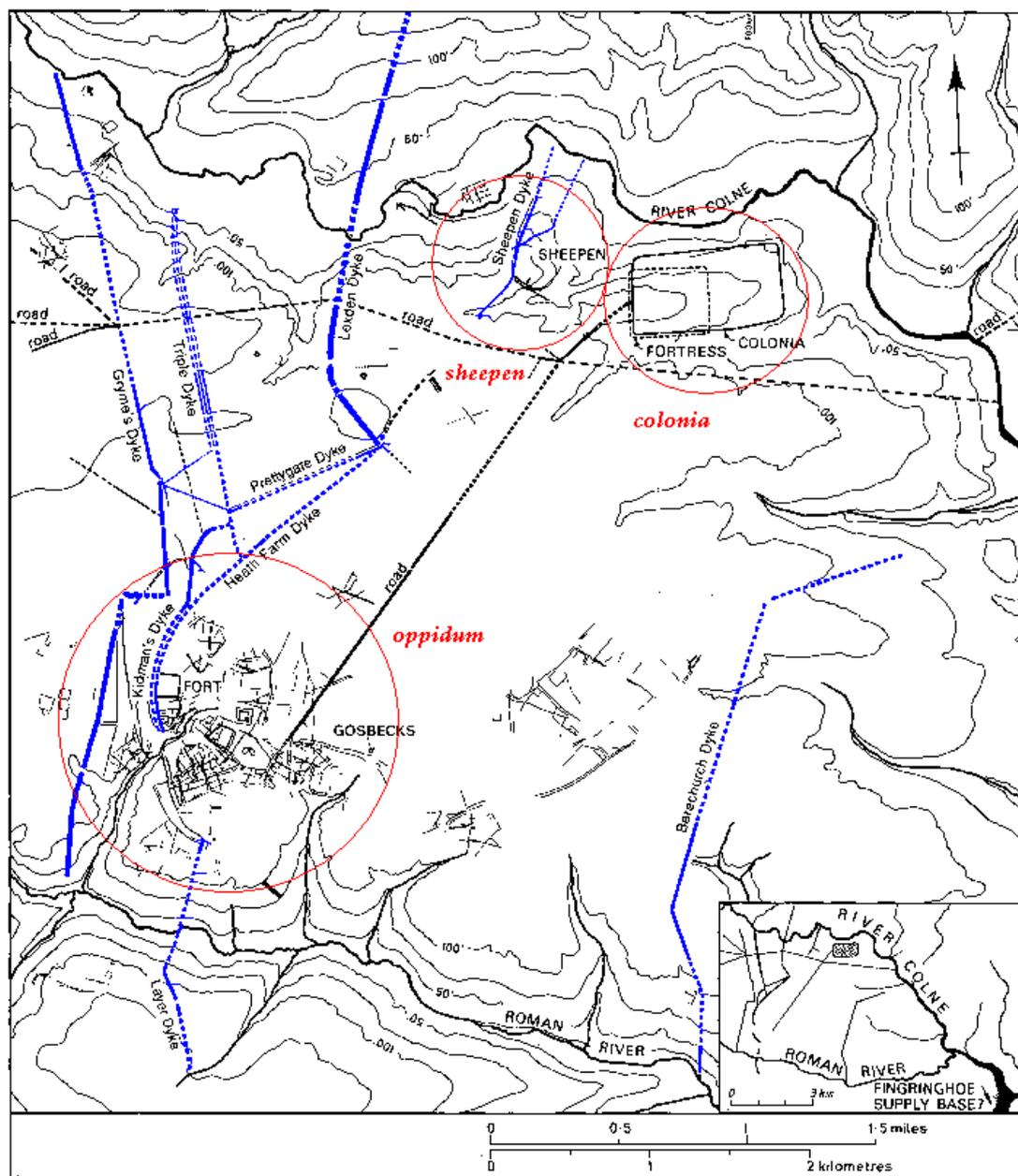
Considerando a área circundante a Camulodunum, é possível separá-la em três sítios: Gosbecks – onde se localizava de fato o *oppidum* fortificado bretão –; Sheepen Farm – que concentrava os locais de culto, comércio e manufatura nativos –; e então o local de fato onde se constituiu o forte e, posteriormente, a *colonia*. Apesar de

¹¹⁴ DAVIDSON, *op cit* p. 183

¹¹⁵ WACHER, John. *The Towns of Roman Britain*. Grã Bretanha: Bastford, 1976

possuírem certas funções políticas, econômicas e religiosas, o complexo Gosbecks-Sheepen dificilmente poderia ser considerado como urbano.¹¹⁶

Figura 8 – Complexo Gosbecks-Sheepen



Fonte: British History Online. Disponível em: <http://www.british-history.ac.uk/report.asp?compid=21969>

- Acessado em 16/01/2007

¹¹⁶ DAVIDSON, *op.cit.*

A região destacada pela circunferência vermelha delimita aproximadamente as localizações do *oppidum* de Camulodunon (Gosbecks), Sheepen e a *colonia* de Camulodunum e as linhas em azul, os obstáculos defensivos de terra.

Cabe destacar o fato de que o forte, e posteriormente a *colonia*, não foram fundados no mesmo lugar em que se encontrava o *oppidum*, mas a uma curta distância dele. O assentamento bretão, com duas edificações precárias e dispersas, pouco tinha para oferecer como base para a urbanização planejada. Tal atitude seria, talvez, algo desnecessário e provocativo, que não traria qualquer benefício prático. Assim, o forte se transformou num lugar do qual emanava um poder novo, que se sustentava, a princípio, pelo poder militar dos legionários, mas que devia criar novos e mais sólidos mecanismos de consolidação do poder na região. Da mesma maneira, é uma manifestação física das fronteiras étnicas propostas, sendo então uma forma de delimitar de forma clara o espaço romano (“nós”) separado do espaço bretão (“eles”) e não haver a sobreposição dos “mundos” em choque nesse momento, ao mesmo tempo que também tornava presente a ameaça militar do exército romano.

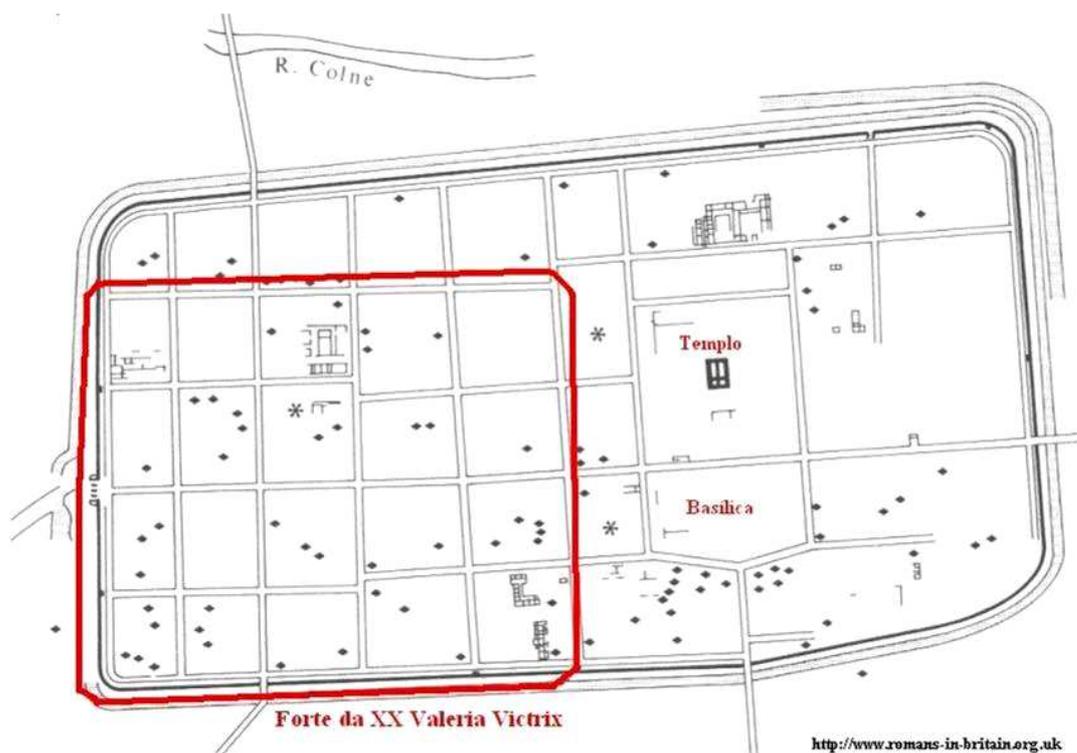
A cidade foi construída seguindo o modelo planejado. O *cardus maximus* foi traçado na direção leste-oeste, sendo a partir da porta da região oeste que penetrava na cidade a estrada que a ligava a Londinium.

Apesar de *Camulodunum* ser a capital da nova província, o centro do qual as estradas irradiavam era *Londinium*. A construção de estradas era um instrumento essencial de conquista, e a maior parte das principais estradas romanas na Britânia devem ter sido traçadas logo nos momentos iniciais da conquista. Quando vemos *Londinium* sendo o centro do qual irradiavam três estradas principais – Watling Street, que vai à direção noroeste até Wroxeter; outra à direção norte até Lincoln; e uma

terceira à direção oeste –, dificilmente podemos duvidar que elas foram construídas para um triplo avanço das legiões aos territórios da nova província, e que *Londinium* servia como centro de suprimentos e base para os três destacamentos do exército.

Um templo monumental foi construído em Camulodunum por volta de 44 d.C., cuja grandiosidade era dedicada ao Imperador Claudio. Ele estava localizado no meio de uma área de habitações civis, provavelmente com a intenção de lembrar aos nativos que agora eram servos de Roma e o poder que ela passaria a exercer em suas vidas.

Figura 9 – Forte em Camulodunum



Destaque da possível localização do Forte da LEGIO XX

Fonte: Romans in Britain – Disponível em: http://romans-in-britain.org.uk/arc_roman_towns.htm -

Acessado em 16/01/2007

Recentes pesquisas arqueológicas encontraram evidências de um *circus* romano ao sul da *colonia*. A presença de utensílios de vidro de meados do século I d.C. com

imagens de cenas de um *circus*, a fundação da cidade estar aproximadamente no mesmo período (50 d.C.), este momento sendo o ideal para a construção de tal elemento, e o fato da cidade ser o centro do culto imperial, fazem com que seja estimada a data da construção para segunda metade do século I d.C. Inclusive, o *circus* era associado a festivais e rituais, assim como corridas e outras atividades esportivas, e a conexão ente um *circus* como esse e o estabelecimento do culto imperial é uma possibilidade a mais.¹¹⁷ Contudo, as evidências para datação são extremamente limitadas. Outros elementos atestam que a construção não foi construída antes do final do século I d.C. Foi ainda argumentado, por Crummy, que a escala da construção é tão grandiosa que o próprio imperador deve ter arcado com os custos da sua construção.¹¹⁸

Primeiro, as paredes são claramente parte de uma única construção. Os restos parecem representar a estrutura principal do *circus*. Os assentos (*cavea*) estavam diante da estrutura alongada, com dimensões de 71.1-74.2m de largura e 448.2m de comprimento (projeções mais recentes). O *circus* provavelmente tenha se parecido bastante com as versões do continente.

Achados indicam arquitetura decorativa romanizada, com colunas de concreto romano e vestígios de revestimento de mármore em algumas delas.

Artefatos encontrados anteriormente em Colchester mostrando corridas de carroças agora adquirem um novo significado: alguns podem ter sido souvenirs de eventos locais reais. Uma fina cerâmica do século II mostra quatro carroças de quatro

¹¹⁷ Colchester Archeological Trust. *Roman Circus*. Artigo extraído de “*The Colchester Archaeologist*”, 18 (2005) Disponível em: <http://www.catuk.org/excavations/circus/index.html>. Data da consulta: 20/01/2009

¹¹⁸ Crummy, P 2005a 'Eureka! A Roman circus'. *Colchester Archaeologist* **18**, 2-8 *apud* Colchester Roman Circus Management Plan, p. 6. Disponível em: <http://www.colchestermuseums.org.uk/infodesk/downloads/Circus%20Management%20Plan.pdf> Último Acesso em 16/11/2008

cavalos (*quadrigae*).¹¹⁹ (imagem 6) Uma tigela de vidro, encontrada em Colchester, datada do século I d.C., decorada com quatro *quadrigae* e condutor, possui um texto celebrando a vitória de Crescens sobre seus três competidores adversários. A parte superior registra que ele derrotou seus oponentes Hierax, Olympaeus and Antilochus.¹²⁰ (imagem 7) Outro recipiente de vidro mostra uma cena similar. Quatro fragmentos de vidro foram encontrados pelo *Colchester Archaeological Trust* em Balcerne Lane. Esses fragmentos são aproximadamente um-quarto de um recipiente cilíndrico com um friso de uma corrida. É representado o condutor vitorioso Olympe com uma quadrigae, segurando ao alto sua coroa e palmeira, com a inscrição OLYMPE VA.¹²¹ (imagem 8)

¹¹⁹ The British Museum – http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/pe_prb/p/pottery_jar_with_chariot_race.aspx – Data da consulta: 20/01/2009

¹²⁰ The British Museum – http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/pe_prb/g/glass_beaker_with_chariot_race.aspx – Data da consulta: 20/01/2009

¹²¹ Roman Glass Makers – <http://www.romanglassmakers.co.uk/articles.htm> - Data da consulta: 20/01/2009

Figura 10 – Recipiente com *quadrigae*



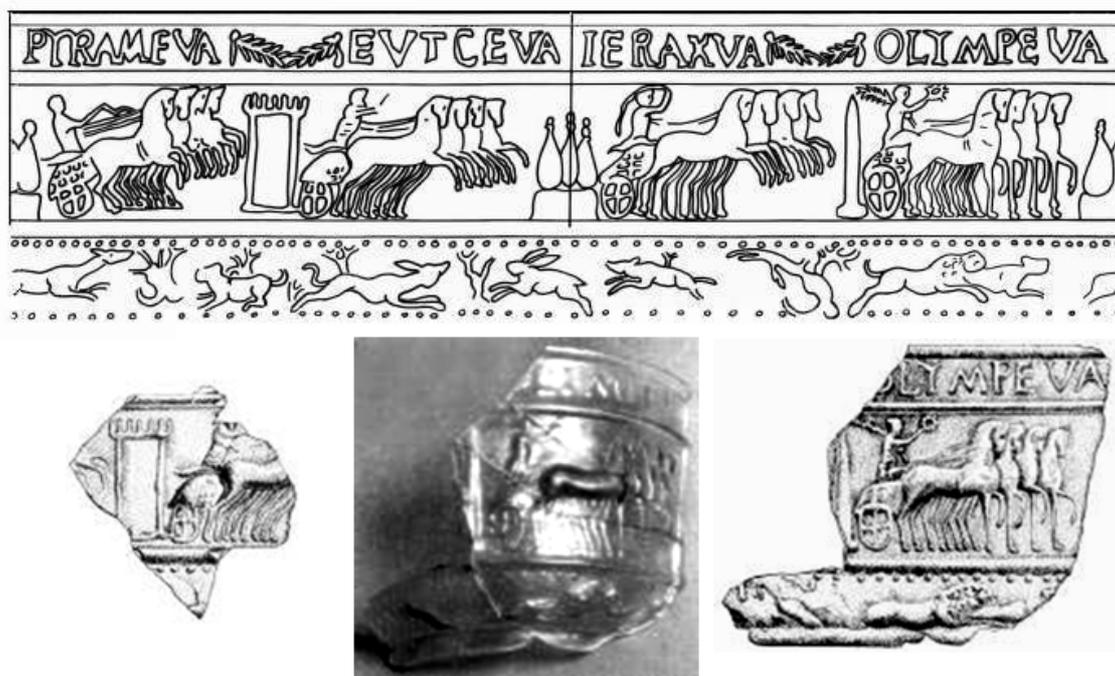
Fonte: The British Museum
(Disponível em:
http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/pe_prb/p/pottery_jar_with_chariot-race.aspx)

Figura 11 – Recipiente de vidro representando corrida em *circus* (1)



Fonte: The British Museum
(Disponível em:
http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/pe_prb/g/glass_beaker_with_chariot_race.aspx)

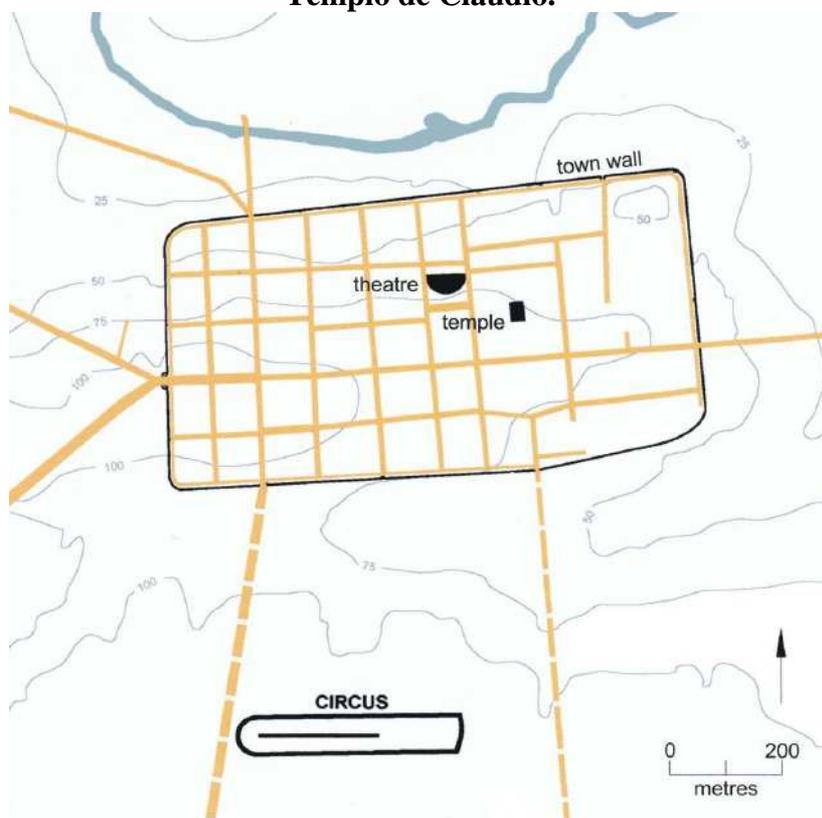
Figura 12 - Recipiente de vidro representando corrida em *circus* (2)



Fonte: Roman Glass Makers
(Disponível em: <http://www.romanglassmakers.co.uk/articles.htm>)

O *circus* que existiu em Camulodunum, onde outros prédios públicos monumentais já eram conhecidos, foi construído aproximadamente nos finais do século I e início do século II, algo que aguarda confirmação. Faz sentido que a *colonia*, com os habitantes mais romanizados das cidades na Britânia naquela época, ficasse satisfeita com jogos.

Figura 13
Plano de Camulodunum mostrando a localização do *circus*, teatro romano e o
Templo de Claudio.



Fonte: Colchester Archeological Trust
Disponível em: <http://www.catuk.org/excavations/circus/index.html>

Figura 14
Visão aérea da localização do Circus



Fonte: Channel4

Disponível em: http://www.channel4.com/history/microsites/T/timeteam/2005_colch.html

As descobertas trazem luz ao grau de conhecimento que temos ainda por aprofundar sobre o legado urbanístico romano na Britânia e o costume de projetos monumentais dedicados a jogos, mesmo em cidades como Camulodunum, de uma província tão distante de Roma. Ele também levanta novos questionamentos sobre o impacto social, cultural e político da primeira *colonia* romana na Britânia e o status da província no grande quadro do contexto imperial.

Uma associação óbvia à presença de uma *colonia* é a de cidadãos romanos. Esse elemento era um dos principais difusores da cultura romana, junto com o exército (ou culturas romanas, já que no exército estavam provinciais de diversas partes do império, e cada um deles representando as especificidades e experiências particulares), que era também o responsável pelas construções principais que articulavam o império e suas províncias: fortes (que se transformavam em cidades em diversos casos) e estradas.

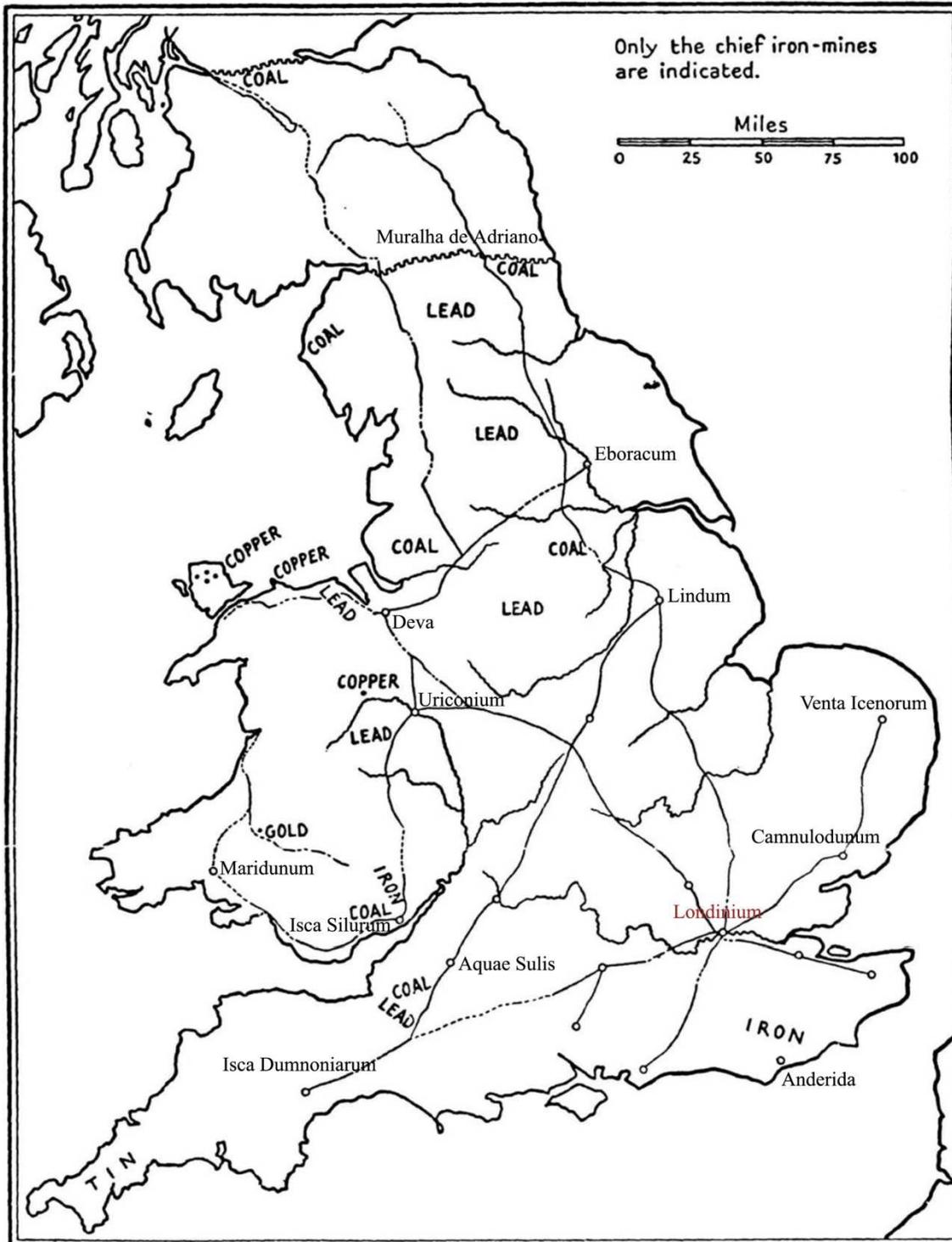
Os fortes e cidades representavam a presença de Roma em determinado local. A partir dele se articulavam relações entre as forças romanas com as populações locais de acordo com as necessidades e interesses de ambas. Por um lado, os soldados necessitavam de serviços que não tivessem no forte, e isso representava alguma oportunidade para populações locais que acabavam, com o tempo, deslocando-se para os arredores dos fortes. Essa interação resultava em trocas não apenas de mercadorias e bens, mas também do contato entre culturas, base fundamental da formulação da fronteira étnica.

Em certos casos em que uma população se fixou nos arredores desses fortes, esse exterior adquiria uma dinâmica própria de crescimento, dando origem a cidades. Com o deslocamento das tropas e o esvaziamento dos fortes, algumas delas começaram de maneira planejada a partir desses fortes pré-existentes e com o passar do tempo tomaram uma dinâmica própria, como o caso de Camulodunum.¹²²

Algumas cidades foram fundadas onde já existiam assentamentos, ou próximas a eles, como aconteceu, igualmente, em Camulodunum. Outras floresceram por estarem próximas a lugares onde se exploravam certos recursos naturais, como a mineração; ou cresceram ao serem incorporadas às redes de comunicação e circulação de mercadorias e pessoas, como Londinium. Em muitos casos, o motivo da fundação e o sucesso do assentamento deveram a uma combinação de dois ou mais dos fatores antes mencionados.

¹²² WACHER, 1976 e DAVIDSON, 2004 (ver figuras 18 a 22 entre as páginas 105 a 108)

Figura 15: Mapa com as principais áreas de mineração da Britânia e cidades próximas¹²³



¹²³ COLLINGWOOD, R. G., MYRES, J. N. L.. *Roman Britain and the English Settlements*. New York: Biblio and Tannen, 1990

Para os romanos a vida civilizada estava concentrada na cidade. Ela era ao mesmo tempo o centro de administração, proteção e culto. A sociedade na Britânia da Era do Ferro, como em outras partes da Gália, apresentava fazendas, fortes e *oppida*. Porém até mesmo os maiores assentamentos não poderiam ser chamados de cidade do ponto de vista Mediterrâneo, e por isso uso da palavra *oppida* por César, Suetônio e outros autores para descrevê-las, por não terem outro termo conhecido por eles para nomeá-las.

Um *oppidum* era algo como uma grande área cercada por barreiras de terra, como aqueles em Camulodunum, ou ainda por ter sido como um forte em uma colina como um dos vinte *oppida* que Vespasiano, enquanto estava na LEGIO II AVGUSTA, capturou durante sua campanha no sul da Britânia logo após a invasão.¹²⁴ Todas atraíam o mesmo nome pelos autores latinos, ainda que nenhum, seja um forte em uma colina ou assentamento com barreiras, devia conter mais do que algumas construções rudimentares e cabanas, e nenhuma preencheria as funções que eram esperadas de uma cidade pela administração provincial romana.

O governo imperial estabelecia cidades, não apenas por elas serem parte essencial do estilo de vida romano, o qual os nativos eram estimulados a imitar, mas elas também tornavam as questões de administração, coleta de impostos e segurança mais fáceis, em suma, de controle. É importante destacar que uma das principais conquistas, a partir da qual podemos julgar o sucesso da administração romana na Britânia, foi a habilidade de persuadir a população, totalmente comprometida com um modo de vida rural, a aceitar estranhos assentamentos urbanos em seu meio.¹²⁵ Para os

¹²⁴ Suetônio, Vespasiano 4

¹²⁵ DAVIDSON, 2004

romanos o processo de assimilação não era um novo problema, tendo sido praticado em outras províncias, especialmente na Gália, obtendo sucesso, em geral. As tentativas de urbanização na Britânia não foram o sucesso pleno que sem dúvida a administração provincial esperava que fosse. Houve erros e falhas, especialmente no início, porém houve mais sucessos e nesse contexto uma cidade bem-sucedida representava um sucesso para a administração provincial em pacificar a região.¹²⁶

A conquista era apenas o início de uma nova fase da intervenção romana na Britânia; a conquista da população nativa era também outra questão, e o crescimento das cidades era sinal de sua aceitação, em termos, e a vitória dos romanos em estabelecer o território da província. Igualmente, pode ser dito que a continuidade ou re-imposição da ocupação militar representou uma falha. Um forte poderia ser ocupado totalmente por cidadãos romanos, mas ele era uma ilha dentro, ou nas fronteiras, de um território estrangeiro hostil, que havia se recusado em aceitar a romanização, exceto provavelmente a um nível bem baixo. Por sua vez, uma cidade pode ter sido habitada quase que completamente por não-cidadãos, porém essa cidade representava a aceitação de Roma de uma maneira que nenhum forte poderia vir a ser.

Cidades foram usadas para promover a propaganda para uma aceitação da conquista romana. Numa província como a Britânia, que não estava familiarizada com a urbanização, isso poderia ser feito apenas pela criação de modelos para servirem de exemplos para a população nativa, e a primeira a ser planejada foi a *colonia* em *Camulodunum*. Nesse plano estavam todos os principais tipos de construção normalmente associados com o civilizado modo de vida da cidade romana. Isso oferecia uma imagem local do poder e magnificência de Roma, além de impressionar os nativos.

¹²⁶ WACHER, 1976

Uma segunda razão para a fundação desta *colonia* em particular é que aproximadamente um ano antes dos trabalhos começarem, uma revolta surgiu a partir da tribo dos Iceni, e com a remoção da última principal unidade do exército, a XX Legião, do sudeste em 49 d.C. foi necessário substituí-la com uma reserva digna. Essas duas principais funções da *colonia* não eram totalmente compatíveis. Os veteranos, que formavam a parte principal da população da cidade, não eram os melhores difusores do modelo de vida urbana; no entanto, havia a indubitável necessidade de sua presença. Além disso, essa mesma reserva de legionários veteranos falhou em levar em consideração os sinais de alerta de 60 d.C., e de fato aumentaram o perigo por seu comportamento arrogante sobretudo diante dos nativos. Contudo, a revolta de Boudicca foi um sério atraso na política de valorização do modelo urbano que Roma estava propondo para a província.

Essas funções da *colonia* eram complementadas por uma que era específica dela. A administração provincial estabeleceu ali o quartel-general do culto imperial. Por escolher um local próximo à antiga capital de Cunobelinus, foi provavelmente percebido que a lealdade de boa parte da população bretã seria perpetuada e transferida para a nova cidade. A decisão não foi de todo boa; a capital administrativa posteriormente foi transferida para Londinium (Londres), apesar do centro do culto imperial ter se mantido em Camulodunum. O culto por si só era ainda outra faceta da política imperial e tendia a ser algo como uma força unificadora em um Império heterogêneo. A criação de um centro de culto era ainda um importante ato em uma nova e “não-civilizada” província. Mais uma vez a administração provincial seguiu os precedentes já estabelecidos na Gália, onde o centro religioso para a sua região norte foi

fundado em um local próximo a *colonia* de Lugdunum (Lyon), na confluência entre os rios Rhône e Soâne.¹²⁷

Foi construído primeiramente um altar e então um templo dedicado a Roma e Augusto, e o aparente sucesso desse centro foi provavelmente a razão para a adoção de um plano similar na Britânia. O grande templo e altar que foram construídos em Camulodunum atraíram atenções desagradáveis, se tornando foco de descontentamento por aqueles elementos que se pretendia unir.

Se as cidades agiam principalmente como centros administrativos, seu papel de fomentar a vida civilizada era praticamente tão importante quanto. Nas cidades a vida civilizada era predominantemente romanizada desde o início, mas nas anteriores capitais era algo novo, o que os nativos teriam que aprender.¹²⁸

A taxa na qual a romanização procedeu é difícil de estimar. Que ela se disseminou profundamente nas cidades, não podemos duvidar. No entanto, um grau da cultura bretã nativa, que variava em força, e de lugar para lugar, se manteve e até se fundiu com a cultura romana em um processo de hibridização.

Da mesma forma, devemos reconhecer que o processo de urbanização, estimulado por Roma, não foi repentino nem homogêneo. Na verdade, tratou-se de um processo gradual, às vezes errático ou incompleto, nem sempre simultâneo e com certa diversidade no que se refere a resultados. Cabe salientar que esse processo foi amortecido e facilitado pelo estabelecimento – anterior à conquista - de reinos clientes, nos quais a autoridade dos reis nativos era reconhecida, com certos limites, enquanto fosse aceita a supremacia do poder imperial. Inclusive, há a possibilidade de que a província já possuísse um grau consideravelmente elevado de romanização antes da

¹²⁷ WACHER, 1976

¹²⁸ WACHER, 1976

conquista.¹²⁹ Porém, apesar da irregularidade do processo de urbanização, houve uma tendência geral das cidades a aumentar em número e tamanho até a revolta de Boudicca, momento que marcou um retrocesso temporário.

No caso da cidade de Camulodunum, a estrutura urbana se impunha por sua magnitude, dimensões, materiais e por ser um fator novo num território onde as únicas concentrações populacionais eram, até a chegada de Roma, os *oppida*. Na Britânia, de maneira bem destacada, a cidade era identificada como o lugar do poder físico e também simbólico. Uma parte desse simbolismo está na capacidade de construir edifícios magníficos em tamanho e nos materiais utilizados, como na dificuldade do transporte do mármore e demais tipos de matérias-primas que não existiam na região, da mesma forma com a capacidade de alterar a natureza ao seu redor, construindo estradas, muralhas, desviando rios, etc.

Devemos destacar que a cidade era o lugar onde aconteciam rituais que serviam para dar coesão aos diversos grupos, além de criar e fortalecer relações entre o Imperador e os súditos. Como lugar sagrado, a cidade romana tinha seus limites bem demarcados – o espaço sagrado – que marca a presença das divindades e os locais de culto. Da mesma forma, a cidade era um espaço de inclusão. Nela ocorria parte do processo de cooptação e romanização das elites bretãs, que era ao mesmo tempo, hierarquizante e homogeneizadora.¹³⁰

Nas regiões previamente urbanizadas do império, mesmo com organizações do espaço muito diferentes, é possível supor que os habitantes estavam familiarizados de

¹²⁹ DAVIDSON, 2004

¹³⁰ DAVIDSON, 2004

alguma forma com os prédios, os lugares de encontro e os monumentos com que o poder imperial romano se expressava. Nas áreas que não tinham centros urbanos, que é o caso extremo da Britânia, um grande número de habitantes provavelmente nunca chegou a ter interesse e nem sequer chegou a participar da vida urbana.

Os meios de propaganda que uma cidade desempenhava empregavam a redundância e a repetição dos símbolos que se relacionavam com determinadas mensagens e conceitos. As próprias cidades, se as analisarmos como mensagem, se repetem no espaço. Dessa forma, qualquer indivíduo que circulasse pelo império podia reconhecer as cidades romanas, pois tinham características comuns que davam uma forte idéia de unidade e continuidade, de um espaço familiar e de uma homogeneidade diante da amplitude do império.¹³¹ Desse modo, os romanos não só procuravam homogeneizar, seja pelo discurso ou pela criação de aglomerados tribais sob um mesmo território (como os Brigantes), mas divulgavam a mesma idéia de si mesmos, como um império coeso, unido, homogêneo e em ordem.

2.3 A revolta de Carataco, e a criação de uma fronteira étnica

Este é o momento de observar uma revolta, que ocorreu no momento da conquista de Claudio, em cuja análise o conceito de fronteira étnica mostra-se adequado e pertinente. Fazemos isso observando a construção relacional entre os agentes que formam esse cenário. Optamos por formas níveis de interação e formação de fronteiras étnicas, a seguir:

¹³¹ ZANKER, 1998

1. Fronteiras inter-tribais e anteriores à invasão romana:
 - a. Catuvellauni (Cunobelino) X Trinovantes (Dubnovellaunus)
 - b. Catuvellauni (Carataco e Togodumnus) X Catuvellauni (Adminius)
 - c. Catuvellauni (Carataco e Togodumnus) X Atrebates (Verica)

2. Fronteira formada no momento da invasão:
 - a. Expansionista bretão X Expansionista romano
 - i. *Para os Catuvellauni: Catuvellauni (Carataco e Togodumnus) X Roma*
 - ii. *Para os romanos: Bretões (Catuvellauni) X Roma (Romanos, Icenos e Atrebates)*

3. Fronteira formada na campanha contra Carataco:
 - a. Carataco X Roma
 - i. *Para Carataco: Bretões (Carataco e tribos aliadas do oeste) X Romanos e bretões aliados (Dobunni)*
 - ii. *Para os romanos: Bretões inimigos (Carataco) / Bretões revoltosos (Icenos e Brigantes) X Roma (Província)*

4. Batalha final
 - a. Carataco X Roma
 - i. *Para Carataco: Bretões (Carataco e aliados) X Romanos*
 - ii. *Para os romanos: Bretões X Roma (Província)*

5. Fronteira interna formada na campanha e reflexo das fronteiras internas prévias:

a. Carataco X Brigantes (Cartimandua)

i. *Para Carataco: Bretões (Carataco e Cartimandua) X Roma* [equívoco de Carataco]

ii. *Para Cartimandua: Carataco X Roma e Cartimandua (Brigantes)*

iii. *Para Roma: Bretões revoltosos (Carataco) X Bretões aliados (Brigantes) e Romanos*

Carataco era filho de Cunobelinus que reinou sobre as tribos dos Trinovantes e Catuvellauni, ambas as tribos tinham migrado da Gália em algum momento do século I a.C. Cunobelinus, um grande líder, manteve durante seu longo reinado (c. 10-40 d.C.) um hábil equilíbrio entre as duas facções opostas dentro de seu reino – os favoráveis e os contrários a Roma. O filho mais velho, Togodumnus, herdou o trono e tomou seu lugar ao lado de Carataco contra Roma, entretanto, um terceiro irmão – Adminius – recebeu a parte nordeste de Kent, que incluía o único porto através da costa sudeste e o Canal de Wansum dentro do estuário do Tâmsa. Parece ter sido uma prática romana assegurar que os principais pontos de desembarque permanecessem em mãos de seus aliados. Assim, o enfraquecimento, ou a morte, de Cunobelinus (c.40) foi o fator responsável pela alteração de tal equilíbrio, levando os novos governantes a adotarem oficialmente uma política de hostilidade em relação a Roma.¹³²

¹³² WEBSTER, Graham. *Rome against Carataco: The Roman Campaigns in Britain AD 48-58*. Londres: Batsford, 1993, p. 14

O primeiro resultado dessa alteração na liderança da tribo foi a fuga de Adminius em direção a Roma, a fim de buscar a ajuda de Calígula para restaurar a situação. Uma invasão estava sob consideração, ainda que ela tenha sido adiada. Na Britânia, entretanto, Togodumnus tomou o reino de seu pai e Carataco começou a invadir as terras ao sul do Tâmis. Desse modo, dentro de um ano outro governante bretão, Verica dos Atrabates, suplicava na corte imperial de Claudio, quem há pouco havia sido lançado ao poder.

Aqui já o embate indireto com Roma, por intermédio do bretão pró-romano Adminius, que é considerado um pária e é expulso, evidenciando aí uma das manifestações da fronteira étnica. Quando um dos integrantes do grupo *A* oferece a sua lealdade a um grupo oposto, ele é desconsiderado como membro de *A* e assume-se que faça parte do inimigo *B*, independente de *B* acabar considerando-o ou não como seu membro. Vemos que Adminius busca ajuda de Calígula, portanto considera a si mesmo como integrante do grupo que os romanos ocupam. O imperador corresponde ao chamado de Adminius, porém sem o colocar de fato em prática. O importante é que se assume que o pedido é justo e reconhece-se o príncipe bretão como membro do grupo.

Carataco havia adquirido um reino e estava emitindo moedas, mas infelizmente não foram encontradas em quantidade suficiente para oferecer um padrão satisfatório que evidencie qual a extensão de seu poder. Elas dão, contudo, alguma indicação da personalidade forte, da liderança e da habilidade de organização dele, já que foi capaz de em tão curto tempo submeter e dominar uma poderosa tribo vizinha. Ele deve ter exercido controle por meio de aliados através de suas terras ao sul do Tâmis. Por outro lado, os reis de Kent nunca haviam sido uma força poderosa e não possuíam moedas próprias, provavelmente como resultado da derrota esmagadora que sofreram sob César

ou por suas próprias divisões internas. Nesse panorama, é possível inferirmos que tais rivalidades somadas aos sentimentos anti-romanos facilitaram o ganho da simpatia da tribo por Caracatus e, posteriormente, o controle da mesma. Além disso, mais a oeste estavam os Durotriges, uma tribo que havia se tornado muito hostil a Roma desde as invasões de César. Carataco, deste modo, obteve sólido apoio do oeste, e se tivesse sido deixado sozinho provavelmente teria se deslocado às tribos da região central e do noroeste.¹³³

Contudo, há uma contradição no comportamento de Carataco, mas que talvez já estivesse tão intrínseca na prática dos reinos bretões que emitiam moedas, que ele nem tenha avaliado a questão. As moedas de alguns reis bretões, assim como de Carataco são de estilo romanizado. Essa característica deve vir da influência romana desde César, principalmente pelo intercâmbio comercial da ilha com o continente, assim como da migração de tribos da Gália que já dominavam a tecnologia da cunhagem e receberam influência das moedas romanas que já tinham contato diretamente.

Eppaticus, irmão de Cunobelinus e, portanto, tio de Carataco, e o próprio príncipe, emitiam moedas que lhes representavam como Hércules. Do mesmo modo o fazia Alexandre, o Grande.¹³⁴

Apesar do aumento considerável dos contatos intergrupais ser percebido por um significativo número de indivíduos como uma ameaça contra a sobrevivência de suas tradições culturais específicas, favorecendo uma ideologia de resistência à uniformização ou à dominação cultural e lingüística¹³⁵, em outros contextos o contato com outras culturas cria assimilações daquilo que é útil, prático e vantajoso. Com essa

¹³³ COLLINGWOOD, R. G., MYRES, J. N. L.. *Roman Britain and the English Settlements*. New York: Biblo and Tannen, 1990, p. 90

¹³⁴ CREIGHTON, John. *Coins and Power in Late Iron Age Britain*. Cambridge University Press. Cambridge, England. 2000, p. 179

¹³⁵ BERGER (1972) apud POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 28

assimilação do estilo do desenho das moedas, os líderes bretões talvez tenham percebido o potencial propagandístico que suas representações e nomes poderiam significar no contexto local. Contudo, vemos que o vocabulário simbólico dos bretões já estava recebendo inserções de elementos romanizados e, assim, acabaram facilitando a comunicação posterior com os romanos, tenha ela sido pacífica ou não.

Da mesma maneira, isso traz esses povos para dentro da esfera de influência romanizadora, já estabelecendo uma troca, contato, a base fundamental da formação da fronteira étnica. Neste momento ela se também se estabelece de outro modo, indireto. Da mesma maneira que essa simbologia “comum” entre os dois lados – bretões e romanos –, o aumento dos contatos surge como um fator facilitador para o surgimento de identidades particularistas. A facilidade e a rapidez das comunicações possibilitam a difusão de projetos de organização, conceitos, idéias, pessoas e das reivindicações de grupos, inclusive o deslocamento da resistência. É possível até identificar pela presença de certas moedas as áreas de influência e governo de certos líderes, como Carataco.

Figura 16: Desenhos das moedas de Alexandre e Carataco relacionadas a Hércules e Zeus Ammon¹³⁶



Alexandre, o Grande



Carataco

Outros reis bretões seguiam o estilo romanizado de se representar nas moedas.

Figura 17: Desenhos de moedas dinásticas romanizadas¹³⁷



A derrota na primeira batalha entre os Catuvellauni e os romanos, em Medway, foi um golpe pesado para a facção anti-romana, mas muitos dos seus partidários devem

¹³⁶ CREIGHTON, John. *Coins and Power in Late Iron Age Britain*. Cambridge University Press. Cambridge, England. 2000, p. 182

¹³⁷ *ibidem*, p. 179

ter fugido para a região sudoeste já que o principal objetivo de Plautius parece ter sido o de prevenir Carataco de cruzar o Tâmis de volta.

Após a batalha, Carataco fugiu. Ele provavelmente considerou que o confronto havia sido decisivo, e que quaisquer outras tentativas de defender seu reino e sua capital seriam infrutíferas. Então, decidiu se afastar de seu território e inspirar um espírito de resistência contra os invasores entre as tribos ainda ilesas ao poder de Roma.

Consideramos que este foi um passo audacioso do príncipe bretão. Devido à postura belicista e expansionista na ilha, Carataco e seu povo possivelmente eram temidos e/ou rejeitados pelos seus vizinhos bretões. Para onde, então, Carataco poderia ir? Ele rumou em direção à região de Gales.

Perguntamos, mesmo que a questão não possa ser conclusivamente respondida, por que ele não se dirigiu primeiramente a Wessex, onde o antigo reino de Commio lhe oferecia um povo aparentado ao seu, e onde, conforme ele se dirigia a oeste, havia a possibilidade de ser encontrada uma região rica em fortes, cada um capaz de fornecer uma defesa robusta? Uma possível resposta é a aliança dos Atrebates aos romanos. Se Togidubnus não lhe parecia confiável, o mesmo devia acontecer em relação a outros chefes da região centro-sul da Britânia.

O curso da campanha de 43 d.C. após a batalha de Medway mostrou que Carataco não buscou reproduzir as táticas de Cassivellaunus contra César. O príncipe era um guerreiro, cuja idéia de guerra parecia girar em torno da concepção de confronto decisivo. Em sua primeira campanha de resistência contra os romanos, em 43 d.C., saiu derrotado, mas, entre as tribos do oeste, ele se pôs a trabalhar nos preparativos de um exército e um campo de operações para um segundo confronto.

Enquanto isso, do lado romano, Plautius estava procedendo sistematicamente à conquista, simbolicamente representada pela tomada do *oppidum* de Camulodunon e a posterior criação da *colonia* de Camulodunum.

Figura 18 - Principais eixos da malha de estradas romanas na Britânia



No mapa, destaca-se a região de Londinium, o centro do qual as estradas da ilha irradiavam.

(fonte: <http://www.familytreefind.co.uk/graphics/gen-roman1.jpg>)

Tendo protegido a província, Plautius tinha a tarefa imediata de buscar proteção. Mas seu único sucesso, apesar de um considerável, foi pôr a rainha Cartimandua no trono da Brigantia, então reunindo um grande número de pequenas tribos vivendo nos vales dos rios do que atualmente são os condados de Yorkshire e Lancashire, através

dos Pennines. (não se tem certeza das fronteiras ao norte, desde que proteção adicional foi alcançada por um casamento dinástico com Venutius, que se acredita ter sido governante de uma tribo do norte da Brigantia.) Roma, contudo, protegeu a mais vulnerável e difícil fronteira. Arranjos similares foram vistos no oeste para proteger a província de incursões a partir dos povos ditos selvagens que viviam nas montanhas e campos atualmente conhecidos como Gales. Aqui Plautius falhou, e logo ele se daria conta de que a razão dessa falha era a presença de Carataco. Mas pelo tempo que esse guerreiro se manteve quieto, Plautius não deve ter se preocupado, já que ele tinha primeiro que assegurar de que a área da província estava pacificada e que os governantes bretões que tinham se rendido estavam totalmente subservientes ao governo romano. O final de seu ofício veio em 47/48 e ele retornou para Roma para receber sua bem-merecida *ovatio*.¹³⁸

No outono de 47, Plautius foi sucedido como governador por P. Ostorius Scapula. Ele notou que a situação estava longe do satisfatório para os interesses romanos na ilha. Ostorius encontrou as tribos amigas muito atormentadas por constantes incursões daqueles que ainda não haviam sido conquistados. Esses eram talvez os primeiros frutos da atividade de Carataco no oeste.

O fato é que Ostorius aqui era confrontado por uma guerrilha organizada, cujo cérebro era Carataco. Desde a sua derrota em Medway e sua fuga para o oeste, Carataco esteve fazendo bastante para restaurar sua reputação. Mesmo antes da chegada de Ostorius em 47 ele havia ascendido sobre as tribos de Gales e começou a liderá-las contra o oeste conquistador numa série de incursões sistemáticas. Pelos últimos dois ou três anos (estamos nos referindo a eventos que ocorreram por volta do ano 50 d.C.) ele

¹³⁸ WEBSTER, Graham. *Rome against Carataco: The Roman Campaigns in Britain AD 48-58*. Londres: Batsford, 1993, p. 14

continuou no mesmo curso, alcançando um nível substancial de sucesso apesar das guarnições nos fortes da fronteira.

A fraqueza do sistema de fronteira romano era que pequenos postos militares estavam espalhados numa rede sobre o cinturão de terra que formava a fronteira, com as forças tão subdivididas que acabavam estando indefesas contra um móvel e concentrado inimigo, cujos movimentos eram dirigidos por um hábil soldado.¹³⁹

A forma encontrada por Ostorius para recuperar a iniciativa foi estabelecendo uma grande força no vale do rio Severn. Isso implicou na criação de um forte legionário na margem esquerda do rio em um ponto onde poderia ser facilmente cruzado, ameaçando a hostil margem direita.

Ostorius, contudo, não havia esquecido a revolta dos Iceni, e após ter realizado sua campanha final contra Carataco, decidiu salvaguardar a paz e a lealdade dos bretões do sudeste estabelecendo uma *colonia* em Camulodunum¹⁴⁰, de modo que um forte corpo de legionários experientes, vivendo em seus loteamentos de terra e prontos para pegar em armas novamente quando a ocasião demandasse, poderia servir como uma guarnição para a capital e uma ameaça para as inimizadas vizinhas. Isso requeria que os bretões dos campos circundantes fossem despojados de suas terras após terem acreditado que sua posse sobre elas estava segura; mas Ostorius não era um governador conciliador, e se preocupava pouco com os sentimentos dos nativos quando uma questão militar estava em jogo. Os eventos futuros mostrarão que seu julgamento tinha falhado; o ressentimento causado por essa expropriação criou mais inimizade do que a presença dos colonizadores fosse capaz de suprimir.¹⁴¹ Aqui os sentimentos

¹³⁹ COLLINGWOOD, R. G., MYRES, J. N. L.. *Roman Britain and the English Settlements*. New York: Biblo and Tannen, 1990, p. 94

¹⁴⁰ TACITO, Anales XII, 32

¹⁴¹ *idem* p. 95

relacionados às fronteiras étnicas ficam cada vez mais acentuados, pelo lado romano adotando menos ainda a diplomacia e, em resposta, maior ressentimento por parte daqueles que sofriam a opressão.

Em 51 d.C., tudo estava preparado para o golpe final. A legião em Camulodunum, fixada ali provavelmente um ano antes, já havia destruído a liberdade de ação de Carataco. Quando ele soube que Ostorius estava indo à procura dele, escolheu seu terreno com cuidado para um confronto decisivo.

Certamente a pressão política era grande, pois ali estava o inspirador e líder dos movimentos mais desafiadores de resistência até então encontrados desde a invasão, e que sobreviveu a outros enfrentamentos, inclusive ao governador anterior, Aulus Plautius. Isso provavelmente colocava Carataco num patamar de herói guerreiro bretão. A glória de derrotar o líder da resistência colocaria certamente Ostorius a um patamar igual, senão superior ao de Plautius, que liderou o desembarque e a conquista inicial. A chance de glória pessoal, portanto, não pode ser desconsiderada aqui, ainda mais diante de tão valoroso inimigo. Outra motivação importante a ser considerada é a do exemplo, para realmente acalmar os ânimos dos levantes em resistência, e demonstrar novamente o poder militar dos romanos, mesmo em inferioridade numérica. Uma derrota a essa altura afetaria a moral do exército, que já havia sofrido diversas pressões pelas escaramuças táticas de Carataco, severas baixas e que apenas com a tática de concentrar tropas em uma região que obteve sucesso em resistir às investidas nativas.

Diante de todo esse contexto pressionando a decisão do governador, por outro lado, para Carataco essa era a chance dourada de dar um golpe profundo, talvez fatal, na força romana. O forte que estava resistindo na outra margem do rio Severn estaria com guarnição severamente reduzida, pois dali foram deslocadas tropas para o confronto.

Sem essa barreira a sua movimentação teria novamente o centro-sudeste da ilha ao seu alcance, e as tribos aliadas de Roma se veriam em situação delicada, já que por um certo tempo estariam sem o suporte das legiões.

As forças romanas saíram vitoriosas e aprisionaram a os familiares de Carataco, mas ele havia fugido da cena de sua derrota e escapou para renovar a guerra em outro local.

Dessa vez a esperança era em vão. Em Gales ele havia desferido seu golpe; ali ainda permanecia a Brigantia. A sua única chance era se persuadissem Cartimandua a abandonar sua posição de rainha cliente e levantasse o estandarte da rebelião. Mas Cartimandua estava profundamente comprometida com Roma. Ela não apenas havia se submetido, ela tinha clamado por ajuda romana contra seus próprios súditos, e sabia que caso fizesse de Roma sua inimiga, seu trono estaria perdido. Ela acorrentou Carataco e enviou-o a Ostorius como garantia de sua lealdade; e o último filho de Cunobelinus, após encarar com dignidade o imperador e a população reunida para o triunfo sobre ele.

Segundo Tácito o discurso que teria convencido o imperador a poupar sua vida e a de seus familiares teria sido o seguinte:

‘Se a glória e a fortuna, que tive, fosse acompanhada de igual moderação na prosperidade, como amigo e não como cativo teria eu vindo a esta cidade, nem te dedignarias de receber como aliado um homem de ilustre nascimento, soberano de muitos povos. A minha situação atual, assim como é desonrosa para mim, é para ti razão de glória. Tive soldados, cavalos, armas, riquezas: nada de admirar, se tudo fui obrigado a perder. Se vós outros quereis dominar a todos, segue-se daí que os mais se resignem à escravidão? Se eu me rendesse logo, nem minha fortuna nem tua glória por isso cresceriam; a meu suplício seguir-se-ia o esquecimento; mas se me conservares a vida, serei um imorredouro exemplo de tua clemência.’¹⁴²

¹⁴² TACITO, Anais, Livro XII, cap 37

Assim Carataco recebeu a misericórdia do imperador e foi poupado, junto com sua família, ao contrário do tradicional desfecho da cerimônia, que incluía a morte dos subjugados.

Infelizmente não podemos afirmar se tal discurso realmente existiu, do mesmo modo que não podemos negar. No entanto, podemos assumir também a possibilidade de ter havido a criação literária de Tácito para elevar o caráter da *clementia* do imperador. A questão é que o registro escrito nos oferece a oportunidade de, pelo menos, entrever a relação que existiu entre ambos os principais personagens deste discurso: Carataco e Claudio. Se tal discurso foi uma criação literária ou ainda se foi fruto de um acordo com Carataco, nas palavras dele podemos perceber o estilo romano de elevar o inimigo a certas qualidades, enobrecendo-o, para mais ainda elevar a glória da vitória romana, nesse caso, maximizar o efeito do perdão do imperador. No caso Carataco elevava a si mesmo, dizendo que poderia até ter sido recebido como amigo dos romanos caso as circunstâncias tivessem sido outras. Mas vemos com clareza a dicotomia formada no trecho que vem logo em seguida: “*A minha situação atual, assim como é desonrosa para mim, é para ti razão de glória.*” De um lado está o líder capturado e desonrado, do outro o imperador na glória de sua vitória. Porém, o real teor dessa glória se deve justamente ao valor do líder que foi vencido, senão não haveria a mesma glória na vitória. Isto podemos ver quando é dito: “*Se eu [Carataco] me rendesse logo, nem minha fortuna nem tua glória [de Claudio] por isso cresceriam*”. Cria-se, então, uma interdependência.

O trecho mais ofensivo que sobressai no discurso é quando Carataco pergunta “*Se vós outros [romanos] quereis dominar a todos, segue-se daí que os mais se resignem à escravidão?*” Uma crítica aberta à ideologia imperialista romana pode ter sido um eco do pensamento de Tácito que se manifestou nas palavras do discurso, pois o autor aristocrata romano tem em suas obras um teor claramente crítico seguindo essa temática.

Quanto à relação da fronteira étnica lembramos que na teoria de Barth, a questão da fronteira étnica reside numa dimensão processual, sendo nela atribuídas as categorias de “nós” e de “eles”, assim como na noção de identidade social coletiva. Os processos não derivam da psicologia dos indivíduos, mas da constituição de espaços de atuação e das operações externas que os atores realizam uns com os outros, reivindicando publicamente um “certo tipo de povo” que necessita ser validado também publicamente.¹⁴³

Vemos, de um lado, o líder da resistência contra os romanos e, do outro, o líder das forças invasoras. Os representantes de ambos os grandes grupos, sejam eles reconhecidos ou não – já que Carataco em nenhum momento representou a resistência de uma Britânia de tribos unidas –, estavam frente a frente. Carataco representava seus interesses e daqueles que se aliaram a ele, assim como os governadores romanos representavam o poder de Roma. A tribo de Carataco estava empreendendo um projeto de dominação e expansão na ilha, e Roma invadiu a mesma colocando em prática também seu projeto de dominação e expansão. Assim, uma estava no caminho da outra para alcançar seus fins. Desse modo, foi no palco da guerra, o confronto por excelência, que mais se estabeleceu a interação étnica e as trocas culturais entre esses dois povos. O projeto triunfante foi o romano, o qual, porém, não saiu ileso desse contato e ficou com as marcas das guerras das resistências bretãs (Catuvellauni, Icenos, Brigantes, entre outros) e das trocas pacíficas com outras tribos locais.

¹⁴³ POUTIGNAT, P. *op. cit.* p. 112

Capítulo 3: A revolta de Boudica: exemplo de resistência à dominação romana

3.1 A cooptação romana das elites bretãs

O sistema pelo qual Roma encorajou o contato amigável, e fez acordos, com reis vizinhos tinha suas raízes na República. Cresceram desse sistema uma série de “relações especiais” com governantes locais tanto fora quanto dentro das províncias, o que geralmente estendia a influência romana além das áreas ocupadas. Aumentou também a tendência em ver esses governantes como clientes do estado romano, do qual proteção poderia ser obtida, mas era algo que requeria algo em troca, apesar de depender muito do poder individual desses governantes.

Sob o principado, as políticas seguidas por diferentes imperadores variaram consideravelmente. Por exemplo, um reino cliente poderia ser mantido por conveniência administrativa, e a aceitação por Cláudio de duas tribos bretãs, os Icenii e os Atrebates do sul, como reinos clientes se enquadra bem nessa perspectiva.¹⁴⁴ A possível aceitação de um terceiro, os Brigantes, foi em parte pela mesma razão, porém mais para tentar fortalecer e estabilizar a fronteira norte. Mais adiante, a líder desta tribo exercerá um papel fundamental na consolidação da conquista romana da ilha. A força militar era um benefício muito bem-vindo de qualquer forma para tribos que procuravam se fortalecer diante de uma alteração drástica da dinâmica política da ilha.

Um forte contraste existe nas diferentes formas com que o governo imperial primeiro lidou com os problemas da administração civil da Britânia. O contraste demonstra a admirável versatilidade da abordagem romana, que aceitava e mantinha o que era funcional para seus interesses nas questões locais, e adaptou o que não era. Assim, encontramos apenas alguns anos após a invasão, um reino cliente dentro da província e mais dois fora dela, existindo paralelamente três recém constituídas

¹⁴⁴ WACHER, *op.cit.*

civitates. Embora sujeito à intervenção pelo governador, normalmente como última medida em casos de desafio aberto, os reinos provavelmente sofriam bem menos interferência em seus assuntos internos do que sofriam as *civitates*.

Um exemplo de intervenção direta pelo governador parece ter sido quando Ostorius Scapula determinou o desarmamento das tribos e a “redução” do território Icení até os rios Trent e Severn, o que deu início a uma revolta desta tribo, em 47 d.C.¹⁴⁵ A “redução do território” pode ser vista como a vinda dos Icení para dentro da província, um passo que ressentiram, já que foi claramente considerada uma violação da independência concedida e que ainda tinham em sua mentalidade como pertencente a eles. Outro exemplo é a intervenção militar na Brigantia, em suporte à rainha Cartimandua. Por último todos os reinos na Britânia foram reprimidos: os Icení após a morte de Prasutargus em 59-60 d.C., os Atrabates após a morte de Togidubnus no período dos Flávios, quando seu reino foi dividido em duas ou três *civitates*, e os Brigantes após sua ocupação durante o governo de Agricola.¹⁴⁶

Considerando o caso que apresentaremos mais adiante, sobre a Revolta de Boudica, rainha dos Icení, trataremos brevemente desta tribo por ser importante para melhor compreendermos o processo da relação da tribo com Roma.

Acredita-se que no momento da invasão romana em 43 d.C., a maior parte da tribo era governada por um homem cujo nome, que podemos ver a partir de suas moedas, fosse provavelmente Antedios, porém é possível identificar pelo menos três organizações regionais separadas dentro de seu reino. Os Icenos parecem ter levado uma vida relativamente isolada. Poucas de suas moedas do período anterior à conquista se dispersaram além de sua região. Isso talvez reflita a resistência à agressão dos

¹⁴⁵ TACITO, *Anales* XII, 31

¹⁴⁶ WACHER, 1976

Catuvellauni. Na chegada de Claudio, eles se renderam, e de acordo com Tácito consideraram-se aliados de Roma.¹⁴⁷ Em troca eles foram reconhecidos como reino cliente. Pode-se argumentar a partir de eventos subseqüentes que não houve um claro entendimento acerca de suas obrigações com Roma, de onde podemos concluir que é possível que nenhum tratado oficial tenha sido realizado. Os Icenos devem ter acreditado que, em retorno pelo tributo e o suprimento de recrutas para o exército, eles manteriam sua plena autonomia e independência. Tanto não era o caso que eles pouco tempo depois perceberiam.

A ação de Ostorius Scapula em reduzir o território deve ter parecido arbitrária para os Icenos, e ofereceu uma percepção desagradável do estado verdadeiro da relação. A revolta foi sufocada e é provável que Antedios tenha sido removido em favor de um novo líder, Prasutargo. Ele era um homem de renomada riqueza e ponto de vista pró-romano. A que extensão de seu comando sobre toda a tribo ele destinou a sua esposa, Boudica, não sabemos dizer, mas o comportamento posterior dela pode apontar para um considerável poder por trás do trono. Tirando da sempre presente possibilidade de intervenção do governador, a administração da tribo parece ter sido deixada inteiramente nas mãos de Prasutargo e seus conselheiros. Eles foram permitidos continuar a cunhar suas próprias moedas, no entanto poucas são as evidências com o nome de Prasutargo. Há poucos sinais da presença militar e pouquíssimas indicações de romanização.¹⁴⁸ Em consequência de sua morte, em 59 ou 60 d.C., teve início uma seqüência de eventos em que Roma aproximou-se de perder a província da Britânia.

¹⁴⁷ TACITO, Anales XII, 31

¹⁴⁸ SALWAY, Peter. *Roman Britain: A Very Short Introduction*. Oxford University Press. Oxford, England, 2000, p. 43.

3.2 A revolta de Boudica e o estabelecimento de uma fronteira étnica

Os romanos não viam a Britânia como se fosse uma província homogênea, mas um conjunto de tribos e reinos, amigos e inimigos, aos quais, pela tática de dividir para dominar, incentivavam embates entre eles para enfraquecê-los. Essa questão de pluralidade de tribos é percebida por Claudio ter sido aclamado diversas vezes durante a celebração de seu triunfo em Roma, em reconhecimento pela conquista da Britânia, como se tivesse realizado várias guerras contra inimigos diferentes e não a conquista de uma única nação.¹⁴⁹

Contudo, diante da invasão romana e a liderança de Carataco, tribos se aliaram diante de um inimigo comum: Roma. Deixaram de lado algumas de suas diferenças e ligaram-se em traços comuns e estabeleceram critérios subjetivos e objetivos para julgar aqueles que estavam contra ou a favor da resistência. Tribos se fragmentaram pelas alianças escolhidas, como os Dobunni; outras reafirmaram ou estabeleceram amizade com Roma recebendo autonomia, como os Icenii; e ainda outras que mesmo estando fora do território da província, foram cooptadas para ser uma defesa contra os povos além das fronteiras, como os Brigantes. Fronteiras subjetivas internas que já existiam antes da presença romana se fortaleceram ou se dissolveram e uma nova realidade emergiu: pró-romanos e anti-romanos. As fontes romanas que tratam desse período representam a perspectiva do invasor e nela podemos enxergar essa dicotomia claramente, mesmo sendo apenas pela perspectiva romana da questão.

De acordo com Tácito, a *Britannia* era uma província violenta, onde os exércitos romanos sofriam severas baixas, que nela os legionários deviam primeiro lutar pela salvação e depois pela vitória. A tradição guerreira bretã tinha sua especialidade na

¹⁴⁹ DAVIDSON, *op.cit.*

infantaria, que chegava a rivalizar as legiões, onde a paz duradoura era extremamente rara, portanto uma sociedade fundamentalmente bélica.¹⁵⁰

Ao morrer Prasutargus, rei dos *Iceni*, sem deixar filhos, o imperador Nero decidiu incorporar o seu território à província romana. Independente da decisão de Claudio com relação aos reinos clientes, a política de Nero não favorecia a continuidade de reinos clientes. Em Ponto e nos Alpes, na abdicação ou morte dos governantes, o imperador abolia o status de reinos clientes e estabelecia em seu lugar o tipo padrão de governo provincial.¹⁵¹ As terras do reino foram confiscadas e divididas; a mulher de Prasutargus – a rainha Boudica – foi açoitada e suas filhas estupradas. No inverno de 60-61 a.C., dezessete anos após a invasão romana, isso deu início a uma sangrenta revolta contra Roma, à qual se juntou outra tribo, a dos trinovantes. Durante a revolta três cidades romanas foram destruídas por completo, *Camulodunum*, *Verulamium* e *Londinium* – cidades que tiveram de ser totalmente reconstruídas – deixando milhares de mortos – 70.000 segundo Tácito. Esse número pode ter sido exagerado, pois algumas estimativas calculam que a população total das três cidades destruídas aproximava-se dos 10.000 habitantes, e a ordem dos acontecimentos permite deduzir que as tropas rebeldes se deslocaram no território seguindo os caminhos construídos por Roma.¹⁵²

Pesquisas arqueológicas^{153 154} sugerem que Camulodunum, uma das cidades destruídas pela revolta de Boudica, atingira um grau de desenvolvimento relativamente

¹⁵⁰ TACITO, *Agrícola*, XII

¹⁵¹ COLLINGWOOD, R. G., MYRES, J. N. L.. *Roman Britain and the English Settlements*. New York: Biblo and Tannen, 1990, p. 91

¹⁵² RANKIN, David. *Celts and the Classical World*. Routledge. London. 1996. pp. 216-222

¹⁵³ WELCH, G. P. *Britannia, the Roman Conquest and Occupation of Britain*. Wesleyan University Press. Middletown, CT. 1963. p. 95.

¹⁵⁴ CRUMMY, Philip The development of Roman Colchester *in Roman Towns: The Wheeler Inheritance a Review of 50 Years' Research* Edited by STEPHEN J GREEP, CBA (Council for British Archeology) Research Report, 1993Cap. 4 - (pp. 34-45)
<http://ads.ahds.ac.uk/catalogue/adldata/cbaresrep/pdf/093/093tl001.pdf>
 imagens: p. 44

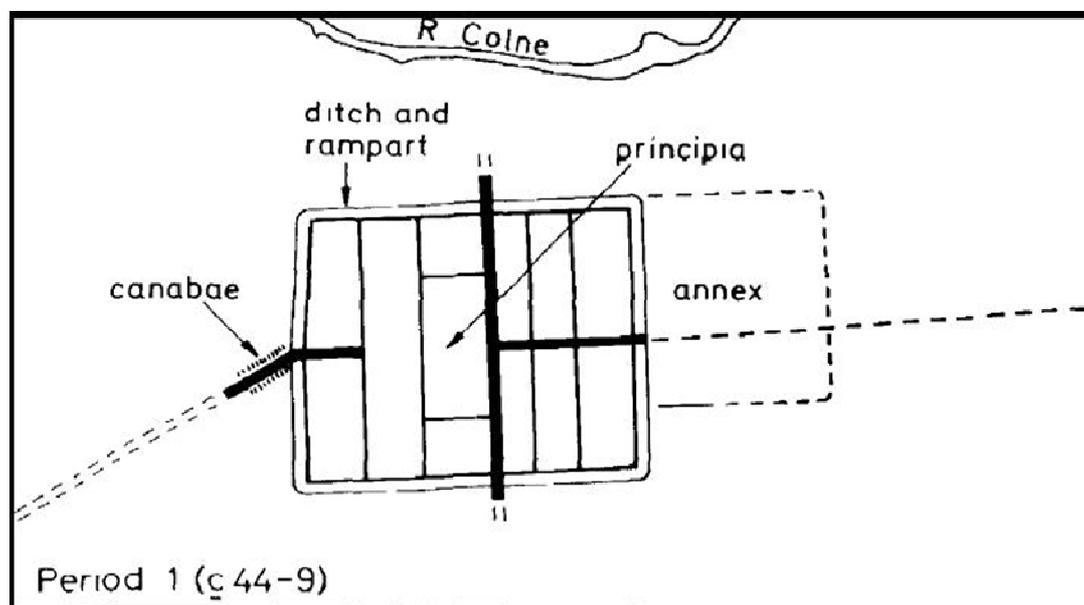
pobre na ocasião. Segundo Tácito, ela possuía um recinto para a reunião do Conselho, um teatro e o Grande Templo de Claudio que, na visão dos nativos seria a cidadela da eterna escravidão. Pela perspectiva étnica, o templo simbolizava: a intenção dos romanos de passar uma mensagem de grandiosidade, transmitindo a sensação de inferioridade para os nativos que vissem a construção, que certamente se destacava entre as demais que a cercavam; um marco da vitória dos romanos, pois representava o triunfo do imperador diante da antiga capital bretã de Cunobelinus e Carataco e a imposição da nova ordem do culto ao imperador; e ao mesmo tempo como alvo do rancor dos bretões, que terá seu ápice durante a revolta de Boudica, quando o templo foi destruído.

Ainda segundo Tácito, a cidade não possuía muralhas no momento da revolta, e que os generais romanos visaram mais os aprimoramentos de elegância e bom gosto e negligenciaram o útil e prático, embelezaram a província, mas não tomaram cuidado em defendê-la. Apesar do fato de provavelmente algum tipo de medida defensiva tenha sido tomada durante a reconstrução da cidade, ela nunca chegou a estar totalmente rodeada de pedra. Tácito ainda se refere dizendo que alguns bretões permaneceram na área, o que sugere que o espaço em torno da cidade devia estar ocupado por *villae* pertencentes a romanos e nativos. Uma vez destruídos os prédios que pertenciam aos nativos mais *hostis*, os bretões restantes assentaram-se perto dos limites da cidade, onde ofereciam diversos tipos de trabalhos e serviços para os romanos.¹⁵⁵

Aparentemente a arqueologia confirma as afirmações do autor romano, como podemos perceber nas imagens abaixo.

¹⁵⁵ TACITO. *Annales*, XIV

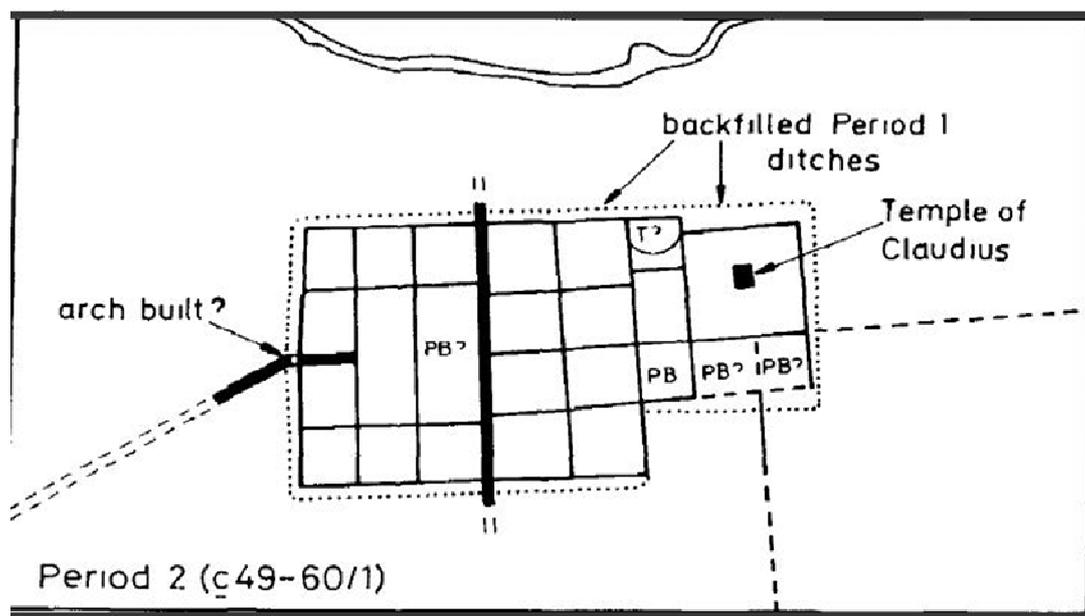
Figura 19: Plano do forte próximo ao *oppidum* de Camulodunon e futura *colônia* de Camulodunum entre 44-49 d.C.¹⁵⁶



Nesta imagem acima, cerca de 44 até 49, percebemos o forte romano cercado de palisadas e diques para proteção e a demarcação do futuro anexo que receberá o templo de Claudio. Vale ressaltar que a *colônia* foi fundada em 47.

¹⁵⁶ CRUMMY, Philip The development of Roman Colchester in Roman Towns: The Wheeler Inheritance a Review of 50 Years' Research Edited by STEPHEN J GREEP, CBA (Council for British Archeology) Research Report, 1993Cap. 4 - (pp. 34-45)
<http://ads.ahds.ac.uk/catalogue/adldata/cbaresrep/pdf/093/093tl001.pdf>
 imagens: p. 44

Figura 20: Plano da *colonia* de Camulodunum entre 49-60/1 d.C. ¹⁵⁷

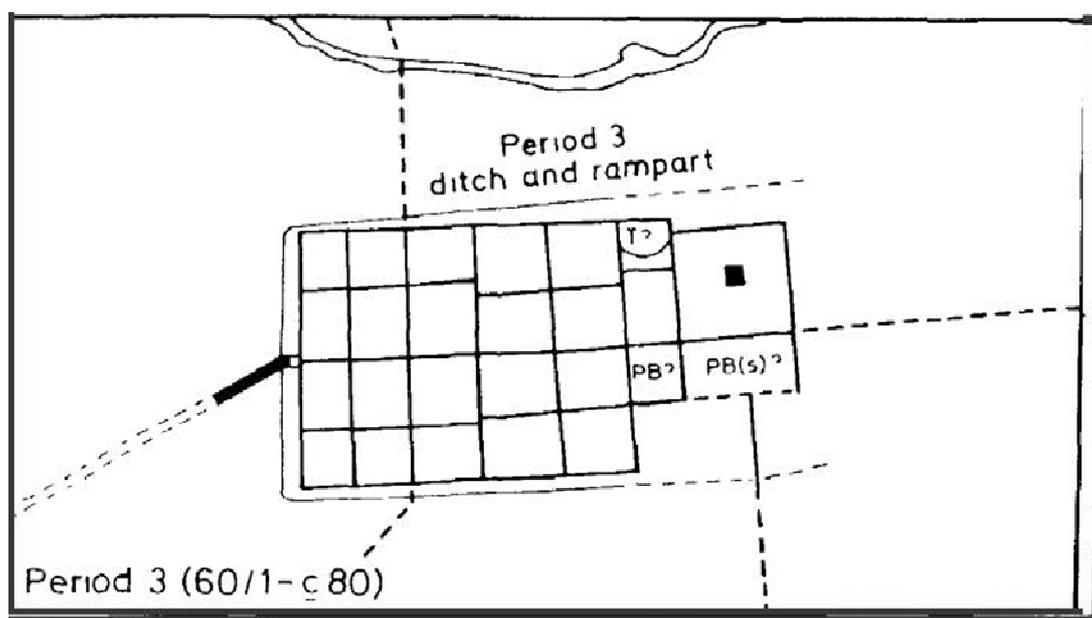


Acima notamos que, por volta de 49 a 60/61, o traçado de forte romano já não é tão característico, o arco do triunfo de Claudio possivelmente já tenha sido construído, assim como o templo, contudo as únicas medidas de proteção adotadas foram os diques. As palisadas foram por alguma razão desconsideradas como medida de proteção para esse estágio. A Revolta de Boudica se dá justamente neste estágio de desenvolvimento da cidade, relativamente indefesa.

¹⁵⁷ CRUMMY, Philip The development of Roman Colchester *in* Roman Towns: The Wheeler Inheritance a Review of 50 Years' Research Edited by STEPHEN J GREEP, CBA (Council for British Archeology) Research Report, 1993Cap. 4 - (pp. 34-45)
<http://ads.ahds.ac.uk/catalogue/adldata/cbaresrep/pdf/093/093tl001.pdf>
 imagens: p. 44

Figura 21: Plano da *colonia* de Camulodunum logo após a revolta de Boudica, entre 60/1-80 d.C.

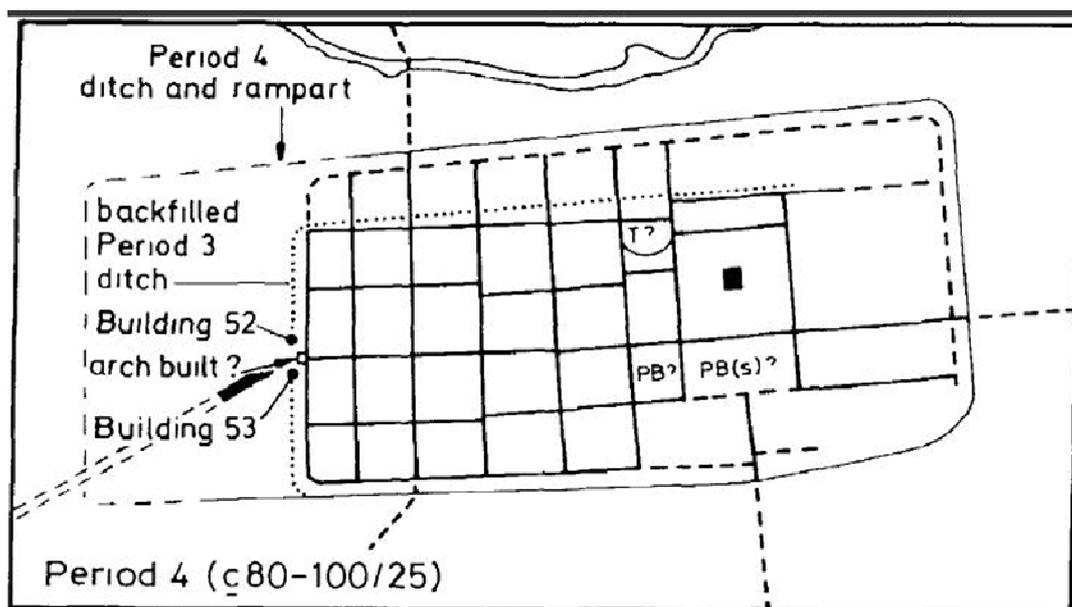
158



Logo após o período da revolta, notamos que as palisadas são readotadas como medidas de proteção, provavelmente pelo impacto sofrido pelo ataque. Do mesmo modo, é interessante notar que a cidade não apresenta nenhum desenvolvimento ou crescimento significativo (apenas o acréscimo da palisadas) desde cerca do ano 49 até 80, estando no meio desse período a revolta. Não podemos deixar de considerar a importância capital da revolta para isso.

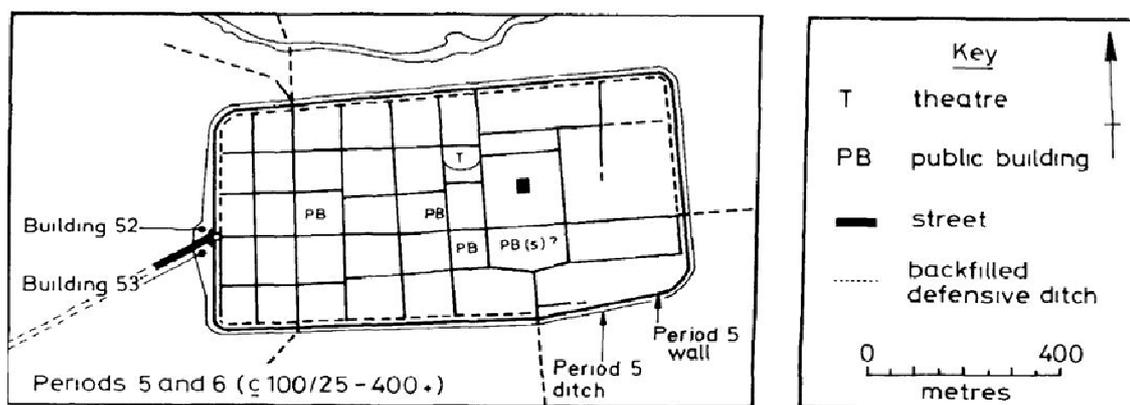
¹⁵⁸ CRUMMY, Philip The development of Roman Colchester *in* Roman Towns: The Wheeler Inheritance a Review of 50 Years' Research Edited by STEPHEN J GREEP, CBA (Council for British Archeology) Research Report, 1993Cap. 4 - (pp. 34-45)
<http://ads.ahds.ac.uk/catalogue/adsdata/cbaresrep/pdf/093/093tl001.pdf>
 imagens: p. 44

Figura 22: Plano da *colônia* de Camulodunum entre os anos de 80-100/25 d.C.



Claramente, após o ano 80 a cidade floresce e cresce com certa rapidez, tendo em vista a seção norte, já consolidada, e o entorno (principalmente a ala oeste).

Figura 23: Plano da *colônia* entre os anos de 100/25-400 d. C.¹⁵⁹



A partir do ano 100/125, a cidade apresentava seu formato final que conhecemos, agora sim apresentando defesas de muros de pedra ao seu redor e diques.

¹⁵⁹ CRUMMY, Philip The development of Roman Colchester in Roman Towns: The Wheeler Inheritance a Review of 50 Years' Research Edited by STEPHEN J GREEP, CBA (Council for British Archeology) Research Report, 1993Cap. 4 - (pp. 34-45)
<http://ads.ahds.ac.uk/catalogue/adsdata/cbaresrep/pdf/093/093t1001.pdf>
 imagens: p. 44

A resistência foi um dos fatores que dificultaram a anexação da região como província, pois levantes – denominados como revoltas pelos romanos – eclodiam, seja por não aceitarem a dominação, pela supressão dos seus direitos de clientes ou expectativas não correspondidas diante da já concessão da cidadania para membros das elites guerreiras locais. Uma das formas de ter sucesso no projeto romanizador era a cooptação das elites locais por intermédio da concessão da cidadania romana, crendo que assim poderiam amenizar a relação e acalmar as intenções de resistência. Mas nem sempre isso era suficiente.

Após casar-se com Prasutargus, Boudica tornou-se rainha dos Iceni; ela gerou duas filhas, de nomes desconhecidos, e após a morte de seu marido em 60 ou 61 d.C., Boudica então se tornou regente dos Iceni e guardiã da herança de suas filhas.

Prasutargus manifestou sua vontade antes de morrer. Nela ele deixou terras e possessões pessoais e dinheiro ao Imperador Nero como requerido dele como um governante cliente “em débito com Roma”; ele também deixou o dinheiro restante, relíquias de família e propriedades a sua esposa, para suas filhas. As coisas deixadas não só asseguravam o dote para seus futuros maridos, mas também poderiam assegurar que seus impostos romanos, tributos e salários fossem pagos até então.

Após alguns dias da morte de Prasutargus, representantes do chefe administrador de finanças da Britânia, Procurador Catus Decianus, foram imediatamente despachados aos estados reais, juntamente com guardas, para confiscar os bens de Prasutargus. De acordo com a lei romana, era ilegal dar riquezas pessoais a outros sem o consentimento do Imperador. Prasutargus deve ter acreditado que o grandioso sacrifício aos romanos permitiria um descuido em relação ao dinheiro e bens deixados a suas filhas, que eram, apesar de tudo, herdeiras de seu reino. Mas, não foi o que ocorreu. Por não poder pagar

as dívidas de sua regência, Boudica foi responsabilizada e Roma tomou medidas para fazê-la de exemplo. Ela foi feita refém e açoitada em público, enquanto suas filhas foram removidas e violentadas por soldados romanos.¹⁶⁰

No caso da revolta de Boudica, com a incorporação do território dos Icenis sem o consenso da rainha, então viúva, além de várias outras práticas de violência física e moral com as herdeiras, filhas de Prasutargo e de Boudica, assim como com a própria rainha, fica clara a ideologia do conquistador. Por sua vitória diante do inimigo, se reafirma como superior e impõe diversos ultrajes aos vencidos, como o espólio, o estupro e a destruição. Isso também serve simbolicamente como forma de reafirmar e delimitar o lugar do vencido, no caso os Icenos representando os bretões como um todo, e dos vencedores, os romanos.

A partir do momento que Boudica, por intermédio da decisão de Prasutargo, não segue um dos preceitos que regiam sua relação de cliente com o Imperador, há a quebra do laço de troca e é considerada fora da esfera de proteção de Roma e o território, riquezas e propriedades da tribo são tomados. A relação se estabelece não mais como entre dois aliados, mas como lados opostos e em conflito, estando os icenos na mesma categoria das demais tribos não-aliadas de Roma. Assim, o lugar político da tribo muda, antes estava do lado romano, como aliado, e agora volta ao lado bretão, como inimigo. A fronteira étnica fica mais evidente, pela oposição total entre os dois lados. Na relação anterior, sim, se estabelecia uma fronteira étnica. Contudo ela se manifestava de maneira mais tênue, à partir da romanização e cooptação da elite iceni, aliada aos romanos desde César. Justamente no estabelecimento como reino cliente há uma relação hierarquizada, em que um dos lados (romanos) concede o benefício, o auxílio, apoio

¹⁶⁰ WELCH, G. P. *Britannia, the Roman Conquest and Occupation of Britain*. Wesleyan University Press. Middletown, CT. 1963. p. 91.

militar, certa autonomia, e o outro (icenos) a subserviência, passividade, tributos, soldados.

Outras pequenas rebeliões aconteceram nas áreas ao sul habitadas pelos Trinovantes e foram libertando seu povo da escravidão e colocando-os em suas linhas de guerreiros. Tais tribos nunca se renderam à Roma e essas mesmas que tradicionalmente se enfrentavam através dos séculos, acabaram se unindo a Boudica quando ela os convocou à guerra.

Acredita-se que Boudica teria reunido um exército de mais de 100.000 quando ela atacou pela primeira vez Camuloduno, uma colônia de oficiais romanos veteranos e suas famílias. Dentro da cidade, parte dos rebeldes asseguraram de que o ataque ocorreria sem alarme. A batalha durou alguns dias, o suficiente para alguns mensageiros fugirem para Londínio e comunicar o incidente ao Procurador, já que o Governador Suetônio estava fora de alcance, na ilha de Mona, ao leste. O Procurador respondeu, despachando apenas 200 homens, que foram rapidamente derrotados em batalha. A cidade foi completamente destruída, incendiada, e todos seus habitantes foram mortos.

161

Diante dos eventos da revolta, o Procurador Decianus fugiu da sede administrativa em Londinium, levando com ele o corpo administrativo, deixando a Britânia sem administração.

Suetônio voltou a tempo para Londínio, porém rapidamente a abandonou, sabendo que ela não poderia ser defendida, levando qualquer um que pudesse se juntar a ele. Após isso, as forças de Boudica chegaram e colocaram a cidade ao chão.

¹⁶¹ WELCH, G. P. *Britannia, the Roman Conquest and Occupation of Britain*. Wesleyan University Press. Middletown, CT. 1963. p. 95

Após deixar Londínio, Boudica foi para noroeste, à cidade de Verulamio, uma cidade um pouco menos populosa que Camuloduno. Seus habitantes receberam a notícia da direção de Boudica um bom tempo antes de sua saída de Londínio. Antes que ela chegasse à cidade, os habitantes haviam praticamente a evacuado. Mesmo assim, o exército queimou a cidade como o fez com as demais, e mataram aqueles que se recusavam em deixar a cidade.

Vemos, portanto, que o dominado quando se coloca na posição de vencedor diante daquele que antes o oprimia e, portanto, há um deslocamento na relação de poder existente, acaba por agir de forma muito semelhante, impondo a destruição, morte, violência. Existe de algum modo, assim, um diálogo entre as ações romanas e bretãs. Os mecanismos antes utilizados para oprimir e controlar os nativos são reapropriados por eles e utilizados contra os romanos, destruindo os símbolos e vestígios da presença de Roma, como as cidades e os templos, mas reutilizando as estradas romanas contra aqueles que as construíram, todas elas vistas como lembranças da dominação que sofriam.

Rapidamente procurando nas imediações um local que pudesse ajudar seus soldados na batalha que estavam em minoria, Suetônio encontrou um que o colocaria numa posição favorável, no topo de uma pequena inclinação, coberta de um lado por uma densa floresta, no formato de uma arena, e planejava ter que encarar o inimigo por apenas uma direção. Sua escolha era óbvia já que suas tropas, acredita-se, tinham por volta de 10.000 homens, se chegar a esse número.¹⁶²

Com os contingentes reunidos, assim fizeram as famílias dos Bretões, na base da arena, onde as forças de Boudica estavam. Mães e pais, avós, crianças e bebês, gado,

¹⁶² MATTEM, S. P. *Rome and the Enemy: Imperial Strategy in the Principate*. University of California Press. Berkeley, CA. 1999. p. 106.

animais de carga e afins, e carroças carregadas com espólios e itens pessoais esperaram atrás de uma área segura para observar, torcer, e aplaudir a vitória que estavam todos certos que estavam por conquistar. Os bretões devem ter acreditado que a chance de vitória era definitivamente alta, e a liberdade estava ao seu alcance.¹⁶³

As duas forças se encontraram no campo e se prepararam para a batalha. Boudica é descrita nessa batalha final vestindo a sua *tartan* (tecido axadrezado típico) e completamente armada, segundo Tácito, “*numa aparência quase aterrorizante*”. Como costume, os povos celtas se encorajavam com tambores, cornetas e gritos. Muitos estavam vestidos em suas *tartan*, outros nem sequer estavam vestidos como era de costume em batalhas, e brandindo lanças, espadas, ou armas espoliadas, e sua pele era pintada de azul para amedrontar seu inimigo mais conservador.

Boudica fez seu discurso final, então deu o comando para a carga sobre o inimigo.

Abaixo apresentamos os discursos da Boudica e do Suetônio transcritos por Tácito, e sua análise, utilizando o método de leitura isotópica, conforme apresentado por Ciro F. S. Cardoso¹⁶⁴. O método foi aplicado por acreditarmos que não há substituto para uma leitura sistemática e a utilização de métodos e técnicas semióticos permite-nos um acesso mais rigoroso aos tratados. O instrumental fornecido pela semiótica permite-nos entrever com mais clareza que há a necessidade do conhecimento da linguagem da época e das circunstâncias em que o texto foi gerado, pois o conteúdo semântico – numa língua viva – jamais é fixo; conhecer as circunstâncias e enquadramento intelectual de seu contexto, o estilo do autor, e o uso particular que faz de noções comuns ao seu contexto específico.

¹⁶³ WELCH, G. P. *Britannia, the Roman Conquest and Occupation of Britain*. Wesleyan University Press. Middletown, CT. 1963. p. 101.

¹⁶⁴ CARDOSO, C. F. S. *Narrativa, Sentido, História*. SP, Papirus, 1997.

Discurso de Boudica, segundo Tácito em *Annales*, XIV, 35.

Essa não é a primeira vez em que os Bretões foram liderados por uma mulher. Porém agora ela não veio gabar o orgulho de uma longa linhagem de ancestralidade, nem mesmo para recuperar seu reino e a riqueza saqueada de sua família. Ela tomou o campo, como os miseráveis entre eles, para fazer valer a causa da liberdade pública, e para buscar vingança por seu corpo costurado por vergonhosas faixas, e suas duas filhas abominavelmente arrebatadas. Para o orgulho e arrogância dos romanos nada é sagrado; tudo é sujeito à violação; os velhos suportam o açoite, e as virgens são defloradas. Mas os deuses vingadores estão agora à mão. Uma legião romana atreveu-se a encarar os bretões guerreiros: com suas vidas eles pagaram por sua impetuosidade; aqueles que sobreviveram à matança daquele dia adoeceram escondidos atrás de suas trincheiras, meditando em nada além de como se salvarem em vergonhosa fuga.

Da zoeira da preparação, e dos gritos do exército bretão, os romanos, mesmo agora, encolhem-se aterrorizados. Qual será o caso deles quando o ataque começar? Olhem ao seu redor e vejam seu contingente. Contemplem o magnífico espetáculo dos espíritos da guerra, e levem em consideração as razões pelas quais nós erguemos a espada da vingança. Neste local nós devemos também conquistar, ou morrer com glória. Não há alternativa. Embora uma mulher, meu propósito está fixo; os homens, se agradá-los, poderão sobreviver com infâmia, ou viver em escravidão.

REDE 1: VISÃO DOS BRETÕES SOBRE OS BRETÕES E SOBRE OS ROMANOS

Rede Temática	Elementos figurativos	Axiologia
Romanos: arrogância dos conquistadores deve ser punida com a derrota vergonhosa X	Romanos: orgulho, arrogância, tudo é sujeito à violação, açoite, “defloradas” e “violação” (agentes causadores), impetuosidade, adoeceram escondidos atrás de suas trincheiras, vergonhosa fuga, aterrorizados.	Enaltecimento dos bretões como verdadeiros guerreiros X Desprezo aos romanos por sua arrogância
Bretões: guerra de vingança contra os romanos para defender a causa da liberdade	X Bretões: liberdade pública, vingança, gritos, espada da vingança, dever conquistar ou morrer com glória, deuses vingadores; os homens poderão (...) sobreviver com infâmia [ou] viver em escravidão.	Enaltecimento da causa bretã de manutenção da liberdade ou morrer com honra X Viver sob jugo romano = viver com infâmia e escravidão

Boudica fez alianças com outras tribos que igualmente não estavam satisfeitas por razões diversas. Porém ela, sendo rainha e dessa maneira o topo da elite de sua tribo, detinha provavelmente a cidadania romana graças à política de concessões já explicada. Apesar de seu suposto discurso vir de uma fonte cuja fidelidade pode ser duvidosa por ser do lado do conquistador, podemos notar o momento que ela teria dito “... *para fazer valer a causa da liberdade pública...*” como influência da romanização ou, o que é mais provável, da criação do Tácito, colocando esse termo da realidade do autor no discurso dela, pois o que ela busca é algo que no mundo das idéias dos romanos é expresso por *liberdade pública*. Tal noção não é encontrada entre as tribos bretãs, que tinham uma organização que não apresentava essa noção de público,

pois seu oposto – *privado* – era bastante restrito àquilo que a pessoa carregaria - como os armamentos nos casos dos guerreiros - numa sociedade de clãs e tribos. Inclusive, por exemplo, onde familiares, pais e filhos e ainda irmãos compartilhavam suas esposas, ainda podendo ser entre dez e doze o número delas; e aqueles “... *nascidos destas, se os houver, são tidos como filhos daqueles a quem foi cada virgem entregue primeiro*”.¹⁶⁵

O caso da revolta de Boudica tem uma diferença interessante. Ela era da elite guerreira que tinha seu rei Prasutargus como cliente de Roma e, como integrante dessa elite cooptada, se ergueu contra a dominação, reivindicando, porém, valores romanos como a liberdade pública, noção esta que mostra a contradição existente nesse caso.

No transcorrer de todo o discurso há passagens bastante interessantes para serem colocadas como elementos de contraposição à sociedade romana e, portanto, do estabelecimento de uma fronteira étnica entre os agentes. Nas passagens os guerreiros bretões são enaltecidos pela sua honra e os soldados romanos são desprezados por sua arrogância. Na perspectiva bretã os romanos são associados como orgulhosos, à violação e escravidão, enquanto os bretões buscam a honra, liberdade e a vingança, sendo melhor morrer com honra, lutando pela liberdade, do que viver em escravidão.

Seguidamente, tanto explicitamente quanto subjetivamente, a idéia de vingança está presente nesse discurso, seja em relação à vingança pelos males pessoais quanto pelos dos demais, onde os deuses e os espíritos estavam do lado bretão para fazer essa como a justiça daqueles que foram açoitados, deflorados e mortos, tanto velhos quanto jovens. Essa postura coloca a questão de que ainda que por um lado tenham sido romanizados, mesmo sendo uma parte dessa sociedade, os bretões ainda mantêm sua identidade, vendo a si mesmos nesse processo como diferentes dos romanos, pois para

¹⁶⁵ CESAR, *De Bello Galico*, XIV

estes “... *nada é sagrado; tudo é sujeito à violação...*”. Um outro exemplo dessa idéia está quando Boudica teria dito que “*Neste local nós devemos também conquistar, ou morrer com glória. Não há alternativa.*”, onde estão lutando pela liberdade, dando a própria vida se necessário, inclusive as de seus próprios familiares quando preferem a morte à escravidão.¹⁶⁶

Antes do comando de Boudica às suas tropas, os soldados romanos se reuniram em volta de seu comandante, que gastou uma grande quantidade de tempo os convencendo de que a batalha poderia ser vencida.

Discurso de Suetônio, segundo Tácito em Annales XIV, 36

Desprezem o tumulto selvagem, os gritos e berros de bárbaros indisciplinados. Naquela multidão misturada, as mulheres superam em número os homens. Vazios de espírito, desprovidos de armas, eles não são soldados que vêm para oferecer batalha; são bastardos, rebeldes, a negação de suas espadas, os quais freqüentemente fugiram diante de vocês, e serão novamente levados à fuga quando virem a chama conquistadora nas fileiras da batalha. Em todos os embates e no valor de poucos que mudará a fortuna do dia. Essa será sua glória imortal, que com número escasso vocês podem igualar às façanhas de um grande e poderoso exército. Mantenham sua posições; arremessem seus dardos; invistam adiante a um combate próximo; derrubem a todos com seus escudos, e cortem uma passagem com suas espadas. Persigam os derrotados, e nunca pensem em saque e espólio. Conquistem, e a vitória lhes dará tudo.

¹⁶⁶ *idem*, *Agrícola*, cap. 38

REDE 2: VISÃO DOS ROMANOS SOBRE OS BRETÕES

Rede Temática	Elementos figurativos	Axiologia
<p>“Nós” Romanos: Verdadeiro exército de verdadeiros soldados e, por isso, vitoriosos</p> <p style="text-align: center;">X</p> <p>“Eles” Bretões: bárbaros, falsos guerreiros e, por isso, derrotados.</p>	<p>Romanos: chama conquistadora (...) da batalha; valor de poucos mudará a fortuna do dia, sua [dos romano] glória imortal; façanhas de um grande e poderoso exército; arremessem seus dardos (...) derrubem a todos com seus escudos; “Conquistem, e a vitória lhes dará tudo” . .</p> <p style="text-align: center;">X</p> <p>Bretões: “tumulto selvagem”; “gritos e berros de bárbaros indisciplinados; “naquela multidão misturada as mulheres superam em número os homens”, vazios de espírito, desprovidos de armas; “eles não são soldados que vêm para oferecer batalha”, bastardos, rebeldes, negação de suas espadas, fuga, derrotados.</p>	<p>Desprezo do general romano aos bretões, tidos por eles como bárbaros, como guerreiros, e enaltecimento dos romanos como verdadeiros combatentes.</p>

Os romanos mantiveram sua posições numa formação de falange – seus escudos sobre eles para criar um teto de proteção contra as lanças bretãs. Quando o inimigo estava ao alcance, Suetônio deu a ordem: mudaram rapidamente para uma formação triangular, e uma chuva de dardos foi arremessada sobre os bretões.

Após isso, ondas de infantarias auxiliares foram seguidas por ondas de infantarias romanas e a massa dos bretões em avanço estavam agora mortos, e o caos foi implantado na força de retaguarda bretã. A cavalaria partiu e atacou pelos lados, prendendo os bretões entre os mortos, que recuavam para a sua retaguarda, onde eram mais fracos: onde suas famílias sentavam em suas carroças, indefesos. Quando as últimas infantarias se aproximaram das forças de Boudica, os empalaram contra suas próprias famílias e completaram a matança. Alguns escaparam; muitos morreram. E apesar da rebelião estar terminada, várias batalhas continuaram por algum tempo.

A tradição diz que Boudica sobreviveu à batalha final apenas para retornar a sua casa e se envenenar. É extremamente improvável que Nero exerceria a clemência em seu caso, ou no caso de suas filhas, o que explica porque elas, também, saíram da história junto com a sua mãe. Se Boudica tivesse sobrevivido e sido capturada, ela teria sido levada como ponto principal da cerimônia de triunfo de Suetônio em Roma, e sujeitada a horrores inomináveis, dos quais o último teria sido a execução.

O confronto entre os dois discursos, o de Boudica e o de Suetônio Paulino é bastante elucidativo para os propósitos desta dissertação no tocante ao emprego dos pressupostos da “fronteira étnica”. O enfrentamento entre bretões e romanos gerou, de ambas as partes, um estranhamento em relação ao outro, um desprezo pelas posições e atitudes do outro grupo étnico e, ao mesmo tempo, uma reafirmação de suas próprias características.

Assim, para a rainha Boudica os bretões eram os verdadeiros guerreiros e sua causa era justa, legítima e contava com o apoio dos deuses. Era a própria causa da liberdade que estava em jogo, como se depreende de suas palavras. Para ela, aceitar o jugo romano era o mesmo que viver em humilhação, com infâmia, ou seja, tornar-se

escravo. É interessante ressaltar que é no campo semântico da guerra que aparecem os valores dos bretões reafirmados pela rainha; os bretões é que seriam os verdadeiros guerreiros, sua causa era justa e também por isso eles seriam vitoriosos.

Para Suetônio Paulino, ao contrário, os bretões não passariam de bárbaros indisciplinados, desconheceriam as verdadeiras regras da guerra, mais desejosos de saques e incêndios do que em conquistar territórios. Os bretões são alvo de uma visão bastante preconceituosa que ignora as suas táticas guerreiras, e mesmo são mostrados como completamente inaptos para a guerra e para qualquer atividade que exija disciplina. Já os romanos são mostrados como verdadeiros guerreiros, destinados a vencer com glória. O campo semântico da guerra, novamente, é o *locus* escolhido, não por acaso, porque era um contexto histórico de guerra que se travava entre romanos e bretões, para demarcar a “*fronteira étnica*” entre bretões e romanos nos dois discursos.

Creio que a comparação entre esses dois discursos é frutífera para dar conta de meu objeto de estudo, pois percebe-se em sua análise que era o enfrentamento entes esses dois grupos que permitiu tanto a um quanto a outro reafirmar seus valores como legítimos e mostrar o grupo adversário como ilegítimo e mesmo “bárbaro”.

CONCLUSÃO

Nesta análise sobre os contatos entre bretões e romanos, nos aproximamos aos conceitos de etnicidade e fronteira étnica. Assim, é preciso que voltemos às observações feitas sobre o perigo, para a pesquisa, de nos referirmos ao discurso romano. Se os bretões não podem ser definidos de modo objetivo, não é então absurdo pensar que eles existiram apenas, em certo sentido, principalmente como representação e objeto de discurso. O perigo em relação ao discurso romano reside antes no risco que se corre de se envolver com ele, ou se fazer envolver por ele, acreditando atingir uma definição que captaria a própria essência dos bretões e que poderia abster-se das condições históricas e ideológicas nas quais qualquer tentativa de definição dos bretões continuaria atada. Pode-se então avaliar que o estudo dos bretões deve incluir a transformação do conceito que lhe é atribuído pelos romanos desde quando fazem menções do início da conquista e da campanha contra Carataco, até a sua captura, seguindo a equação em que “Carataco, logo Catuvellauni, logo bretões”. Enquanto na concepção romana as tribos bretãs eram dadas e identificadas à Britânia para constituir um grupo coeso, uma visão que se impôs principalmente a partir de 43 d.C., sob a denominação de “bretões”, isso separa simultaneamente os romanos – tratados como uma comunidade preexistente – dos nativos, para ligá-los novamente nos termos de aspiração e de programa político de alianças.

A Britânia como uma das elaborações ideológicas da idéia de “bretão” é, desta forma, indiscutivelmente o promotor da etnicidade. Mas, pergunta-se, por que, então, há duas palavras? Porque a Britânia é justamente um constructo político e porque a etnicidade não é por sua vez um conceito político. Certamente ela pode ser utilizada politicamente, mas a política da etnicidade não tem ligação necessária com o

imperialismo romano e pode ser completamente indiferente aos objetivos dos programas imperiais. A própria política imperialista romana, para realizar seu programa, procura identificar-se com a etnicidade, já que ela lhe permite que funde a “romanidade” em uma continuidade histórica e lhe forneça um sentido de “nós”, de uma identidade que lhe falta na exata medida em que ela é uma criação. Assim, a etnicidade faz parte de um “protoimperialismo romano”. Esta noção não implicava em excluir a possibilidade de se invocar sua identidade na natureza dos sentimentos universalizantes, pois tal é uma ferramenta que leva a diferenciar os membros de seu grupo (“nós”) dos ditos “bárbaros” estrangeiros (“eles”).

Retomando e relembrando as nossas hipóteses apresentadas em nossa Introdução, alcançamos os seguintes resultados:

Hipótese 1: *“O processo de romanização da Britânia ocorrido durante o primeiro século d.C. foi marcadamente original, mesmo única, e não se deu de modo completo, mas superficial, pois a contínua resistência dos bretões à dominação Romana imprimiu algumas características a esse processo.”*

O processo de conquista da Britânia durante a maior parte do século I d.C. por Roma se deu de forma muito turbulenta, com poucos períodos de tranquilidade para as forças de ocupação romanas. Os romanos talvez tenham subestimado os povos da ilha, crendo que não seriam necessárias muitas medidas defensivas, apenas ofensivas para imprimir a conquista e as assegurariam com facilidade depois. A resistência, mesmo que isolada, já que os bretões não possuíam a coesão necessária para uma maior coesão, havendo no máximo certas lideranças individuais sob as quais tribos se uniam para a guerra. Assim foi tanto com Carataco, quanto com Boudica.

Hipótese 2: *“A visão dos letrados romanos que escreveram sobre os bretões e a dura conquista da Britânia pelos romanos é preconceituosa e revela um rigor decorrente das tensões e conflitos surgidos no processo de conquista e de romanização da ilha.”*

A perspectiva das fontes escritas que temos acesso atualmente representa o discurso romano. Mesmo que alguma imparcialidade possa ter sido assumida, mesmo assim percebemos críticas à sociedade romana e certos valores e idéias que deveriam ser de algum bretão profundamente romanizado, se é que essas palavras existiram realmente. O importante é que por esses textos podemos extrair a forma que os romanos viam os bretões, estabelecendo com facilidade a dicotomia entre positivos e negativos, em diversos âmbitos. Quando o discurso representava palavras romanas, os próprios romanos seriam superiores aos bretões, enquanto que se o discurso representava palavras bretãs, os romanos seriam inferiores aos bretões. De qualquer modo, existiram defeitos e qualidades em ambos os lados, sendo os defeitos de um julgados por eles próprios como qualidades, e vice versa. Foi justamente no momento do confronto bélico que tais discursos teriam sido feitos pelos líderes aos seus comandados, o que nos possibilita vislumbrar a mensagem, mesmo que criptografada pelo discurso parcial dos autores romanos, de que os romanos tinham ciência das suas próprias falhas, as quais eram deixadas de lado pelo discurso oficial romano, surgindo somente nas palavras dos ditos “bárbaros” nativos, preservando provavelmente o autor da obra da responsabilidade da crítica nela contida.

Hipótese 3: *“Nos embates entre bretões e romanos no decorrer do processo de dominação imperialista da Britânia construiu-se uma “fronteira étnica” entre os povos dominadores e os dominados que se percebe através do estudo das diversas formas de*

resistência dos bretões aos romanos que incluíam desde discursos até a revolta aberta de bretões contra romanos.”

A fronteira étnica se estabelece justamente pelo contato, pela interação, comunicação, seja ela pacífica ou não. No caso da Britânia temos a proeminência da violência como palco da interação entre romanos e bretões. Contudo, não estamos utilizando o termo *violência* de modo apenas a indicar a agressão física, mas também a supressão da liberdade, a violência sofrida pela destruição de *oppida* bretões, a opressão econômica pela cobrança de impostos, o alistamento forçado nas forças auxiliares, etc. Se pararmos para analisar, a conquista por si só estabelece uma violência que é a intervenção, por meio da força ou da ameaça do uso da força, já que as legiões estavam prontas para agir em caso de necessidade, na vida e na dinâmica que as redes sociais tinham obtido. Porém, não havia essa violência por parte dos romanos. Antes mesmo da chegada deles, as tribos bretãs se encontravam constantemente em guerras, algumas semelhantes às batalhas ancestrais entre as cidades gregas ou romanas, que enfrentavam outros grupos para obterem o que necessitavam e não empreendiam conquistas. Posteriormente, destaca-se na Britânia uma potência que empreendia a conquista e a ocupação, eram os Catuvellauni, a tribo de Carataco.

Percebemos, portanto, que não havia puramente uma relação entre dominadores e dominados no momento que os romanos entram em cena. Passou a haver, sim, uma disputa entre dois projetos semelhantes, baseados na conquista e na dominação dos subjugados.

O caso de Boudica já apresenta, sim, a relação mencionada, apesar de suas contradições. A rainha representava anteriormente um povo aliado dos romanos, que já tinham se erguido contra eles quando sentiram-se lesados em seus direitos enquanto

clientes. Em 60, porém, Prasutargo comete o equívoco de crer que dividir suas posses com o imperador e suas filhas em seu testamento fosse proteger a integridade de sua família e de seu reino quando morresse. Assim, uma antiga tribo aliada de Roma tem seu território confiscado, os nobres icenos perdem seus domínios e a família do antigo rei, suas filhas e esposa, são tratadas com profunda violência, talvez para servirem de exemplo, recebendo o tratamento que, na ideologia dos romanos, mereciam aqueles que se desafiavam a ordem de Roma. A rainha se torna novamente uma “bárbara” na plena acepção da palavra aos olhos dos romanos e encara seus antigos aliados agora como inimigos e empreende a sua campanha, aliando-se aos trinovantes. Essa revolta impôs marcas que ameaçaram a integridade da província de tal forma que por alguns anos após seu fim ainda era possível sentir seus reflexos.

Acreditando que foram alcançados os objetivos propostos e as hipóteses confirmadas, com ressalvas na terceira, espero que tenha contribuído para o estudo de uma região e período ricos em possibilidades de análise e investigação. Mesmo com as dificuldades impostas pela ausência de fontes escritas de um dos lados, podemos entrever por outras fontes a vida dos chamados bretões, tentando entender como se colocaram contra o invasor estrangeiro e em alguns casos conseguiram unir-se para enfrentar um inimigo em comum. A idéia da fronteira étnica foi de grande valor para expor com mais clareza os elementos que integravam esses eventos, seus projetos, seus antagonistas e, por isso mesmo, a eles próprios. O contato de romanos e bretões levou não só ao choque violento, mas também ao sincretismo, à adaptação, que diversos outros trabalhos já colaboraram e ainda terão o que colaborar para o nosso conhecimento sobre os povos da antiguidade.

BIBLIOGRAFIA

ALCOCK, S. Vulgar Romanization and the Dominance of Elites. In: Keay, Simon; Terrenato, Nicola (Eds.) Italy and the West. Comparative Issues in Romanization. Inglaterra: Oxbow Books, 2001

ALFÖLDY, Géza. A História Social de Roma. Editorial Presença. Lisboa, 1989

AUGUSTUS, Res Gestae Divi Augusti. Disponível em:
http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Augustus/Res_Gestae/home.html
 Acessado em: 05/02/2009

BELEBONI, Renata Cardoso. “Abordagens em História Antiga”, In: PHOÏNIX, Sette Letras, Rio de Janeiro, 8: 359-371, 2002.

BENNETT, Julian. Towns in Roman Britain. Col. Shire Archeology. Inglaterra: Shire Publications

BOGAERS, J.E. “King Cogidubnus: another reading of RIB 91”. Britannia 10, 1979

BUSTAMANTE, Regina. “Roma Aeterna” in COSTA, D.; SILVA, F. C. T. da. Mundo Latino e Mundialização. Rio de Janeiro: Mauad, (p. 35), 2004

CAIO JÚLIO CÉSAR. *Comentários sobre a Guerra da Gália*. Trad. José P. Tavares. São Paulo: Lusitana, s.d.

CARDOSO, C. Etnia, nação e mundo pré-moderno: um debate In: CARDOSO, C. Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios. Bauru, SP: Edusc, 2005

CARDOSO, Ciro Flamarion; FONTES, Virgínia. Apresentação. Tempo., Niterói, v. 9, n. 18, 2005. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042005000100001&lng=es&nrm=iso – Acessado em: 05 Nov 2006

CARDOSO, C. F. S. “A SEMIÓTICA TEXTUAL E A BUSCA DO SENTIDO”, In: Narrativa, Sentido e História. SP, Papirus, 1997

CARDOSO, C. F. S. Narrativa, Sentido, História. SP, Papirus, 1997.

CASSIUS DIO, Roman History, Epitome of Book LXVI. Disponível em:
http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cassius_Dio/66*.html – acessado em 05/02/2009

COLLINGWOOD, R. G.. Roman Britain. In: An Economic Survey of Ancient Rome - Vol. III. Editado por Tenney Frank. Pageant Books, INC. New Jersey, 1959.

COLLINGWOOD, R. G., MYRES, J. N. L.. Roman Britain and the English Settlements. New York: Biblo and Tannen, 1990

CREIGHTON, John. *Coins and Power in Late Iron Age Britain*. Cambridge University Press. Cambridge, England. 2000

CRUMMY, Philip *The development of Roman Colchester in Roman Towns: The Wheeler Inheritance a Review of 50 Years' Research* Edited by STEPHEN J GREEP, CBA (Council for British Archeology) Research Report, 1993

CRUMMY, P. 'Eureka! A Roman circus'. *Colchester Archaeologist* 18, (2005a), p. 2-8 apud *Colchester Roman Circus Management Plan*, p. 6

CUNLIFFE, Barry. *The Ancient Celts*. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press, 1997

CUNLIFFE, Barry. *Iron Age Communities in Britain: An Account of England, Scotland and Wales from the Seventh Century BC until the Roman Conquest*. New York: Routledge, 2004

DAVIDSON, Jorge. *A construção de um espaço para o império romano: arquitetura, monumentos e ordenamento espacial – Estudo de casos: cidade de Roma e Bretanha Romana – séculos I e II*. Tese de Doutorado. UFF, Niterói, 2004

DAY, Debbie. "Change and evolution in Roman Britain" in. *British Archaeology*, no 30, December 1997: Features

DRAGADZE, T. The place of "ethnos" theory in Soviet anthropology. In: GELL-NET, E. (Org.). *Soviet and Western anthropology*. London: Duckworth, 1980. p.162 apud CARDOSO, C. *Etnia, nação e mundo pré-moderno: um debate* In: CARDOSO, C. *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru, SP: Edusc, 2005

FERREIRA NETO, Edgard Leite. "Historia e etnia". In: Cardoso C.; Vainfas R. (org.) *Domínios da História: Ensaio de teoria e metodologia*, Rio de Janeiro: Elsevier, 1997

EUTROPIUS, *Abridgement of Roman History*. Disponível em: <http://www.forumromanum.org/literature/eutropius/index.html>

ESTRABAO, *Geography*. Disponível em: <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Strabo/home.html> Acessado em: 05/02/2009

FLORUS, *Epitome of Roman History*. Disponível em: <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Florus/Epitome/home.html> Acessado em: 05/02/2009

FRONTINUS, *Stratagemata*. Disponível em: <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Frontinus/Stratagemata/home.html> Acessado em: 05/02/2009

FINLEY, M.I. *A economia antiga*. Porto: Afrontamento, 1980.

- FUNARI, P.P.A. “O comércio interprovincial e a natureza das trocas econômicas no Alto Império Romano: as evidências do azeite bético na Bretanha. In: PHOÏNIX, Sette Letras, 2000: 295-311
- GONÇALVES, Ana T. Marques. “Diversidade étnica no Império Romano: o caso dos bretões”, In: PHOÏNIX, Sette Letras, Rio de Janeiro, 8:15 -23, 2002
- GREIMAS, A.J. & COURTÈS, J. Dicionário de Semiótica. SP: Cultrix, 1989
- GRIMAL, P. O Império Romano. Lisboa: Ed. 70, 1999
- GRÜNEWALD, Thomas. Bandits in the Roman Empire: Myth and Reality. DRINKWATER, John. (trad.). Routledge, London, 2004
- HINGLEY, Richard. Concepções de Roma: uma perspectiva inglesa. Trad.: Renata Senna Garraffoni. In: Funari, Pedro Paulo (org.), Repensando o Mundo Antigo. Campinas IFCH-UNICAMP, Coleção Textos Didáticos n.47, março de 2002
- JAMES, S. ‘Romanization and the peoples of Britain’. In: Keay, Simon; Terrenato, Nicola (Eds.) Italy and the West. Comparative Issues in Romanization. Inglaterra: Oxbow Books, 2001
- KEPPIE, L. Understanding Roman Inscriptions. Routledge, London, 2001
- LAMONT, Michele. e MOLNAR, Virag. The Study of Boundaries in the Social Sciences. Annual Review of Sociology. 2002. p. 167.
- MATTEM, S. P. Rome and the Enemy: Imperial Strategy in the Principate. University of California Press. Berkeley, CA. 1999
- MENDES, N. M. Sistema Político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MENDES, N. M. ; FUNARI, P. P. A. ; CHEVITARESE, A. L. ; BUSTAMANTE, R. . Romanização e as questões de identidade e alteridade. O conflito social na História da Antiguidade: stasis & discordia - Boletim do CPA, IFCH/UNICAMP, v. 11, n. jan/jun, p. 25-42, 2001
- MENDES, N. M. “Romanização, navegação e comércio no litoral do Algarve” In: PHOÏNIX, Sette Letras, 2001: 311-330
- MENDES, Norma Musco; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; DAVIDSON, Jorge. A experiência imperialista romana: teorias e práticas. Tempo, Niterói, v. 9, n. 18, 2005.
- OTTAWAY, Patrick. “Early Roman Towns”. In: Archeology in British towns: from the Emperor Claudius to the Black Death. Londres: Routledge, 1996

PLUTARCO, Life of Caesar. Disponível em:
http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Lives/Caesar*.html
 Acessado em: 05/02/2009

POLIBIO, Histories. Disponível em:
<http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Polybius/home.html> Acessado em:
 05/02/2009

POUTIGNAT, P. Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth / Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart; tradução de Elcio Fernandes. - São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998

RANKIN, David. Celts and the Classical World. Routledge. London. 1996

SAHLINS, M. Ilhas de História. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SAID, E. W. Cultura e Imperialismo. SP: Cia. das Letras, 1995

SAID, E. W. Orientalismo. São Paulo: Cia das Letras, 1996

SALWAY, Peter. Roman Britain: A Very Short Introduction. Oxford University Press. Oxford, England, 2000

SHOTTER, David. Roman Britain. Routledge, Nova York, 2004

SUETONIO, Claudius. Disponível em:
http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Suetonius/12Caesars/Claudius*.html
 Acessado em: 05/02/2009

SUETONIO, Vespasiano. Disponível em:
http://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Suetonius/12Caesars/Vespasian*.html
 Acessado em: 05/02/2009

TÁCITO. *Annals*, livro XIV, caps. 29-37. Alfred John Church e William Jackson Brodribb (ed.). Disponível em: <http://www.fordham.edu/halsall/ancient/tacitus-annals.txt>
 Data da consulta: 02/02/2009

TÁCITO. *Life of Cnaeus Julius Agricola*. Alfred John Church e William Jackson Brodribb (ed.). Disponível em: <http://www.fordham.edu/halsall/ancient/tacitus-agricola.html>
 Data da consulta: 19/01/2009

WACHER, John. The Towns of Roman Britain. Grã Bretanha: Bastford, 1976

WEBSTER, Graham. Rome against Carataco: The Roman Campaigns in Britain AD 48-58. Londres: Batsford, 1993

WELCH, G. P. *Britannia, the Roman Conquest and Occupation of Britain*. Wesleyan University Press. Middletown, CT. 1963

ZANKER, Paul. *The Power of Images in the Age of Augustus*. University of Michigan, 1998

Sites Consultados

Athena Review – <http://www.athenapub.com>

British History Online – <http://www.british-history.ac.uk>

British Museum – www.thebritishmuseum.ac.uk

Channel4.com – <http://www.channel4.com/history>

Colchester's Roman Wall – <http://www.camulos.com/townwall.htm>

Colchester Archeological Trust – <http://www.catuk.org>

Digressus – <http://www.digressus.org>

Roman Glassmakers – <http://www.romanglassmakers.co.uk>

Romans in Britain – <http://romans-in-britain.org.uk>

Scielo Brasil – <http://www.scielo.br>

The Perseus Digital Library – <http://www.perseus.tufts.edu>

UNICAMP – <http://www.unicamp.br/>

VROMA – Virtual Roma - <http://www.vroma.org/>

Wikisource – <http://en.wikisource.org/>

ANEXOS

TABELA 1 - TRIBOS DA BRITÂNIA

Tribo	Localização: Capital / Extensão (nomes atuais)	Relações com Roma
Atrebates	Silchester, Hants Extensão: W. Sussex, W. Surrey, Hampshire, Berkshire, N.E. Wiltshire)	Commius, rei da dinastia Atrebate da Gália, era aliado de César. Contudo, ele trai Roma e foge para a Britânia, estabelecendo um reino até a chegada de Roma em 43.
Belgae	Winchester, Hants Extensão: Hampshire	Amálgama de estados belgas criado pelos romanos. Os antecessores do continente eram hostis aos romanos.
Brigantes	Aldorough, N. Yorks Extensão: todo N.E. da Inglaterra, com a exceção de Humberside.	Provavelmente uma federação de estados. Governo pró-romano e aliado de Roma (Cartimandua), mas com manifestações anti-romanas por parte de outros grupos internos.
Cantiaci, Cantii	Canterbury, Kent Extensão: Cantium (Kent)	Tribo de origem belga, mencionada por César como a tribo mais civilizada da ilha. Aliada de Roma.
Carvetii	Carlisle, Cumbria Extensão: Toda a Cumbria e parte do Norte de Lancashire, SW Durham e SE Dumfries & Galloway (Escócia)	Tribo antes parte do território dos Brigantes, mas que recebeu seu próprio conselho tribal. Reino de Venutius, marido de Cartimandua. Portanto, primeiramente uma tribo pró-romana, posteriormente, com a crise do trono de Cartimandua, quebra a aliança e assume perfil anti-romano.

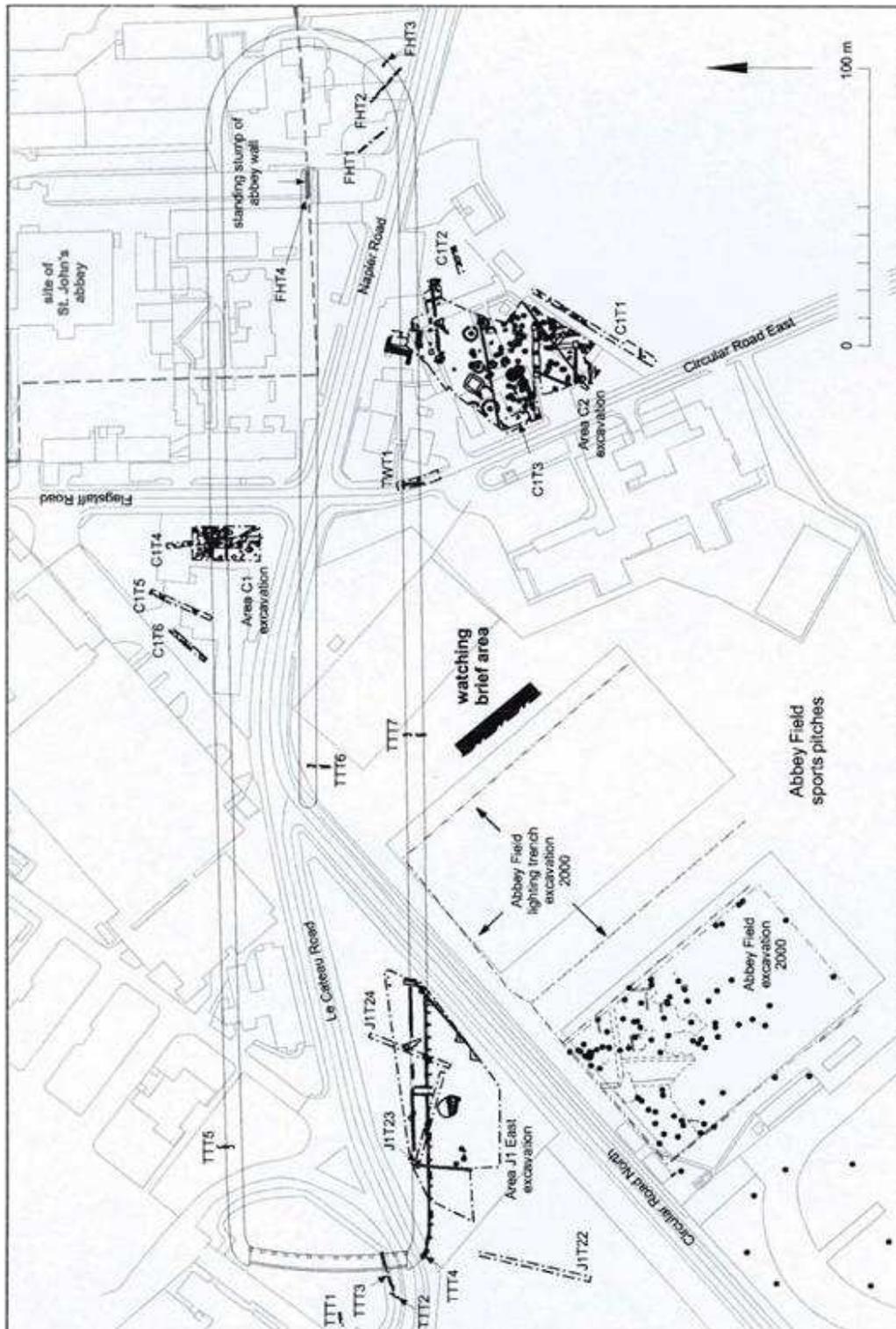
Catuvellauni	St. Albans, Herts Extensão: Cambs., N.Hants., Beds., Bucks., Oxon. E. de Charwell	Cassivellaunus organizou a resistência bretã contra a segunda invasão de César. Posteriormente o trono fica para Togodumnus, filho de Cunobelinus e irmão de Carataco. Inimigos de Roma.
Coritani/Corieltavi /Corieltauvi	Leicester Extensão: Leics., Notts., Lincs. E parte de S. Yorks	Não era uma tribo unificada, mas havendo até três governantes ao mesmo tempo, sendo mais pessoas que compartilhavam a mesma aparência e práticas sociais. Receptivos a Roma, provavelmente pela presença romana em seu território ter evitado as repetidas incursões dos Brigantes. A fronteira Fosse Way cortava o território Coritani.
Cornovii	Wroxeter, Shropshire Extensão: Principalmente Shrops., com partes de Staffs., Ches., Clwyd e E. Powys	(???)
Deciangli / Decangi / Deceangi / Cangli / Ceangi / Ceangli (nome preciso incerto)	Não havia capital N. Wales; N. Clwyd e N. Gwynedd.	Não possuíam instituições de governo, nem identificada capital romanizada. Como uma sociedade notadamente militarizada, viviam essencialmente em fortes. Aparentemente inimigos de Roma, já que tropas lideradas por Ostorius atacaram a região.
Demetae	Carmarthen, Dyfed Extensão: S.W. Dyfed	Não é mencionada nos registros de Tácito.

Dobunni	Cirencester, Gloucestershire Extensão: W.Oxon., Gloucs., N.Somerset, Avon, S. partes de Her. e Worcs. e Warks	Povo não-belga; não tinham perfil militar, viviam em pequenas vilas e eram uma das poucas tribos a cunhar moedas antes da chegada dos romanos; se renderam a Aulus Plautius na invasão de 43 d.C.
Dumnonii	Exeter, Devon Extensão: Cornwall & Devon leste de Exe	Não existem referências claras nas fontes clássicas, exceto por Ptolomeu, que lista quatro cidades para a tribo. Evidências arqueológicas mostram resistência nativa no estilo de construção, que não apresentam características romanizadas.
Durotriges	Dorchester, Dorset Extensão: Dorset, S. Wilts., S. Somerset, Devon	Não há evidências de centro tribal Pré-romano. Resistiram à invasão de 43 d.C. e o historiador Suetônio registra algumas lutas entre a tribo e a II legião Augusta, comandada na época por Vespasiano. Em 70 d.C a tribo já estava romanizada e incluída na província da Britannia.
Iceni	Caister St. Edmund, Norfolk Extensão: Norfolk & N.W. Suffolk	Sociedade governada por reis. Se renderam a César na segunda invasão, tornaram-se um reino cliente. Contudo, ergueram-se contra Roma em duas ocasiões antes de serem anexados como território provincial: 47 d.C devido ao desarmamento instituído pelo governador Ostorius Scapula; e 60-61 d.C. com a revolta da rainha Boudica.

Ordovices	Sem capital Principalmente S. Gwynedd, S. Clwyd	Não possuíam instituições de governo, nem identificada capital romanizada. Inimigos de Roma. Carataco liderou a tribo durante sua campanha de resistência. Em 70 d.C. revoltam-se novamente, recebendo a resposta de Agricola, que supostamente dizimou a tribo.
Parisi/Parisii	Brough on Humber, Humberside Extensão: Humberside	(???)
Regnenses / Regni	Chichester, W. Sussex Extensão: Sussex, parte de Hampshire	Aparentemente um amálgama de povos belgas unidos sob o governo do rei Togidubnus pelos romanos. O reino não existia antes da intervenção romana. Aliados.
Silures	Caerwent, Gwent Extensão: Glamorgans, Gwent e talvez S. Powys	Hostil a Roma. Carataco liderou a tribo durante sua campanha de resistência. Após a captura do líder-guerreiro, a resistência Silure se intensifica contra Scapula e segue dando trabalho para os próximos três governadores romanos: Didius Gallus (52-57); Quintus Veranius (57-58) e Julius Frontinus os derrota aproximadamente em 76 d.C.
Trinovantes	Widford, nr. Chelmsford, Essex Extensão: Essex, S. Suffolk	O príncipe Mandubracius foi exilado para a Gália após a morte de seu pai pelos Catuvellauni. Então se une a César e o acompanha na segunda invasão à Britânia. Dubnovellaunus vai à Roma pagar tributo a

		<p>Augusto e pedir ajuda contra o ataque de Cunobelinus, dos Catuvellani. Contudo, aparentemente por não terem recebido de volta os territórios prometidos pelos romanos após a derrota de Carataco e dos Catuvellauni, a tribo se une aos Iceni na revolta de Boudica.</p>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Circus Romano de Colchester



Fonte: Colchester Roman Circus Management Plan
 Disponível em: http://www.colchestermuseums.org.uk/infodesk/info_downloads.html